RICARDO LUÍS NICOLA

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: NOVOS COMPORTAMENTOS EDITORIAIS E ESTÉTICOS

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

RICARDO LUÍS NICOLA

BIBLIOTECA - UNESP - CAMPUS BAURU

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: NOVOS COMPORTAMENTOS EDITORIAIS E ESTÉTICOS

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Câmpus de Bauru, para a obtenção do título de Mestre em Projeto, Arte e Sociedade (Área de Concentração: Comunicação e Poéticas Visuais).

Orientador(a): Profª.Dra.*Nelyse Apparecida Melro Salzedas*

BAURU

1997

N.º 590
BIBLIOTECA - UNESP
CAMPUS DE BAURU

RICARDO LUÍS NICOLA

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: NOVOS COMPORTAMENTOS EDITORIAIS E ESTÉTICOS

COMISSÃO JULGADORA

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

Presidente e Orientador: *Profª. Dra. Nelyse Apparecida Melro Salzedas*
2º Examinador:
3º Examinador:

Bauru(SP), de de 1997

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

DADOS CURRICULARES
RICARDO LUÍS NICOLA

NASCIMENTO	25.6.1968 - JAÚ-SP
FILIAÇÃO	Francisco Nicola Deuse dos Santos Nicola
1986/1989	Curso de Graduação Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. *Curso:Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo*
1993/1997	Curso de Pós-Graduação em Projeto, Arte e Sociedade - Área de Concentração: Comunicação e Poéticas Visuais, nível Mestrado, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru - UNESP.
1995/1997	Professor Auxiliar de Ensino (MS-1) do Departamento de Comunicação Social, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru - UNESP.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Aos meus pais, *Deuse e Francisco*, pérolas preciosas que sempre me apoiaram.

Meus agradecimentos à professora *Dra. Nelyse Apparecida Melro Salzedas*, pela orientação e extrema competência; ao professor *Dr. Antonio Carlos de Jesus*, pelo cessão de extensa bibliografia e sugestões; à professora *Dra. Maria Tereza Miceli Kerbauy*, pelas considerações e sugestões, e ao professor *Dr. Silvio de Santana Jr.*

Agradeço também à professora *Maria Evelina Meyer Lana*, diretora-proprietária do Modern English Institute - MEI, Jaú(SP), pelas revisões no inglês.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Agradeço a *Deus*, sem o qual nem eu e nem esta dissertação seriam *escritos*.

"(...)eu comprei uma dessas máquinas maravilhosas - um computador. É um milagre o que acontece naquela tela. Você já examinou por dentro uma dessas coisas? Não dá para acreditar. É toda uma hierarquia de anjos... todos sobre placas. E aqueles pequenos tubos - aqueles são milagres. Meu computador me proporcionou uma revelação sobre a mitologia. Você compra um determinado programa e ali está todo um conjunto de sinais que conduzem à realização do seu objetivo. Se você começa tateando com sinais que pertencem a outro sistema de programas, a coisa simplesmente não funciona. (...) É preciso entender que cada religião é uma espécie de programa com seu conjunto próprio de sinais, que funcionam."

"É o que Goethe disse no Fausto, mas que Lucas (George Lucas, cineasta[sic]) expressou em linguagem moderna - a mensagem de que a tecnologia não vai nos salvar. Nossos computadores, nossas ferramentas, nossas máquinas não são suficientes. Temos que confiar em nossa intuição, em nosso verdadeiro ser."

Joseph Campbell(1904-1987) em **"O Poder do Mito".**

unesp

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS 10
Resumo 12
Abstract 13
INTRODUÇÃO 14
1 Primeiro Capítulo: Aspectos do desenvolvimento da comunicação 21
1.1 O desenvolvimento da linguagem 23
1.2 O desenvolvimento dos meios de comunicação 31
1.2.1 A escrita 31
1.2.2 A tipografia 51
1.2.3 Os novos meios de comunicação do século XIX até a metade do século XX 59
1.2.4 Os meios eletrônicos do século XX 63
1.3 A sociedade da informação 67
1.4 A tecnologia e o trabalho 69
2 Segundo Capítulo: A Editoração Eletrônica 73
2.1 Fundamentos teóricos da editoração eletrônica 75
2.1.1 Classificação dos produtos editoriais 78
2.2 Seleção - A editoração de textos 86
2.3 Padronização - O processo de edição 88
2.4 Multiplicação - Os aspectos estéticos da editoração eletrônica 91
2.4.1 A resolução como meta de aprimoramento estético 97
2.5 Veiculação - Imprensa Especializada 101
3 Informatização: Impactos Editoriais e Estéticos 108
3.1 Mídia impressa e Criatividade: uma parceria com o computador? 112
3.2 Infra-estrutura tecnológica 132
3.3 Comportamentos editoriais e estéticos da editoração eletrônica 135

3.4 O modo de produção editorial e estético 137
3.5 *Liberdade Informática e Novos Direitos*.....140
3.6 *Jornalismo, Ética e Qualidade*.....142
4 CONCLUSÃO 144
5 BIBLIOGRAFIA 147

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A Arte na Idade da Pedra 25
Figura 2 - A Arte na Idade da Pedra 26
Figura 3 - Artefatos do Paleolítico 28
Figura 4 - O Homem 32
Figura 5 - E seus parentes(1) 33
Figura 6 - Exemplos de escrita antiga 37
Figura 7 - Exemplos de escrita antiga 38
Figura 8 - Desenvolvimento da escrita primitiva 41
Figura 9 - Tabuleta Linear B 43
Figura 10 - O Alfabeto 45
Figura 11 - Gutenberg 56
Figura 12 - Sistemas Linotipo e Monotipo 64
Figura 13 - O Homem 71
Figura 14 - E seus parentes(2) 72
Figura 15 - Exemplo de impresso verbo-nominal 79
Figura 16 - Quadro de classificação editorial 81
Figura 17 - Modelo de uma publicação de mesa 84
Figura 18 - Esboços para publicações de mesa 85
Figura 19 - O aplicativo PageMaker 4.0(Editor de Texto) 89
Figura 20 - O aplicativo PageMaker 4.0(Editor de Layout) 90
Figura 21 - Foto com 300 DPI'S 95
Figura 22 - Foto com 3.000 DPI'S 96
Figura 23 - Variações semânticas de um mesmo signo tipográfico 99
Figura 24 - Uma estética quantitativa 100
Figura 25 - Imagem digitalizada da *Folha Calçadista* 101
Figura 26 - Imagem digitalizada da *Folha da Medicina* 104
Figura 27 - Imagem digitalizada do *Cereja: Momento Agrícola* 105
Figura 28 - Esquema básico da Editoração Eletrônica 107

unesp

Figura 29 - Modelo de jornal pronto disponível em software 115
Figura 30 - Folha de S.Paulo(S.Paulo-SP)- *detalhe*: *Disposição de cabeçalho (títulos etc.) assinalada aparece repetida nos demais veículos.* 116
Figura 31 - O Estado de S.Paulo(S.Paulo-SP)- *detalhe*: *Títulos assinalados estão com a mesmas fontes e dimensões usadas pelo* ***Jornal da Cidade*** *(figura 32)* 117
Figura 32 - Jornal da Cidade(Bauru-SP)- *detalhe*: *Títulos assinalados estão com as mesmas fontes e dimensões usadas pelo* ***O Estado de S.Paulo*** *(figura 31)* 118
Figura 33 - Primeira página do Diário de Notícias (Portugal) 119
Figura 34 - Primeira página de O Independente (Portugal) 120
Figura 35 - Detalhe da primeira página do USA Today (Estados Unidos) 121
Figura 36 - Detalhe da primeira página do Correire Della Sera (Itália) 122
Figura 37 - Detalhe de primeira página do The New York Times (Estados Unidos) 123
Figura 38 - Detalhe da primeira página do Le Monde (França) 124
Figura 39 - Primeira página do Libération (França) 125
Figura 40 - Detalhe da primeira página do The Independent (Inglaterra) 126
Figura 41 - Primeira página do ABC (Espanha) 127
Figura 42 - Primeira página do El Mundo (Espanha) 128
Figura 43 - Detalhe da primeira página do Luzerner Neuste Nachrichten (Suíça) 129
Figura 44 - A Revolução da Informação e seu Impacto Social 138

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

NICOLA, Ricardo Luís. ***Editoração eletrônica: novos comportamentos editoriais e estéticos.*** Bauru, 1997. 160p. Dissertação (Mestrado em Projeto, Arte e Sociedade - Área de Concentração: Comunicação e Poéticas Visuais) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Câmpus de Bauru(SP), Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

RESUMO

A Editoração Eletrônica foi apresentada nesse trabalho dissertativo como uma nova ferramenta no processo de produção da mídia impressa especializada. Por se tratar de um instrumento de destaque para este meio de comunicação, a visualização do seu trajeto evolutivo iniciou-se pela pré-história dos veículos informativos, avançando para a sociedade informática. E foi justamente nessa última etapa que a editoração eletrônica legitimou sua função, resultando em impactos na produção desse meios e condicionando novos estilos. Ao se apresentar esta nova sociedade pós-industrial, verificou-se a mudança da esfera do trabalho e do lazer, cuja fusão se fez presente e nessa interação, o surgimento da editoração eletrônica no lar, em pequenos bureaus. Nessa caminhada, a editoração eletrônica passou a ser objeto de reflexão quanto a seus condicionantes, o que fomentou instantes de observação no que se refere a uma possível ameaça à criatividade, graças a suas facilidades e clichês. Em contrapartida, diferentes aspectos positivos da editoração também foram apresentados e, concomitantemente, seus condicionantes, o que resultou num reestudo de sua execução em diferentes veículos impressos, demonstrando efeitos e partilhando pontos de vistas. Assim, vislumbrou-se novos estilos e um novo modo de produção editorial. Acrescido a esse aspecto, também a editoração eletrônica - *e de modo abrangente* - a informatização das redações - vem implicando em demissão, outro aspecto também em destaque do trabalho.

Palavras-chave: Editoração eletrônica; mídia impressa; estética editorial

NICOLA, Ricardo Luís. ***Desktop publishing: new editorial and aesthetic behaviors.*** Bauru, 1997. 160p. Dissertation (Master degree in Project, Art and Society - Concentration Area: Communication and Visual Poetry) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Câmpus de Bauru(SP), Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

ABSTRACT

This dissertation shows a new tool in the process of producing specialized printed media: *desktop publishing*. Because it is an important tool to this communication media, the visualization of its evolutionary journey began in the pre-history of informative vehicle, advancing to the informatic society. And it was just in this last social stage that desktop publishing legimated its function, resulted in impacts on the production of these media and conditionated new styles. At the presentation of this new post-industrial society, a change of work and leisure sphere was verified, whose fuison is present and in this interation, desktop publishing arose at home, in the little bureaus. In this journey, desktop publishing became an object of reflexion because of its conditioning aspects that fostered moments of observation in relation to a possible threat to criativity, thanks to its facilities and clichés. On the other hand, diferent positive aspects of desktop we also shown, at the same time, its conditioning aspects resulting into a reestudy of its execution in different printed media, showing its effects and sharing points of view. So, new styles and a editorial way of production were seen too. Add to this aspect, desktop publishing - *in general meannig* - the informatization of maganize offices - has been producing dismissing of journalists, which is an other important aspect in the presenting dissertation.

Keywords: Desktop publishing; printed media; editorial aesthetic

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Introdução

Hoje, cada vez mais, a sociedade se depara com os avanços tecnológicos. Por toda a parte as tecnologias se apresentam e acompanham o dia-a-dia do homem; mas, no entanto, é no sistema de comunicação que sua prosperidade se tornou mais visível.

Satélites transmitem, com rapidez e eficiência, um número expressivo de canais de televisão no globo; por intermédio de computadores sofisticados, uma rede extensa de informação interliga continentes. A humanidade vive a aldeia *global* preconizada por Mcluhan (1973:566). Enquanto isso, outro pensador e pesquisador Masuda (1982:67) propôs que "*a espécie humana vive um processo de transformação silenciosa da sociedade: o surgimento*

unesp

de uma época da informação, centrada na tecnologia de telecomunicações e informática". Entendendo-se por essa "*época da informação*", o que justifica Masuda, "*como um período de tempo em que ocorre uma expansão da quantidade e qualidade da informação, e um aumento em larga escala do armazenamento de informação*".

Entender, atualmente, o processo do desenvolvimento da produção editorial da imprensa, não é tarefa fácil; ao contrário, porém, vem sendo trabalhar nestes meios de produção: os computadores.

Complexos, porém, simplificados na execução, os computadores dominam há um tempo as redações, agilizando a prática rotineira dos jornais e aqueles antigos instrumentos do trabalho jornalístico (máquina de escrever, lauda etc.), convivem-se com tais companheiros. Desse relacionamento, novos comportamentos editoriais vêm eclodindo e, com eles, estruturas estéticas se firmam, como a clichagem, por exemplo.

Esta Dissertação tem como objetivo geral apresentar novas etapas da produção jornalística especializada através da editoração eletrônica, bem como questionar o processo de confecção em série dos veículos de informação; como objetivos específicos, propor novos estilos que venham a caracterizar tal produção, implicando sempre em renovação e reestruturação. Assim, em virtude

da publicação que vem se realizando há 7 anos de jornais especializados impressos, entre eles a Folha Calçadista (1990), Folha da Medicina (1991), Cereja: Momento Agrícola (1994), pretende-se aproveitar tal pesquisa para o processo de confecção destes periódicos. Acrescida à elaboração de jornais, também editam-se livros entre outros trabalhos, utilizando os recursos do computador, sistema de impressão à laser, scanner (digitalizador de imagens) e demais instrumentos.

A ***Editoração Eletrônica: Novos Comportamentos Editoriais e Estéticos*** está delimitada em três capítulos, sendo o Primeiro Capítulo: "***Aspectos do desenvolvimento da comunicação***", um perfil dos meios de comunicação será traçado, abordando o princípio da comunicação humana, com *o desenvolvimento da linguagem; passando pela invenção da escrita, da tipografia e sua difusão, até chegar à sociedade da informação*. Aqui serão feitas considerações importantes sobre a evolução dos meios informativos, recontando, *por assim dizer*, passo a passo de como se deu tal processo. Seguido do histórico dos meios de comunicação, o tema se desemboca no binômio técnica-tecnologia, perfazendo alguns conceitos sobre a questão. Nele, reforça-se a importância da compreensão dos meios pelo seu caráter epistemológico, o que nos procura redirecionar ao entendimento da gênese dos meios de produção.

O Segundo Capítulo: "***A Editoração Eletrônica***", trará à tona este novo instrumento da produção editorial. Oriunda da necessidade de rapidez, agilidade, a editoração eletrônica segue um ritmo acelerado. A editoração eletrônica vem impor-se como uma luz na corrida pela *estética do menor esforço*. Portanto, como compreender esta dinâmica? Neste paradigma, apresentam-se os impactos da editoração eletrônica na mídia impressa.

Através dos recursos da editoração, a produção eletrônica condiciona estilos e abre novos caminhos para a apresentação gráfico-editorial. Para tanto, a informatização da imprensa será destacada neste capítulo, demonstrando os impactos que sua implementação ocasionou no *modus operandi* do *mass media*.

Outro aspecto, a ser destacado, - no tocante à execução dos padrões editoriais - trata-se da operacionalização da arte por intermédio da informatização. Quais os critérios que se estabeleceu para a produção artística enquanto informação e as mudanças no eixo *arte artesanal* para *arte informacional*.

Quanto ao Terceiro Capítulo: "***Informatização: Impactos Editoriais e Estéticos***", apresentará uma abordagem em relação a este modo de produção e sua influência na esfera da criação. Graças à visão anterior dos subsídios históricos e tecnológicos, fornecida pelos capítulos anteriores, pode-se rever conceitos, posições e efetuar um confronto entre as conseqüências sócio-

estruturais das novas tecnologias e, portanto, suas causas. Pretende-se, com o último capítulo, vislumbrar um prognóstico dessa atual sociedade informática.

Pensar esta sociedade emergente não é apenas estudá-la, mas compreendê-la, posto que seus novos instrumentos devem estar a serviço do homem, concedendo-lhe a possibilidade de absorver os seus reais impactos para re-estudar novas propostas em que se possa delinear uma nova visão.

Diante dessa premissa, esta dissertação procurará apresentar o trajeto das novas tecnologias e sua viabilização no meio social em que ela está inserida, tendo como metodologia levantamento bibliográfico, pesquisa de revistas e jornais especializados e fichamento de livros específicos sobre o tema comunicação/tecnologia, e como hipóteses, o homem telemático: *a máquina gera mecanismos de dependência e poderá resultar numa auto-alienação humana gradativa*, os frutos da automação: *graças à "dominação" dos computadores, o trabalho do contingente humano se vê ameaçado. Profissionais de uma nova era informatizada serão (e vem sendo) dispensados em larga escala, resultando num planejamento socioeconômico que excluirá o homem*, e por último, a Criatividade, a Máquina e a Mídia Impressa Especializada: *com os subsídios dos computadores, que cada vez mais oferecem facilidades, a criatividade pode vir a ser ameaçada, impendindo novas*

expressões da arte gráfica da referida mídia.

Primeiro Capítulo

Aspectos do desenvolvimento da comunicação

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

1 Aspectos do desenvolvimento da comunicação

O progresso tecnológico vivido pela humanidade é revelado através de pesquisas e conclusões pessoais de diferentes pensadores. A importância de sua gênese só poderá ser detectada através das etapas do processo evolutivo dos meios de comunicação. Tal premissa, portanto, irá precisar a definição do termo *tecnologia* e seus resultados hoje confrontados pelo *homo sapiens*.

Para se estudar os meios de comunicação, tendo como ênfase os meios impressos especializados, objetivo central dessa dissertação, faz-se necessário ressaltar as etapas definidas a seguir: *o desenvolvimento da linguagem, a escrita, a tipografia, os*

unesp

novos meios de comunicação do século XIX até a metade do século XX, e os meios eletrônicos do século XX.

1.1 O desenvolvimento da linguagem

De acordo com Barbara Giovannini(In, ***Do sílex ao silício***, 1987:25) "*talvez a história dos meios de comunicação do homem possa começar, ainda que impropriamente, com as mais antigas mensagens visíveis que chegaram até nós: as representações pictóricas do Paleolítico*". Com esse primeiro passo dos meios informativos, abre-se a possibilidade da tentativa de expressão presente no homem, destacada também por Giovannini. E Ciro Marcondes Filho(In, ***Televisão - a vida pelo vídeo***, 1985:11) justifica a utilização desse primeiro recurso do homem:

> *"A explicação desses desenhos, produzidos em épocas em que o próprio homem aparecia no planeta, refere-se à magia propiciatória, isto é, pintando o animal, o homem acreditava dominá-lo, facilitando assim sua caça.(...) Esta era a magia desse desenho: enquanto não detalhado, o animal parecida 'abstrato', isto é, era simplesmente um animal e poderia ser qualquer um."*

No período relatado acima, o homo sapiens surgia

(entre 30.000 e 10.000 anos a.C.) e delineava sinais de existência. Mas foi exatamente no Neolítico (6.000 e 3.000 a.C.) que alterações significativas ocorreram, representando uma revolução completa nas estruturas sociais do período. De caçador, o homem passara para uma nova posição nos agrupamentos que se formavam, *a de agricultor.*

Ao passo que uma nova sociedade evoluía, com seus critérios de exploração por meio de lutas e conquistas, formavam-se como substrato das culturas, regras impostas pelos grupos e subgrupos que condicionaram o aparecimento de línguas e dialetos. A comunicação interpessoal galgava os primeiros degraus da evolução.

Assim, a comunicação - *enquanto processo contínuo de troca de informações em meio a uma realidade comunicativa* - onde a fonte e o receptor permutam-se, a fim de atingir um equilíbrio, traduzia a realidade do momento.

Além das pinturas nas cavernas, outras formas de comunicação se estruturavam para atender às necessidades de troca. Mcluhan(1973:564) afirma que "*se existe um truísmo na história da comunicação humana é que qualquer inovação nos meios externos de comunicação acarreta uma sucessão de choques de mudança social*". Certamente, na linha do tempo, estágios de desenvolvimento instrumental, que permitiam a comunicação com mais

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18



(6x8,3)

FIGURA 1 - A arte na Idade da Pedra: Caverna de Lascaux(França)

Fonte: NOVA Encilopédia Ilustrada Folha, 1996, v.1, p. 472.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18



(6x8,3)

FIGURA 2 - A arte na Idade da Pedra: Caverna de Lascaux(França)

Fonte: **NOVA Encilopédia Ilustrada Folha, 1996, v.1, p. 176.**

perfeição, sucediam-se rapidamente.

Do primeiro instrumento cortante, *uma faca de sílex (figura 3)*, que auxiliava nas incisões das cavernas, o homo sapiens chegaria à *linguagem*, ponto inicial da comunicação. Implementos muitos sofisticados de constituição de sílex foram encontrados nos primórdios do Paleolítico Superior, cerca de 35.000 a.C., na Europa. Com esses instrumentos, o homo sapiens partia para uma busca desenfreada de novas descobertas, induzido talvez por regras dos agrupamentos isolados.

Com o aparecimento desse novo *instrumento* após o sílex, o que se expôs há alguns parágrafos, Bachelard aponta que o objetivo da *linguagem* é senão "*nos revelar a nós mesmos, dando ao homem a árvore do conhecimento, permitindo a ciência e a civilização*".(Saussure, 1979:31)

Como se sabe, a linguagem é a faculdade humana de operar símbolos, de construir sistemas simbólicos. Outrossim, a língua é o produto coletivo da capacidade da linguagem: *ela é a parte social da linguagem exterior do indivíduo*, como escreve Saussure (In, ***Curso de lingüística geral***, 1972:22). Assim, a língua é uma instituição social, o produto social da capacidade da linguagem, um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.

Utilizando-se dos sílex e, conjuntamente, às substân-

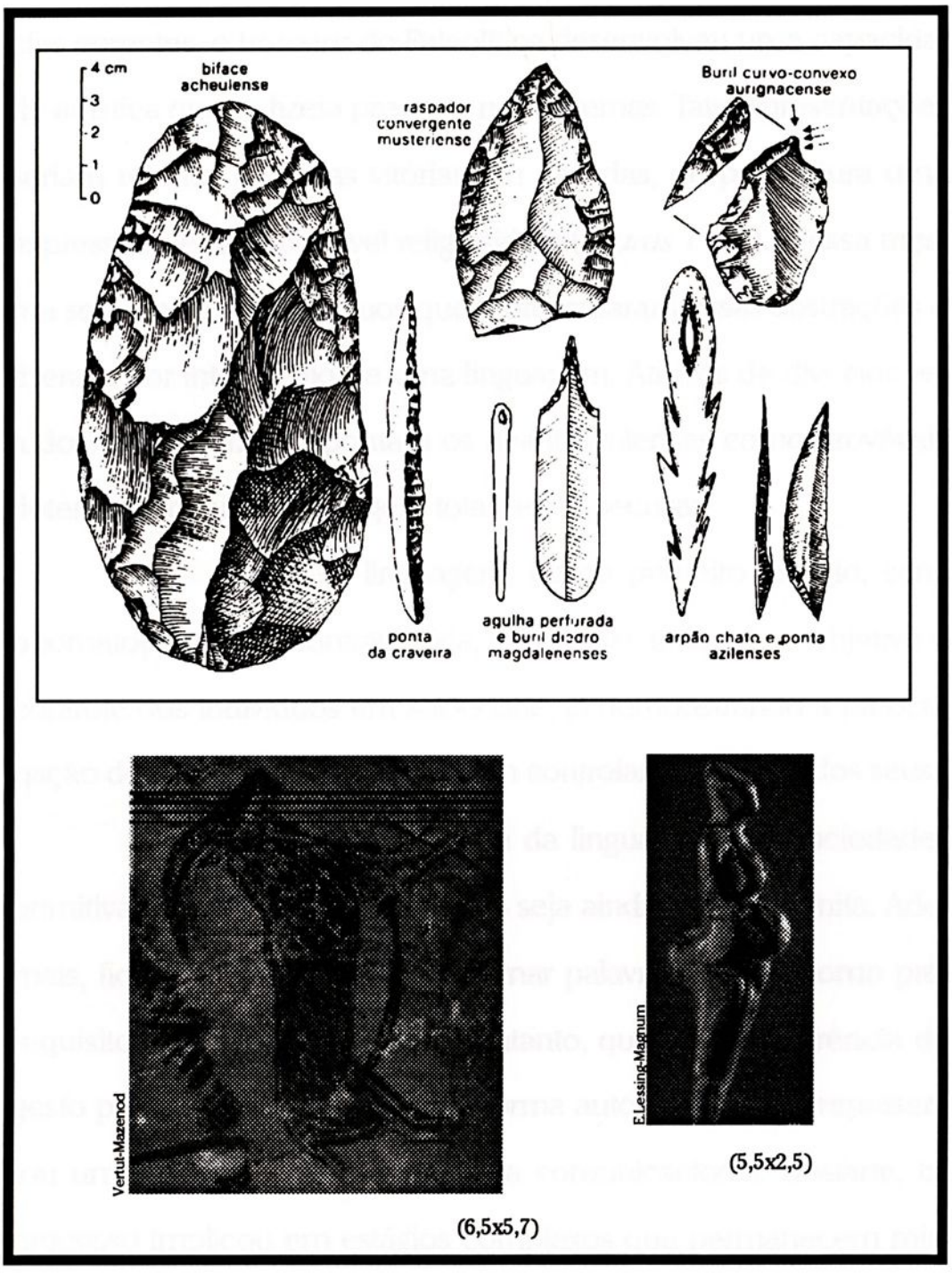


FIGURA 3 - Artefatos do Paleolítico

Fonte: **GRANDE** Encilopédia Larousse Cultural, 1988, v.22, p. 4477.

cias corantes, o homem do Paleolítico desenvolveu uma capacidade artística que se fizera presente nas cavernas. Tais representações seriam retratos das suas vitórias em caçadas, ou porventura uma expressão de uma possível religiosidade(*figuras 1 e 2*). Nessa mesma seqüência, os indivíduos que representaram essas abstrações o fizeram por intermédio de uma linguagem. Através de diversos estudos, por exemplo, apontam os neandertalenses como prováveis detentores de uma linguagem totalmente peculiar.

Mas essa linguagem, como primeiro estágio, seria onomatopaica. Em contrapartida, ela apenas teria como objetivo o controle dos indivíduos em sociedade, já demonstrando a preocupação desse homem do período em controlar as atitudes dos seus.

É discutida a origem da linguagem nas sociedades primitivas, embora sua constituição seja ainda uma incógnita. Ademais, fica evidente que para se tornar palavra ela teria como pré-requisito o gestual. É sabido, no entanto, que sua transferência do gesto para o verbo não se fez de forma automática, mas representou um avanço na escala evolutiva comunicacional. Destarte, tal processo implicou em estágios complexos que permanecem misteriosos para estudiosos do assunto, mas têm suscitado intensas pesquisas.

Para chegar a essa etapa da comunicação, o homem sofreu diferentes transformações que a palentologia muito bem

definiu.

A evolução do homem atingia novos horizontes. A raça humana se espalhava pelo planeta, levando consigo uma carga cultural abrangente e da qual pouco se sabe, mas pelo que se descobriu dessa antiguidade, muitas inferências se fizeram. L.S.B. Leakey (In, Soares, Murilo, ***História da comunicação***, 1987:25) acredita ser "*impossível dizer que o indivíduo podia falar, mas que a descoberta do crânio 1470 - com mais de 2 milhões de anos, indivíduo gênero Homo Habilis - mostra que o canal de comunicação vocal já estava presente*". Já Hoijer(In, Soares, Murilo, ***op.cit.***, 1987:25) conclama que a linguagem seria na certa mais antiga do que o primeiro instrumento humano. E nessa mesma seqüência, Leakey aponta o sepultamento como uma indicação de que sua cultura tinha ido além da modelagem e uso de artefatos de pedra. Há também justificativas para se acreditar que os Neandertal cuidavam dos velhos e doentes de seu grupo. Diversos seputamentos de indivíduos nas cavernas de Shanidar, por exemplo, mostram sinais de ferimento durante a vida e, num caso, um homem severamente aleijado, talvez quase inteiramente paralisado do lado direito. Estas pessoas viveram muito tempo e para isto devem ter necessitado de apoio e cuidado constantes. É impossível imaginar uma sociedade tão complexa quanto obviamente o era a Neandertal e tão imbuída de sentimentos ternos e manifestações rituais, sem uma sofisticada

linguagem falada.

Hoijer destaca a relação entre a linguagem dos Neandertal e à linguagem moderna. Portanto, não prevalece sob quaisquer formas a inexistência de uma forma de expressão. Todo agrupamento apresenta uma linguagem que se expressa por meio da fala. A relação existente entre a fala e a língua aponta para uma estrutura organizacional de palavras, quer num grupo social primitivo, quer no *homo sapiens*. O atributo da comunicação é a formação constante de diversos significados e significantes, e a necessidade imposta pela realidade do momento cria este universo léxico e peculiar a cada sociedade.

1.2 **O desenvolvimento dos meios de comunicação**

1.2.1 **A escrita**

Na escala evolutiva, o homo erectus, ancestral do homo sapiens, seria o primeiro a descobrir o fogo bem como torná-lo aceso por mais tempo. Somente após 400 mil anos surge o homo sapiens. Não se sabe ao certo em que continente aparecera. Diversifica-se rapidamente em duas subespécies, *homo sapiens neanderthalensis* e *homo sapiens sapiens*.

unesp

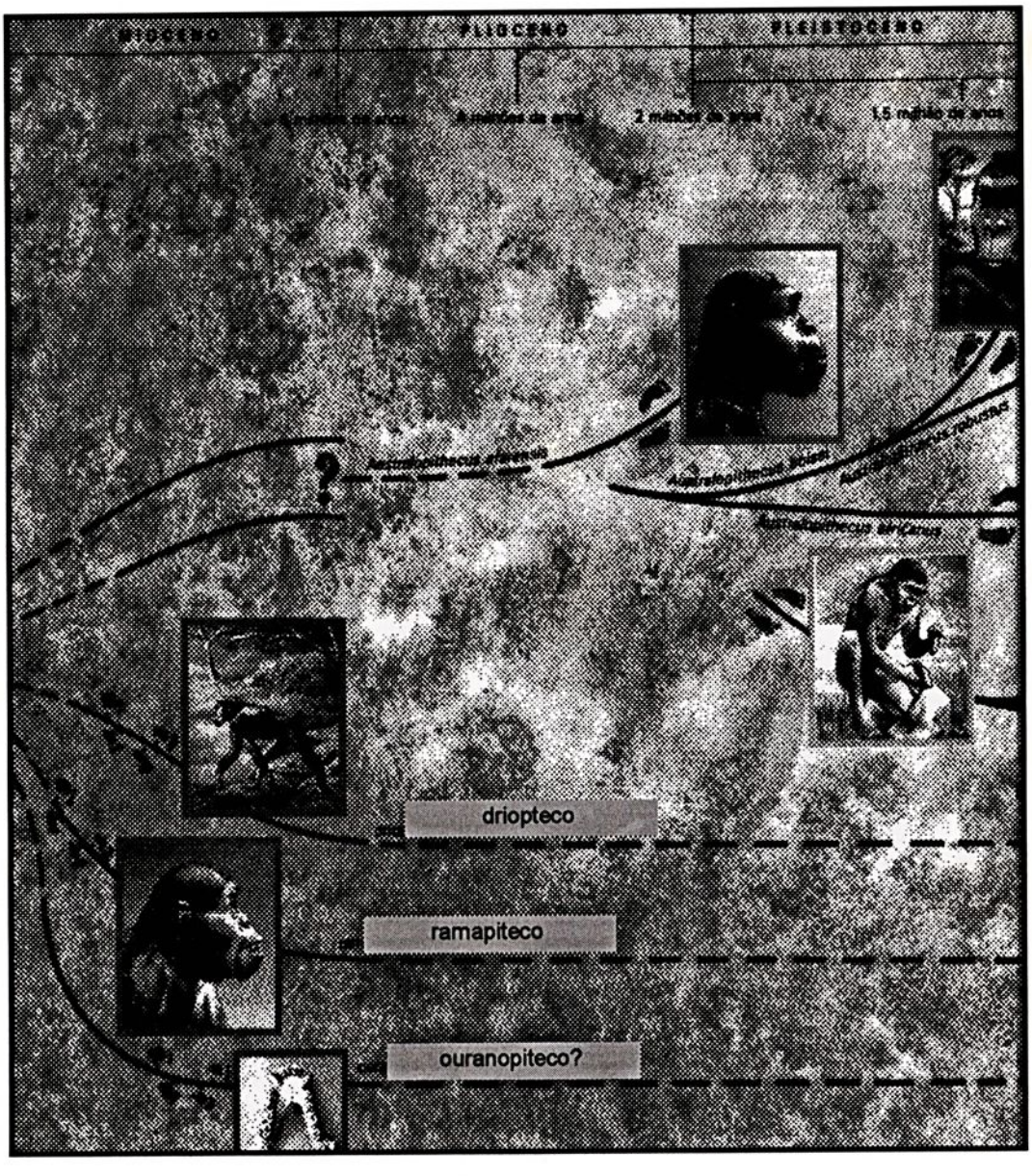


FIGURA 4 - O Homem

Fonte: **GRANDE** Encilopédia Larousse Cultural, 1988, v.16, p. 3078

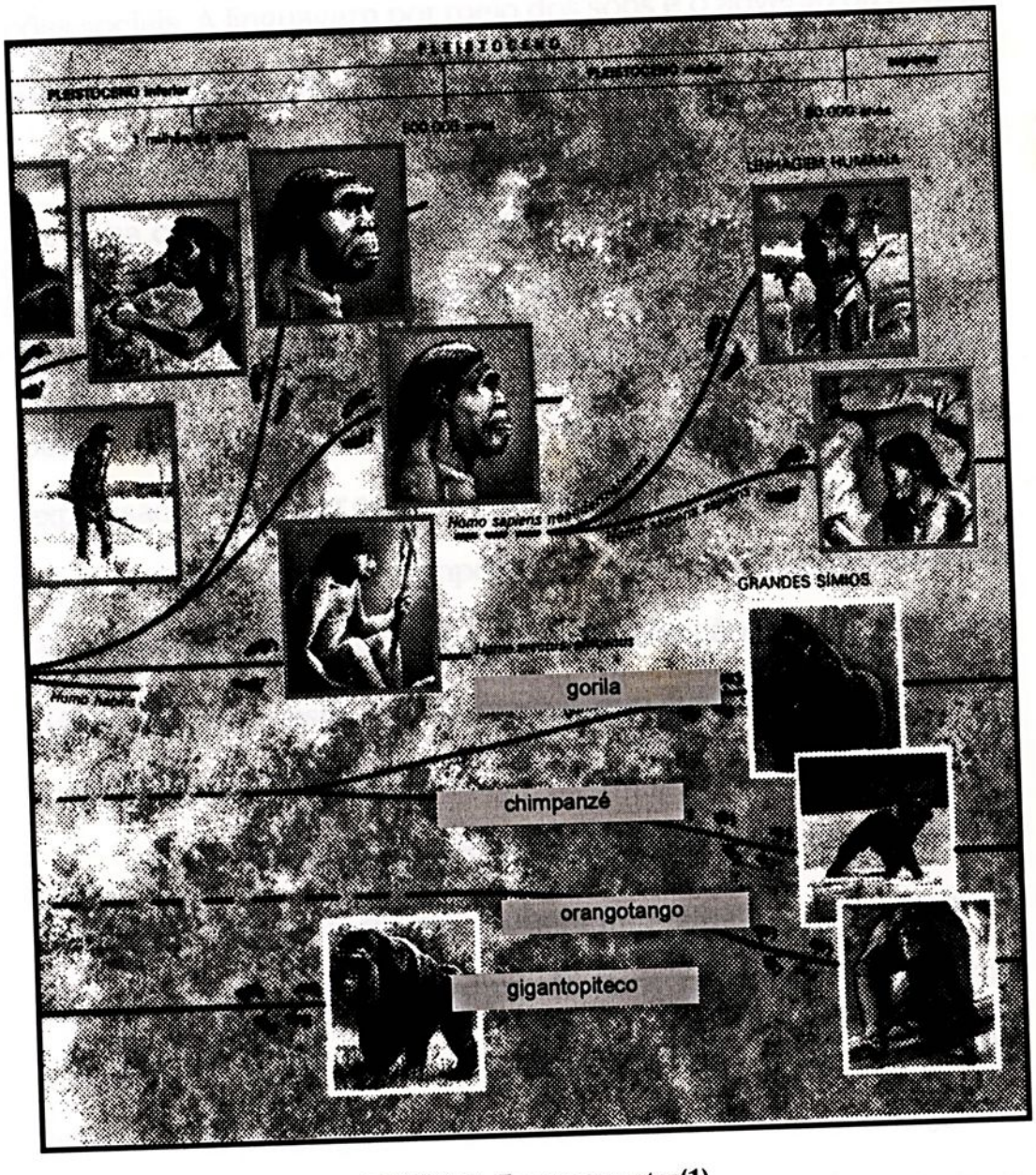


FIGURA 5 - E seus parentes(1)

Fonte: **GRANDE** Encilopédia Larousse Cultural, 1988, v.16, p. 3079

Quando se retoma à história evolutiva do homem, pensa-se de imediato nas conseqüências dessas chamadas *inovações* sociais. A linguagem por meio dos sons e o advento da agricultura consolidam agrupamentos estáveis na Mesopotâmia, no Egito e na Palestina. A partir daí, o surgimento da escrita com os Sumérios. E, na certa, a escrita possibilitaria cidades, exércitos e impérios, o que legitima a fiscalização grupal apontada.

Anterior ao surgimento da escrita com os Sumérios bem como dos hieróglifos dos egípcios, o primeiro sinal de uma expressão rudimentar escrita viria a ser a pictografia. Ora, a pictografia é senão o ramo mais importante da mitografia, constituída de desenhos figurativos utilizados com uma função de comunicação. Há um número vasto de pictogramas que ilustra muito bem o que se pretendia no período.

Entretanto, as figuras (os pictogramas) em si não constituem uma forma de escrita, embora possam servir ocasionalmente como lembretes ou registros de fatos passados. Em algumas sociedades, os desenhos eram usados especificamente não apenas como lembretes, mas também como formas de comunicação entre um grupo e outro. Certos desenhos seriam mais formas de comunicação do que trabalhos artísticos, sendo frequentemente executados de maneira apressada, logo tornaram-se altamente convencionais e abreviados.



Das sucessivas Revoluções Agrícola, Urbana e do Regadio, os diversos agrupamentos humanos sofreriam transformações estruturais nas relações de trabalho, de culto etc. Assim, as sociedades primitivas denotariam mudanças profundas na sua condição tribal, formando as etnias, fato legitimado pela Revolução Urbana; ao passo que a divisão de trabalho se tornaria mais arregimentada e complexa. Um exemplo dessa sociedade viria a ser a egípcia. Quanto à Revolução do Regadio, o fomento de sistemas complexos de canais como conseqüência da agricultura, daria luz aos impérios Teocráticos e suas oligarquias agrícolas.

Utilizando-se cada vez mais dos pictogramas e em paralelo às transformações sociais, as sociedades iniciariam a transcrição de seus objetos significantes através da grafia de inúmeros sinais que, pouco a pouco, tornavam-se mais estilizados. A necessidade de expressar as guerras, os instrumentos bélicos, fizera com que Dario, o Grande, no século V a.C., adotasse a escrita *cuneiforme*. O que seria, portanto, esta escrita? Graças à dificuldade em se inscrever os textos no único material de impressão que havia na época, a argila, formava-se uma saliência emoldurada nos sinais, traduzindo um aspecto de prego, ou mesmo de cunha, por onde viria a expressão cuneiforme. É de Uruk, cidade provinciana, que provém a maior parte destes escritos. Nascia a escrita.

Sabe-se ainda que os Sumérios chegaram à escrita



também em virtude de seus objetivos econômicos. No tocante às estruturas sociais desse povo, a influência religiosa se fazia presente em todos os rituais nativos. Dificilmente separavam-se economia e ritos, onde a poderosa casta dos sacerdotes controlava todo tipo de oferenda com um sistema de controle e de contabilidade exemplar. Em torno de 500 morfemogramas constituía-se a escrita sumeriana. Foi no ano de 3300 a.C., que os primeiros testemunhos da escrita surgiam: as tábulas provenientes da mesma cidade provinciana de Uruk.

No Egito, os hieróglifos progrediam na sua função informativa, impressa nos *papiros*. Chamados de *imagens sagradas*, deram continuidade ao possível desvendar de sua civilização. Plínio, o Velho, escreveu no ano de 70 d.C., que a civilização ou pelo menos toda a história humana está contida nos papiros. Desta forma, configurava-se o principal papel da comunicação: abrir as fronteiras do conhecimento e desvendar o mundo, o mundo dos sinais.

Mas adiante na geografia, encontravam-se outras civilizações que se organizariam em paralelo com o Egito e a Mesopotâmia: *a Índia e a China*, civilizações complexas que dominavam formas de escrita diferenciadas. No entanto, somente a civilização Chinesa manteve-se isolada devido, talvez, à forte muralha do Himalaia, condicionando aquela civilização a um contato mais restrito





FIGURA 6 - Exemplos de escrita antiga
Escrita Cuneiforme da Mesopotâmia (diorito, c.1200 a.C.)[Museu do Louvre de Paris]

Fontes: **GRANDE** Encilopédia Larousse Cultural, 1988, v.20, p. 4010.



Detalhe(8,5x8,5)

FIGURA 7 - Exemplos de escrita antiga

Relevo que representa o cerca da cidade de Hamanu por Assurbanípal, rei dos assírios. Em seu apogeu, o Império Assírio estendeu-se por toda a Mesopotâmia (Britsh Museum, Londres).

Fonte: **NOVA** Encilopédia Ilustrada Folha, 1996, v.2, p. 623.

às comunidades próximas. Técnicas avançadas de trabalho em bronze são destaques desta civilização que justificam sua escrita datada há 1.500 a.C., em figuras desse material.

Na Índia, a escrita pictográfica demonstra a gênese dessa forma de comunicação, apesar de indecifrável. Pincel e tinta foram amplamente utilizados pela comunidade chinesa, ora sobre seda, ora sobre ossos, bronze etc.

Seguindo os passos da escrita, outras civilizações caminhariam num ritmo acelerado para obter, desse instrumento de comunicação, o atendimento de suas necessidades. O comércio, por exemplo, possibilitou o alfabeto para os Sumérios. Youseff & Fernandez (1985:10-11)ressaltam:

> *"atividades como a caça, a agricultura, o comércio e rituais, pelo uso de símbolos iconográficos que darão origem aos primeiros alfabetos e representações de algarismos. Os babilônios já documentavam em placas de barro soluções de algumas equações matemáticas, fazendo com que essas placas se constituíssem em elemento de recorrência para a resolução de equações similares".*

Como foi visto até agora, as diferentes etapas evolutivas das civilizações propiciaram as mudanças no processo dos meios de comunicação. Dos pictogramas e escrita cuneiforme ao alfabeto, o homem dava saltos cada vez maiores em busca da redução dos ruídos na comunicação por intermédio de instrumentos mais eficazes na propagação de suas mensagens.

Com o alfabeto, os Fenícios estabeleceram novas re-

unesp

gras sociais. Daqueles que conheciam o alfabeto e, portanto, podiam ler e decifrar as leis, códigos etc., em detrimento de outros que não o sabiam. E um ponto a ser realçado nesta descoberta, foi o fato de o alfabeto fenício ter sido adotado pelos gregos, difundindo-o a outras civilizações, o que o tornou a base de muitas escritas ocidentais.

Seguindo um caminho por vez complexo de inter-relações, a escrita evoluía-se e seu aperfeiçoamento, como forma, processava-se de civilizações a civilizações. À medida que uma sociedade se organizava, utilizava parte da base escritural de outra e sucessivamente. Disso resultava um mosaico de novas estruturas como se apresenta na *figura 8*. Diante disso, a escrita tornara-se possível nas mais diferentes localidades do globo em sociedades completamente urbanas, com um Estado organizado, divisão complexa de trabalho, poder bélico e uma língua, decodificada em ícones. Portanto, ao se retomar a escala evolutiva, torna-se vital o entendimento de como essa forma de comunicação se desenvolveu com os cretenses e micênios, cujo resultado da confrontação de novas estruturas deu a origem à *escrita alfabética*.

Em 775 a.C., os gregos adotam o alfabeto dos Fenícios. Segundo registra a História, a base fundamental das escritas dessas civilizações fora ignorada há 40 anos, mas é por certo o alfabeto fenício que possibilitara a concretização dessas estruturas.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

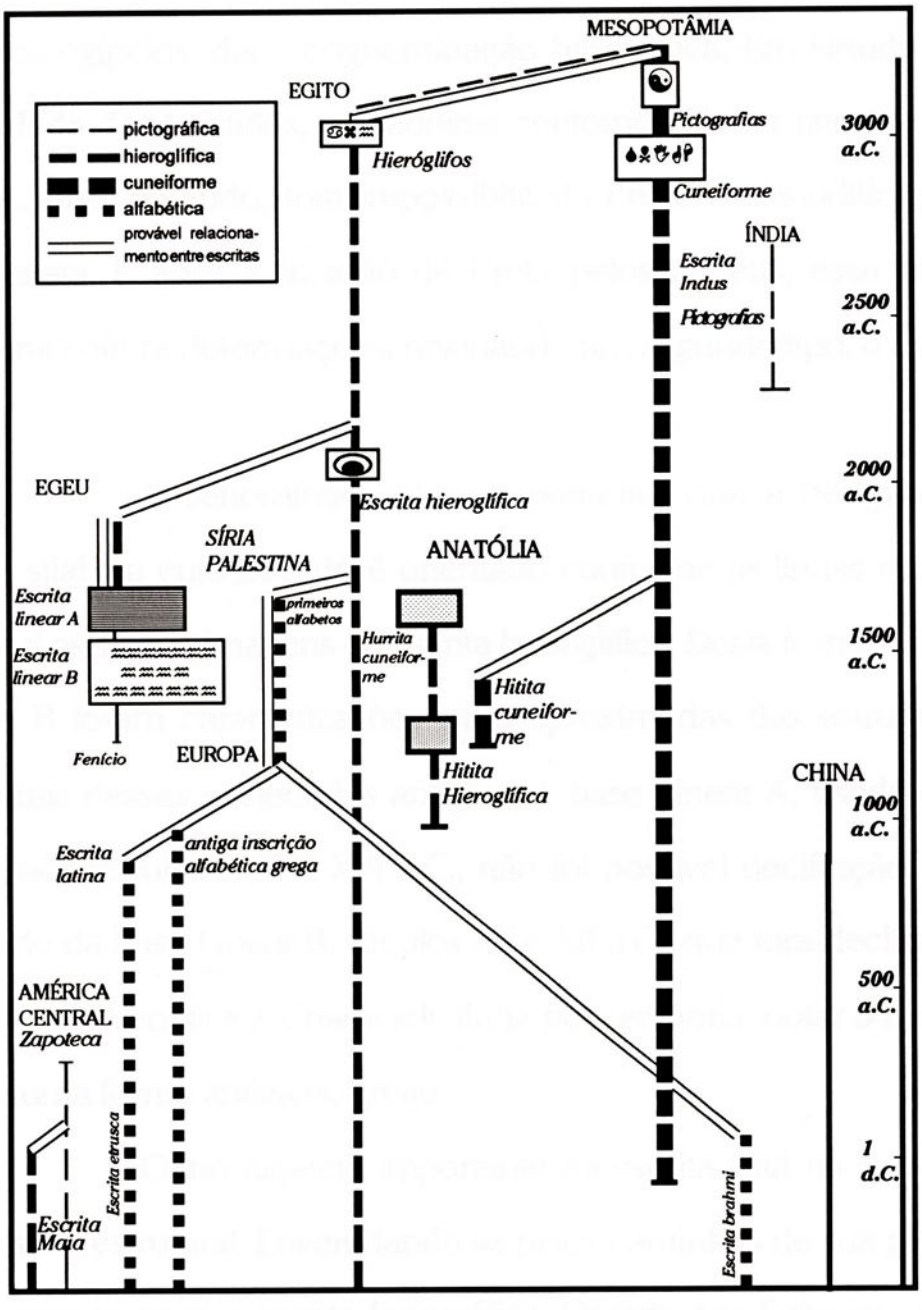


FIGURA 8 - Desenvolvimento da escrita primitiva

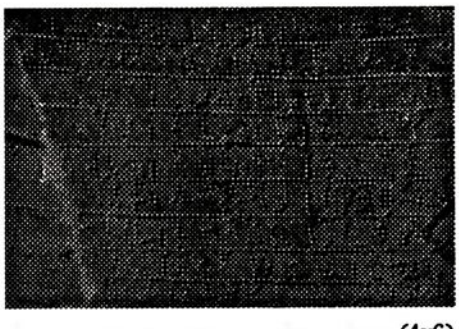
Fonte: PARKER, Geoffrey. ***Atlas da história do mundo***, 1995, p. 53.

Num período mais remoto, os sinais pictóricos dos cretenses intensificara-se e, na sua estilização, traziam uma semelhança ao hieróglifo dos egípcios, daí a cognominação hieroglífica. Em virtude da linearidade dos traçados, verdadeiros contornos, determinou-se Linear A, que, contudo, fora impossibilitada de uma decodificação mais exata. E após a invasão de Creta pelos aqueus, essa base escritural sofrera deformações, originando um segundo tipo, o Linear B.

A denominação *linear*, portanto, viria a designar a escrita silábica cujo traçado é orientado conforme as linhas e que substitui os signos-imagens da escrita hieroglífica. Desta forma, Linear A e B foram caracterizações mais aproximadas das estruturas escriturais dessas sociedades antigas. A base Linear A, usada em Creta, nos séculos XVII e XVI a.C., não foi possível decifração. Ao contrário da base Linear B, séculos XV e XII a.C., que fora decifrado por Michael Ventris e J. Chadwick, tinha por serventia notar o miceniano, uma forma antiga do grego.

Outro aspecto importante da escrita está na sua característica estrutural. Enveredando-se pelos caminhos de sua gênese, depara-se com a escrita fonográfica. Quanto aos Egípcios, que não atingiram o fonografismo puro, desenvolveriam cerca de 24 sinais correspondentes às consoantes, afora uma centena de diferenciados sinais silábicos. Mas foi em Creta, com a base linear, que

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18



(4x6)

FIGURA 9 - Tabuleta Linear B

Fonte: PARKER, Geoffrey. ***Atlas da história do mundo***, 1995, p. 60.

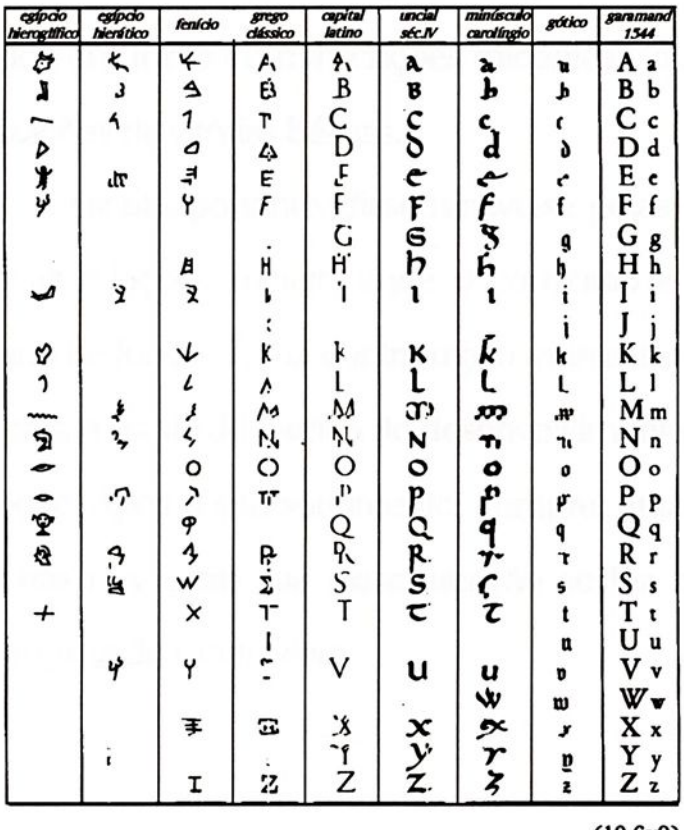
os silabários mais importantes seriam desenvolvidos. Em Chipre (1.500 a.C.) o cipro-minóico e o cipro-micênico dariam sinais de existência e (entre os séculos VIII a.C. e I a.C.) o cipriota, e Índia (I milênio a.C.).

Na confluência entre os silabários e a escrita egípcia, os fenícios moldariam uma nova estrutura, que viria ser , portanto, o alfabeto.

Quanto à utilização do alfabeto fenício pelos gregos, vislumbra-se este feito pouco provável. Contudo, verificou-se que não havia quaisquer indícios na Grécia de outra base senão o alfabeto criado pelos fenícios. Mas, neste caso, aponta Giovannini (In, ***op. cit.***,1987:44)"*as fontes são por demais escassas para que se possa afirmá-lo com segurança*". Diante da criação do alfabeto e de seu possível uso pela casta grega, o desabrochar da escrita alfabética atingia seu ponto crucial.

A escrita alfabética assim surgia na Grécia. O interessante dessa *posse* fora o fato de os gregos aproveitarem-se das letras fenícias que, na verdade, representavam consoantes. Dessa adaptação, diversas variantes dessa escrita originariam um número considerável de outras formas. Com Alexandre, e suas conquistas pelo oriente, a base escritural grega chegaria aos povos da Antiguidade do leste. No ocidente, abarcada pelos etruscos e, por último, pelos romanos - de onde vem as confluências mais importantes -

unesp



(10,6x9)

FIGURA 10 - O Alfabeto

Fonte: **GRANDE** Encilopédia Larousse Cultural, 1988, v.2, p. 183.

dando origem ao alfabeto greco-latino por toda a Europa, estabelecendo a formação do rúnico, do orgânico e bem como do cirílico, que é notadamente a base escritural dos russos.

Na Itália, a escrita teria surgido num momento heróico. É bem verdade que essa constatação se sustente, pois fora encontrada nas Ilhas Eólicas, na Antiga Grécia, restos de argila modelada e cozida em forno com inscrições micênicas, configurando grandes realizações de vitórias bélicas.

A escrita, portanto, disseminava-se pelas civilizações e traçava novas relações sociais, onde o comércio e o controle assumiam pano de fundo. E sua contribuição viria a ser a das mais importantes para o ponto de partida do desenvolvimento dos meios de comunicação. Após o seu surgimento, cumpre, então, destacar as novas formas nas quais sua disseminação se fez, ou seja, *os meios de comunicação manuscrita.*

Os meios de comunicação manuscrita

Abordar os meios de comunicação manuscrita é relatar a origem do livro, ou ainda, a princípio, o *livro manuscrito*. Partindo da nação romana, vê-se que o livro denotava uma característica própria. Constituído de folhas de papiro e pergaminho, seu

miolo se apresentava em tiras que, por conseguinte, era enrolado num cilindro. Para preservá-lo, os romanos embebiam as folhas em óleo de cedro.

O rolo de papiro, que os romanos chamaram de *volumen*, tinha, na estrutura, a forma cilíndrica e seu uso se estendera por toda a nação. Além dos registros administrativos do império, utilizaram-se dos volumen para outras finalidades: epístolas, receituários etc., daí advir tantos registros epistolares nos comunicados religiosos. Os *volumina* de papiro viriam a se tornar no livro dos romanos e, dispostos em caixas, comporiam um verdadeiro acervo de documentação, originando as bibliotecas. O número de bibliotecas avançou consideravelmente no período romano. Seus reflexos se fizeram sentir em todo o império, contando-se em torno de 28 bibliotecas (370 d.C.) somente na cidade de Roma. As demais províncias formariam também suas bibliotecas. Em Atenas, por exemplo, Adriano, famoso imperador, fundou a mais conhecida delas, a de Atenas.

O interessante nesse porvir do livro é o fato do surgimento dos editores. Certamente, motivados pelo desejo de lucro, editores e mais editores organizavam-se no trabalho de cópia das futuras obras. Haja vista que os autores vendiam suas obras para tal finalidade, resultando numa escala surpreendente de cópias. O comércio de livros, nesse período, atingia seu ápice.

unesp

É de Fedeli(1983:95) a explicação mais detalhada em relação ao comércio de livros:

> *"Devia haver em Roma um verdadeiro comércio de livros, uma vez que muitos autores citam seus editores (Ático, um dos mais famosos correspondentes de Cícero, era igualmente o editor de suas obras, além das de Demóstenes e de Platão); não se têm notícias dessa produção antes do século I a.C., talvez porque cada autor cuidasse pessoalmente, ou com a ajuda de algum protetor, de mandar executar as cópias de suas obras. A multiplicação das bibliotecas provocou o aumento das livrarias-editoras e, em pouquíssimo tempo, a nova profissão fez suas celebridades, como os Sossi, citados por Horácio, que tinham aberto uma loja de volumina nas proximidades do Foro. Os comerciantes, que reuniam e preparavam turmas de escravos especializados, vendiam suas cópias muito caro e, ademais, o lucro era todo deles. Na verdade, enquanto na maioria das vezes cobravam pela cópia, quase nunca adquiriam o manuscrito de um escritor já famoso e, sobretudo, eram isentos do pagamento de direitos autorais, por menores que estes pudessem ser."*

Após o estabelecimento de relações comerciais desse novo instrumento de comunicação, já se podia visualizar a origem de um possível novo meio: *a imprensa*. A mudança da relação de *obra-autor* para *obra-público*, preconizada pelos editores, antecipava esta outra faceta da comunicação, a edição serializada e acopanhada por um público, ávido de informações. Mas, antes que a imprensa figurasse no contexto, é mister destacar seus antecedentes, afora o livro. Trata-se das *actae romanas*. De acordo com estudos historiográficos, os atos romanos passaram a ser publicados diariamente.

unesp

Tendo como objetivos as comunicações do império, Júlio César (69 a.C.) publicaria os atos do senado: nascia a *Acta Diurna Populi Urbana*. Numa caracterização semelhante à imprensa, pois era periódica e publicava os acontecimentos do dia-a-dia da nação, fora o documento mais antigo a ter essa proximidade com a mídia.

Dos fatos administrativos, as actae, mais tarde, passaram a publicar outros assuntos, bem mais vulgares do seu fim original. Mas não tão somente os temas iriam sofrer alterações, bem como os critérios de distribuição: passaram a circular também fora de Roma, destinadas às elites, inclusive. Com a queda do império, essas comunicações caíram na decadência, vindo a desaparecer completamente.

Quanto à forma do *volumen*, cuja leitura era feita publicamente, conforme apresentado, as dificuldades no seu manuseio de desenrolar, condicionaram a sua substituição pelo ***códice***, que consistia de folhas dobradas. Tais folhas formavam cadernos que, unidos, davam um novo formato. Aí residiria a natureza formal e definitiva do livro.

No que tange ao livro, há outras razões, porém, para esta transferência na forma, bem como do tipo de material: *do papiro para o pergaminho*. Quer pela praticidade que os códices ofereciam, quer pela questão econômica, pois o papiro era impor-

unesp

tado do Egito, custando bem mais. Além desse fato, o códice permitia a escrita em ambos lados, permitindo a utilização máxima do material, tanto quanto a possibilidade de impressão da maior quantidade de informações. Com esse novo passo, o livro assumia uma função peculiar e se disseminava pelos povos.

Mas não era somente o livro que apresentava sinais de ascenção. Outros meios surgiam e conviviam concomitantemente, permanecendo até os dias de hoje. Como é o caso do correio e as cartas. O correio pode ser conceituado como um intercâmbio sistematizado de informações, cuja infra-estrutura precisa ser mantida para tornar viável o trajeto seguro dos códices.

Para tanto, a História registra que na tradição da Babilônia há cartas que datam de antes de 1850 a.C. Os serviços dos correios estavam se intensificando e tornaram-se necessários para a evolução dos povos. Como exemplos dessa empreitada, a História registra que Ciro, o Grande, logo adotara o serviço de mensageiros, criando uma centenas de postos de troca, por onde suas epístolas *trafegavam*; Xerxes fez uma proeza: comunicou a derrota de Salamina a seu povo contando com a ajuda de um mensageiro. Da mesma forma Augusto, o célebre imperador romano, informava a todos os agrupamentos das províncias seus feitos, graças à construção monumental de boas estradas, nas quais seus enviadores realizavam viagens rápidas. A eficiência desse sistema possibilitou a

unesp

implantação de normas e pôs na retarguarda diferentes povos.

Em 63 a.C., Júlio César havia instituído o *Cursus Publicus*, ou seja, o correio da época, que se organizara admiravelmente. Tratava-se de casas de muda, com hospedaria, estrebaria etc., e sua extensão era a de 80 km de vias. Para a época, um feito exemplar, pois não se detivera apenas no serviço de correio, mas também no de transporte de pessoas e de objetos.

Mansio foi o cognome dado a essas casas de muda, pois também ofereciam aposentos imperiais, em verdadeiros castelos. A decadência desse sistema viria com a queda do Império Romano. A desarticulação das vias permanecera por um bom tempo, seu aproveitamento total ocorrera no final da Idade Média. Mais tarde, por essa rede extensa de vias, o clero enviaria aos fiéis os comunicados da Santa Inquisição.

1.2.2 **A tipografia**

A Idade Média

Muitas datas foram propostas para definir da melhor forma possível este período histórico da Europa. Há estudos que propõem de cerca de 700 a.C. a 1553, data da queda de Constantinopla; outros, contudo, destacam uma fase que se situa entre a data da queda do último imperador romano do Ocidente,

476 a.C., e a da descoberta da América, 1492[1]. Mas, um fato é certo, todas essas datas são discutíveis .

No entanto, para se situar, abaixo segue um breve resumo histórico do período:

> *"O declínio do Império Romano no Ocidente e o período das invasões bárbaras nos séculos V e VI (Idade das Trevas) foram seguidos pelo surgimento de reinos distintos e pelo desenvolvimento das formas de governo. A coroação de Carlos Magno em 800 d.C. é considerada o marco do fim da anarquia e do renascimento da civilização e da cultura. (...). O comércio e a vida urbana ressuscitaram.*
>
> *A Alta Idade Média (séc. XII e XIII) testemunhou o crescimento do poder do papado, o que levou a choques entre o papa e os governantes seculares nas questões relativas às respectivas esferas de jurisdição. (...). A sociedade era organizada por serviços militares. Apesar de ser dominado pelas guerras, o período também viu a expansão do comércio (principalmente da lã inglesa), a fundação de universidades, o florescimento da cultura, principalmente filosofia e teologia (escolástica). A arte e a arquitetura góticas tiveram sua mais bela expressão nas catedrais construídas a partir do século XII.*
>
> *(...)Nos séculos XV e XVI, o Renascimento na Itália marcou o novo espírito da inquisição cética e o fim do período medieval".*(In, Parker, ***Nova Enciclopédia Ilustrada Folha***,1996:471)

Desse período, o desenvolvimento dos meios de comunicação pareceu estagnado, no entanto, permaneceu oculto, devido às intensas perseguições e às profundas transformações sociais trazidas por intermédio de guerras, lutas e destruição. O qua-

1. **GRANDE** Encilopédia Larousse Cultural, 1988, v.18, p. 3671.

dro do momento representava a total decadência da instrução: o analfabetismo estava em larga escala, a destruição do saber através da queima de bibliotecas inteiras propagava-se por todos os territórios ocidentais do império romano.

Ante esse avassalador cenário, o retrocesso parecia inevitável. Contudo, as atividades intelectuais se organizavam. Do Estado totalitário, censor, a transferência do conhecimento, por intermédio do livro, encontraria refúgio nas bibliotecas monásticas de onde surgiria seu caráter santificador. Então, Bischoff(In, Giovannini, ***op.cit.***, 1987:65) justifica que "*a vida intelectual da época ficava rigidamente restrita aos monasteiros. A cultura monástica desenvolveu-se do século VIII ao século XII, e foi definida por Renucci como 'cultura da exclusão de massa*".

Demarcado este início da elitização da cultura, por intermédio da casta clerical, o livro passara a ser objeto cada vez mais consultado e preservado. Não somente pelo seu conceito sacro, mas devido ao seu conteúdo que, instigado pelos poderosos do clero, passara a ser subjugado, difundindo o analfabetismo e a ignorância cada vez mais.

No fim da Antiguidade e, mais precisamente, da Alta Idade Média, o livro e, consigo, a escrita sofreram uma metamorfose em suas finalidades. De objeto de transmissão de cultura, o livro adquirira um novo significado: tornara-se sacro. Portanto, venera-

vam-se os textos, cujo entendimento estava longe de ser atingido. Esta realidade chegou a ser uma obsessão, tanto que se buscava com afinco os originais, raspando as folhas dos códices, como ilustra filmes como *O Nome da Rosa,* baseado no romance de Umberto Eco, que retratam a época. Diante disso, a cultura clássica havia se tornado uma estranha, inclusive para aqueles que detinham o conhecimento, ou seja, os alfabetizados da Alta Idade Média que tinham acesso às monstruosas bibliotecas.

Apesar de todo esse poderio monástico, os seus dias estariam contados. Foi a partir do séc. XII que o seu declínio iniciou. Em virtude do desenvolvimento do Ocidente, - *conseguido graças à organização dos territórios, à política econômica dos novos feldos etc* - acelerou-se o processo que laicizou o monopólio dos monatérios sobre a cultura. Em conseqüência disso, a cultura se difundiu por toda a Europa.

Daquela estranha cultura clássica, inóspita, proibida, o povo passara a ter acesso ao maior número de livros, traduzidos dos originais em grego, fomentando um número expressivo de tradutores, que publicava livros sobre os mais diferentes temas.

As lutas entre o Papado e o Império favoreciam a busca do conhecimento do direito romano, entre outros temas, e nessa escala, a necessidade organizacional de um centro de estudos e depósito de obras legais, fortaleceram à idéia da universidade.

Johannes Gensfleische (zum Gutenberg =dito Gutenberg)

Nascido de uma família de nobres, na Mogúncia no ano de 1395 (ou 1399), - outros autores afirmam entre 1394 e 1399, ou ainda cerca de 1397 - Gutenberg viria cedo a partir de sua terra natal, vindo a fixar-se em Estraburgo em 1434, apesar de muitos afirmarem o ano de 1424, ou também depois de 1430[2].

No que diz respeito a sua história de vida, fica nítida a presença de um homem com espírito inventor. Mas o relato de suas conquistas no campo das invenções fica restrito às origens da impressão tipográfica e, mais, estas atividades conseguiram registro em virtude de seus processos judiciários contra Johannes Fust, seu sócio.

Mas, após ter perdido tal causa, Gutenberg desistiu de seu trabalho de fundição. Trabalho este que envolvia a produção de cunhos em matrizes de metal, onde se derramava, em seguida, um quantidade específica do mesmo material, encerrando-se na confecção de novas matrizes, prontas para a impressão. Nesse trabalho intermitente, Gutenberg pôs-se a dedicar à impressão de sua famosa Bíblia de 36 linhas. Pesquisadores acreditam que este seja o exemplo mais antigo de impressão em tipos móveis registrado[3] e,

2. **GRANDE** Encilopédia Larousse Cultural, 1988, v.15, p. 2953 & NOVA Enciclopédia Ilustrada Folha, 1996, v.1, p. 432.

3. ALBERT, P & TERROU, F. ***História da imprensa***, p.4

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18



FIGURA 11 - Gutenberg

Fonte: **GRANDE** Encilopédia Larousse Cultural, 1988, v.15, p. 2953.

bem provável, também sua primeira empreitada depois da *guerra advocatícia* com o sócio, Fust. Em seguida, Gutenberg planejaria a Bíblia de 42 linhas, impressa anos mais tarde.

Gutenberg, após sucessivos golpes do destino, entre saques a sua oficina e desentendimentos com seus sócios, dentre os quais, por último Fust, veio a falecer em fevereiro de 1468, deixando para a humanidade um avanço no processo de desenvolvimento dos meios de comunicação: a tipografia.

A atividade se desenvolvera de acordo com as estruturas sociais e políticas da época. Iniciada em Estrasburgo, depois *Bamberga*, a impressão tipográfica solidificaria na Itália, num mosteiro, nesta pequena comunidade alemã.

A partir de então, o número de publicações tipográficas começou a aumentar consideravelmente e encontrou seu ápice comercial em diversas cidades italianas, dentre as quais Roma, Milão, Florença, Nápoles e Veneza. E foi nessa última que o florescer da imprensa disseminou-se a outros povos por meio de uma rede internacional de comércio.

Por se tratar de mercado, passa a ser compreensível as razões pelas quais a disseminação da impressão, partindo da Mogúncia, não fora para o centro europeu, bem como para a Alemanha meridional e sucessivamente, e sim através dessa rede de tráfego, onde as facilidades de comércio provinda de centros mais

desenvolvidos economicamente possibilitaram o florescer da tipografia em seus territórios.

Com o impulso mercantil, a imprensa encontraria um *corredor* por onde fluiria naturalmente e, para tanto, Veneza, na Itália, cujo acesso pelo mar adriático dar-lhe-ia status internacional, fato que Nicoletta Castagni (1987:109) notifica:

> *"Se o primeiro livro impresso na Itália sai, curiosamente, de mosteiro beneditino, o primeiro editor, pelo contrário, só podia instalar-se em Veneza, a porta para o Oriente, onde prosperavam todos os tráficos, e não menos aqueles que tinham algo a ver com a imprensa".*

Estava dado o primeiro passo para o surgimento da imprensa com tipos móveis. Dos ancestrais manuscritos, os tipos desenvolveriam rapidamente na agilidade em prol da disseminação informativa e os impactos desta descoberta, iniciada com Gutenberg, de sobremaneira ficariam agora registrados.

Um número expressivo de oficinas tipográficas - o que se pode caracterizar como *exército* - prestava serviços a editores variados. Tendo como respaldo a igreja católica, a imprensa só viu a sua ascendência prosperar. E o Estado, aliado às regras do clero, também adotara este novo instrumento de comunicação, que a cada dia se tornava poderoso.

Na Contra-Reforma, com Lutero, um público de leitores se formara. Julgava-se com perspicácia as idéias revolucionárias do momento religioso. Associada a uma espécie de jornalismo, a

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

linguagem vernácula servia de base para uma mass-media que criticava, expunha posições, ilustrava-se os comunicados do clero dominante etc. e trazia o quotidiano.

1.2.3 O novos meios de comunicação do século XIX até a metade do século XX

Ao se observar a história dos meios de comunicação, nota-se que os materiais utilizados foram do *pergaminho*(couro polido), vindo da Antiguidade, passando pelo *papiro* até o *papel* (surgido por volta do século XI) e que a passagem de um material para outro sempre demarcou uma evolução sem precedentes, como analisada anteriormente. Agora, no entanto, a *tipografia*, oriunda de sua ancestral a Xilogravura (primeira etapa da impressão tabulária), e que se utiliza de *tipos metálicos*, como se verificou, também não seria exceção nesse processo transformador.

A prensa de Gutenberg, no início do séc. XIX, como instrumento manual, permanecera como única opção para reproduzir-se textos e ilustrações. Quanto à estrutura, demais avanços adviriam mais rápido após a revolução industrial.

A partir desse período, configurou-se rápida a evolução dos meios de comunicação. Após o século XV, a obra de Gu-



tenberg em consonância com esta evolução, registra a passagem de uma *cultura oral* para um *cultura de mídia*[4]. De uma quantidade imensa de livros produzidos pelas oficinas, a organização social reestruturou-se. A necessidade de informação se intesificava, exigindo dos impressores a veiculação imediata de notícias. Estava dado o primeiro passo para a criação do jornal.

Como expresso, a necessidade de informação se impunha dia a dia, como conseqüência de intensas transformações sociais, advindas de ideais revolucionários como da Contra Reforma entre outros movimentos, que eclodiam em diferentes localidades. Assim, o livro, que deixara de ser a única forma de mensagem escrita, fomentou o surgimento de uma mídia cultural abrangente, em vista da ampliação dos níveis de conhecimento.

O primeiro livro de notícias surgiu em Londres, em 1513, cujo nome foi *The Treve Encontre*. Sua estrutura pouco a pouco foi se alterando, e seu editores viram a necessidade de uma maior periodicidade. Em paralelo, outros grandes centros publicavam seus livros-notícias, transferindo-se, na forma, num processo que viria a culminar no atual sistema editorial.

Mas, em se tratando da forma, "*desde a invenção da tipografia, as técnicas de composição evoluíram de forma sistemática até hoje*", aponta Ruth Penha Alves Vianna(1992:14). Assim, os

---

4. LOMBARDI, Carlo. ***Do pombo-correio ao sistema editorial***, in, ***op.cit***. p.143.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

modos de produção tipográfica necessitavam acompanhar as necessidades que deram impulso à origem do jornal. Portanto, a revolução industrial, nesses instantes da História, foi uma das principais colaboradoras para a mecanização da prensa de Gutenberg. E, a partir daí, com as novas descobertas, dentre as quais a eletricidade, a ótica e as ondas hertzianas, o impulso dado à imprensa atingiria uma velocidade surpreendente.

Enquanto as gazetas se espalhavam por todos os principais centros, como Veneza, Roma, Milão e demais cidades italianas, as invenções caminhavam a todo vapor. Surgia o telégrafo que só veio a ser utilizado em escala comercial em 1792, graças a Claude Chappe. Em contrapartida, a interligação entre as *redações* dos diversos matutinos tornara-se vital e o telégrafo não cumpria com maior eficácia a transmissão das notícias para as gazetas, sendo necessário um outro instrumento: o telefone.

O telefone concedeu ao homem um avanço comunicativo jamais imaginado antes. Iniciada as pesquisas com Claude Chappe e depois concluídas por Alexander Graham Bell, que patenteou a descoberta em 14 de fevereiro de 1876, o telefone veio a intensificar as relações informativas e fomentar novos horizontes para a comunicação. A imprensa vislumbrava um novo porvir.

Acrescido às descobertas citadas, a imprensa passava por rápidos estágios de transformação. Após a invenção da

máquina de vapor que, sem dúvida alguma, *constituiu o âmago da revolução industrial*[5], as prensas manuais seriam rapidamente substituídas por sistemas a vapor, o que Frederick Koenig, em 1810, tipógrafo saxão, idealizaria mais tarde. A partir dessa descoberta, outras adviriam sob encomenda dos editores em diversos países, tendo como base a prensa de Koenig.

Mas foi em 1868, após um período vasto de estudos e experiências tipográficas, que o proprietário do Warringthon Guardian, Alexander Mackie construiu uma compositora automática, possibilitando o advento de outras descobertas.

Para compreender esse avanço na composição introduzida por Mackie, é mister citar algumas de suas premissas como o conceito de alinhamento automático (linotipia), a fita perfurada para impressão em monotipo - surgida 20 anos mais tarde - e, sequencialmente, as composições mais avançadas como a fotocomposição.

A linotipo viria a ser inventada em 1886 por Ottmar Mergenthaler, em Baltimore, nos Estados Unidos. O nome dessa compositora surgiria, segundo diversos estudos "*em virtude da expressão de um tipógrafo durante as provas realizadas com a máquina: 'one line of types'(uma linha de tipos)*"[6]. Já na data de 1911, a

5. ***Storia della tecnologia***, ***op. cit.***., vol. IV, p. 154

6. CASTAGNI, Nicoletta, ***op. cit.***, p. 177-8.

Intertype seria desenvolvida, tendo como premissa a anterior linotipo. Ambas fundem uma linha inteira. Enquanto que a *Monotipo* fora inventada em 1887, por Talbert Lanston, em Washington. Como o próprio nome diz, a fundição era de apenas um caracter por vez. (vide *figura 12*)

1.2.4 **Os meios eletrônicos do século XX**

No século XX chega-se a um período de inovações tecnológicas significativas. Poder-se-ia rementer a uma expressão fortemente significativa a essa etapa desenvolvimentista dos meios de comunicação: o futuro nos bate à porta, ou ainda, *já estamos no futuro*[7].

Yoneji Masuda (1982) faz um referência à passagem de uma sociedade industrial para um informacional. Portanto, uma transferência *revolucionária* na organização do trabalho em sociedade. Revolução talvez não fosse o termo, apesar de certos autores o preferir, que será melhor explorada no capítulo 3 dessa dissertação. Ademais, a informação, que com avidez vem sendo buscada por nossas sociedades complexas, encontraria na tecnologia avançada o trampolim para um estágio de evolução rápida.

---

7. CARITÁ, Enrico. ***Já estamos no futuro, in, op. cit.***., p. 281

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

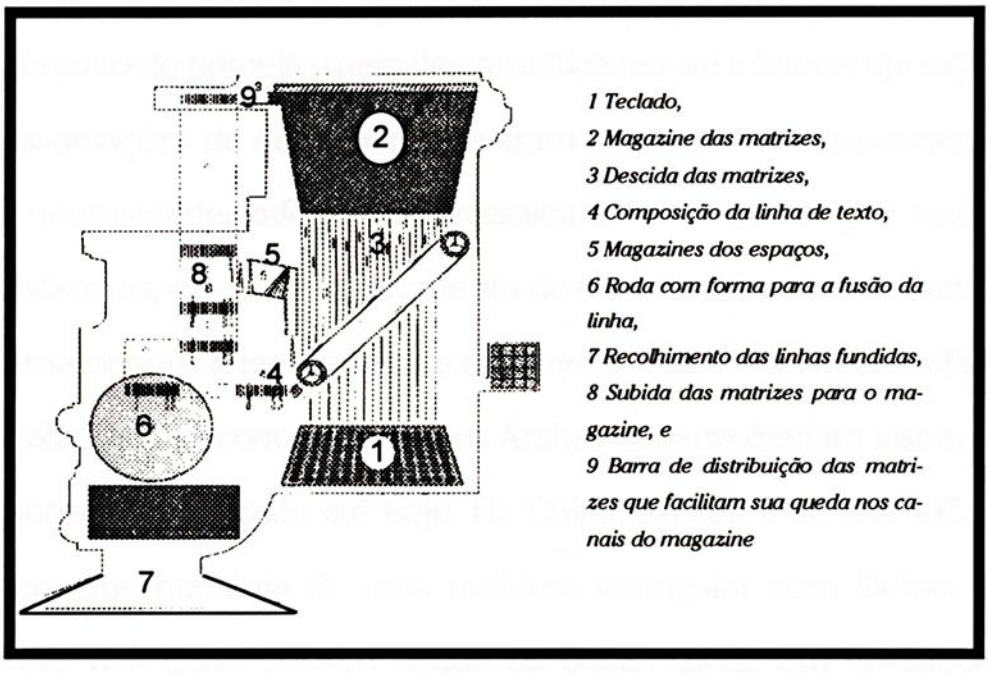


FIGURA 12 - Sistemas Linotipo e Monotipo

Nos dois sistemas, o operador senta-se em frente a um teclado. A máquina é ajustada à medida de linha e ao entrelinhamento desejados. A parte frontal superior da máquina contém os magazines, feito de uma série de canais internos, onde ficam as matrizes, ou o molde das letras, do tipo a ser composto. Quando o operador aperta as teclas, as matrizes caem em seqüência para formar um linha de composição. O operador coloca tantos caracteres e espaçadores em forma de cunha quantos couberem na medida ajustada. Quando a linha está pronta para fundição, o operador puxa uma alavanca que provoca um série de movimentos: a linha, composta de matrizes e espaçadores, é transferida para o mecanismo de fundição, os espaçadores são apertados entre as palavras para justificar a linha, metal fundido (o 'chumbo', na realidade uma liga de chumbo e estanho) é injetado nas matrizes; e, finalmente, a linha composta é ejetada para a galé. Logo depois que a linha é fundida, as matrizes voltam ao magazine, através do distribuidor, e os espaçadores para um caixa própria, prontos para a próxima linha. Tudo isso leva cerca de quinze segundos. Terminado o trabalho, a composição é amarrada e pronta para se tirar um prova. Depois da impressão, as linhas são novamente fundidas, para reutilização.

Fontes: HAJE, Bahiji. ***O processo gráfico - da redação à impressão***, 1987, p. 7 & **ENCICLOPÉDIA** Tecnológica Planetarium, 1976, v.4, p. 199-200.

Nesse processo todo, adentraremos por uma fase onde irá se destacar o *computador*. É bem sabido que desde o surgimento do primeiro meio de comunicação até a fotocomposição, as associações de descobertas levaram a outras e sucessivamente. Das necessidades informativas ressaltadas tanto quanto por razões econômicas, este novo instrumento dos media, não abandonaria a mesma origem relegada a seus *ancentrais*. Pois foi da necessidade do cálculo das *economias* que os Árabes desenvolveriam sistemas de somatória utilizado até hoje. Da China, há cerca de 500 a.C., o ábaco, que consistia de uma moldura retangular com fileiras de arames nos quais correm pequenas bolas, usada em operações artméticas.

É evidente que não foram apenas algumas descobertas isoladas que deram impulso ao surgimento do computador. Estes são dois dos fatores que propiciaram sua rápida ascensão: a princípio, graças ao intenso prosperar das ciências matemáticas, naturais em confluência às tecnologias, possibilitaram nos últimos 100 anos, uma autonomia exemplar nas tarefas, o que culminou em economias solidificadas; a partir daí, as tecnologias elétricas propiciaram uma manancial de novas tecnologias: a eletrotécnica, a eletrônica e, por fim, a macroeletrônica de hoje.

unesp

O ENIAC: o primeiro computador a válvulas

Tendo como base as evoluções científicas citadas, o sistema de contagem viria a ser a válvula de escape para o porvir do computador. Das remotas máquinas de calcular, dentre as quais a de Blaise Pascal, que realizava somatórias, seguida da de Leibnitz, Babbage e muitos outros, uma máquina avançada para a época resumiria todas as operações simultaneamente, eliminando a deficiência das demais: o ENIAC.

Com 30 metros de largura por 3 de altura, o ENIAC processava os cálculos utilizando 18 válvulas de 16 tipos diferentes. Amplamente utilizado para fins militares, na Segunda Grande Guerra, o ENIAC serviu para contabilizar armamentos, processar dados e demais informações de estratégia militar. Viria a ser substituído no pós-guerra pelo EDVAC, graças à sua capacidade de memória, o conhecido por *máquina de Von Neumann*.

Mas foi no ano de 1948 que uma revolução ocorreria no sistema de processamento de dados com o desenvolvimento da unidade mínima de informação: o *chip*. Graças a J. Bardeen, W.H. Brattain e W.B. Shockey, este primeiro transistor seria desenvolvido em laboratório, através da aplicação de silício que possibilita a amplificação de correntes elétricas.



Da arcaica estrutura com válvulas, este circuito eletrônico alavancaria um passo importante no processo de miniaturização desses novos meios e tornaria o computador um instrumento de fácil locomoção, abrindo a possibilidade para sua utilização a um número maior de pessoas.

Antes, um instrumento para especialistas, técnicos, militares, *escondido* em salas e objeto de apenas alguns, agora, disponível a todos.

Nessa corrida pelo aperfeiçoamento da máquina, o computador passaria por sucessivas alterações na forma estrutural e no conceito de aplicação. Dos cálculos binários, que transferiram a informação em dígitos (digit = cifra em inglês) "0" e "1", e do processamento de informação para processamento de dados, estava inaugurada uma nova linguagem, e de uma forma mais ampla, uma nova sociedade.

1.3 A Sociedade da Informação

Após o EDVAC, outras máquinas foram desenvolvidas. Numa escalada vertiginosa, dos anos de chumbo até hoje, cinco séries ou gerações de computadores foram desenvolvidas, uma em substituição à outra, o que até agora ainda se processa e,

unesp

evidentemente, irá se processar.

Tão velozes são essas transformações, que fica difícil estabelecer um parâmetro. Para tanto, Vianna(1992:15), aponta o artigo de J. Seixas Patriani:

> *"Na aceleração em progressão geométrica em que vivemos, o amanhã já foi ontem. O fenômeno da 'rapidação' - e o símbolo desta tendência básica de nossa época - é o computador eletrônico.(...)"*

Ao se visualizar o período de transformações das máquinas eletrônicas, pode-se dintinguir alguns dos equipamentos que passaram a fazer parte do dia-a-dia do homem comum. Esta interatividade teria começado na década de 70, de forma mas intensa, com os computadores pessoais, os PC, do inglês *Personal Computer*.

Antes, no entanto, faz-se necessário distinguir as sucessiva gerações dos computadores: a primeira geração, portanto, de 1945-1957, utilizava válvulas, a segunda, de 1958 a 1963, utilizava transistores e memórias com núcleo de ferrite; a terceira (1964 a 1980), empregou circuitos integrados com alto nível de integração e memórias de semicondutores ou do tipo bolha magnética. Uma quinta geração, tendo como base novas arquiteturas (computadores vetoriais), destina-se a problemas de inteligência artificial e faz parte dos nossos dias.

O que, portanto, diferenciou as quatro gerações ante-

unesp

riores da a atual é o fato da sua estrutura de processamento de informação. Enquanto essas primeiras séries operavam com um processador central, uma memória, uma unidade artmética e um dispositivo de entrada e saída, a atual geração opera em paralelo, ou seja, não mais em passos sucessivos, além do mais, os computadores de quinta efetuam transferência de informação também por intermédio de símbolos e não somente números.

Enfim, é chegada operacionalização por meio de dados e seu acesso amplo. Masuda apresenta as estruturas dessa nova sociedade de acordo com quatro características

> *"1. Diferentes tipos de tecnologias inovadoras combinaram-se para construir um complexo sistema tecnológico, 2. Esses sistemas tecnológicos integrados difundiram-se pela sociedade e estabeleceram-se gradualmente, 3. O resultado foi a rápida expansão de um novo tipo de produtividade, e 4. O desenvolvimento desse novo tipo de produtividade teve impacto suficiente para transformar a sociedade em uma nova forma diferente daquela que já se tornara tradicional."*

1.4 A tecnologia e o trabalho

De posse da história dos meios de comunicação e sua implicação social, vê-se com nitidez o papel das novas tecnologias nas mudanças estruturais da sociedade. Entender, portanto, os conceitos implícitos nas palavras tecnologia e técnica que, vastos na acepção, poderiam ser assim melhor resumidos: Tecnologia:

unesp

estudo e conhecimento científico das operações técnicas ou da técnica. Técnica, portanto, *como um conjunto de regras práticas para fazer coisas determinadas, envolvendo a habilidade do executor e transmitidas, verbalmente, no uso das mãos, dos instrumentos e ferramentas e das máquinas.*

Ao se reportar a essas definições, poder-se-ia compreender melhor as transformações ocorridas na sociedade, pois intermédio da técnica, alcançavam novas tecnologias. O trabalho, antes espacializado numa esfera distante do lar, agora tem no conjunto de regras, que abarca consigo, um novo *habitat*(vide figuras 13 e 14). A produção eletrônica da mídia impressa especializada possui no instante presente essa interação.

Ao se efetuar considerações sobre a atual sociedade em que as novas tecnologias se apresentam, parecerão a um futuro distante, desenecessárias, tão rápidas serão as mudanças sociais e culturais a que esta mesma sociedade está-se submetida. Diante desse paradigma, pode-se verificar a interatividade cada vez maior entre ambiente doméstico e trabalho; as esferas do lazer e de ocupação parecerão desencumbidas da atual espacialização. E essa mudança refletirá constantes desafios.

Para tanto, a editoração eletrônica no jornalismo impresso especializado vem legitimar essa práxis.

unesp

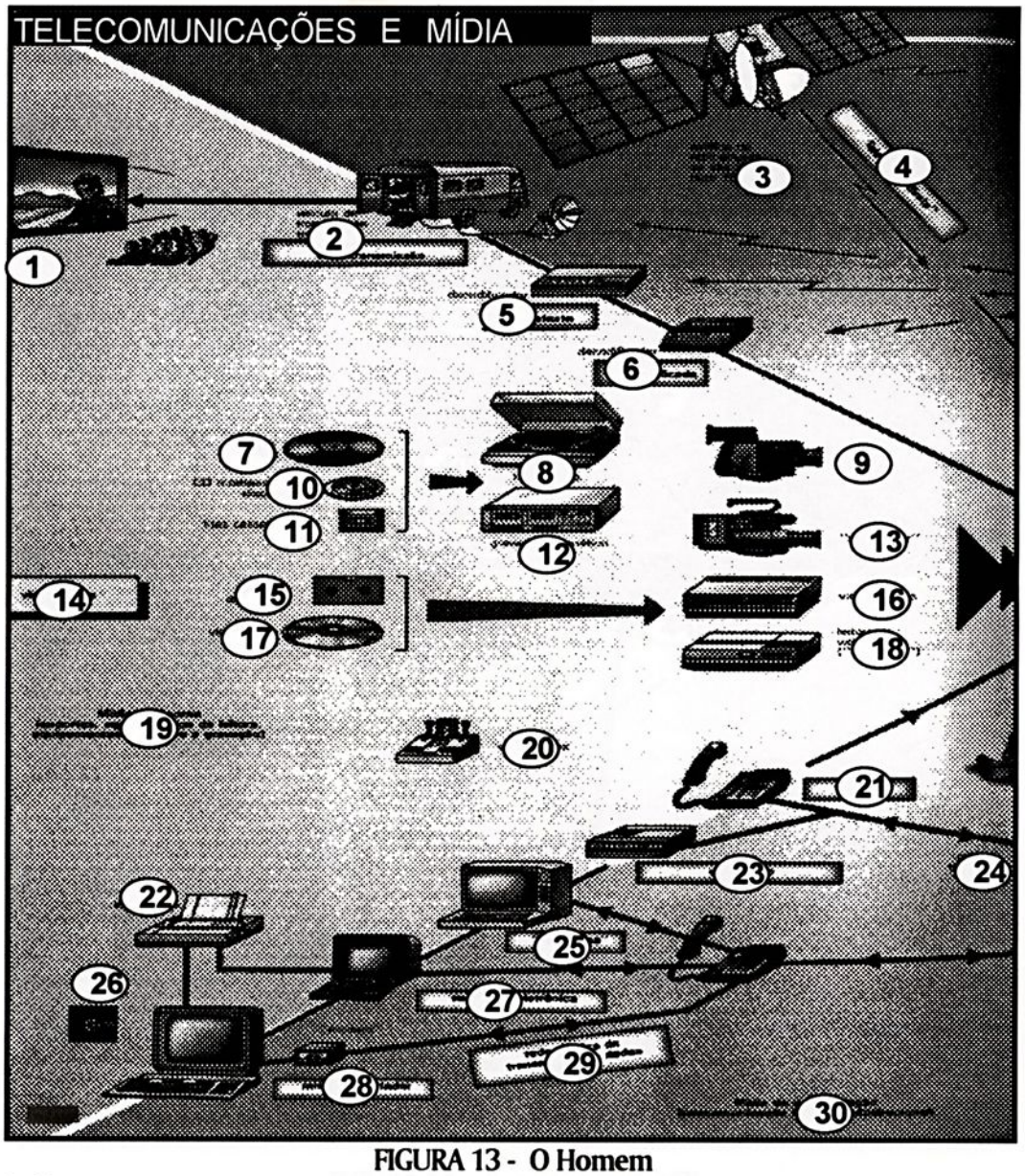


FIGURA 13 - O Homem

1- Cinema
2 - Vídeotransmissão
3 - Satélite de radiodifusão de alta potência (tipo TDF-1)
4 - Televisão "direta"
5 - Decodificador - teletexto
6 - Decodificador - TV codificada
7 - Discos
8 - Toca-discos
9 - Câmera de Vídeo
10 - CD (Compact Disc)
11 - Fitas Cassete
12 - Gravador Magnético
13 - "Camcorder"
14 - Vídeoclubes
15 - Fitas de vídeo
16 - Videocassete
17 - Videodiscos
18 - Leitora de videodiscos ("laser disc")
19 - Mídia autônoma (suportes, equipamentos de leitura, equipamentos de leitura e gravação).
20 - Videogames
21 - Telefone
22 - Impressora
23 - Videotexto
24 - Central Telefônica
25 - Videofone
26 - Disquete
27 - Secretária eletrônica
28 - Rede Pública de Transmissão de Dados
29 - Microcomputador
30 - Mídia de comunicação(telecomunicação bi/ multidirecional)

Fonte: **GRANDE** Enciopédia Larousse Cultural, 1988, v.28, p. 5742.

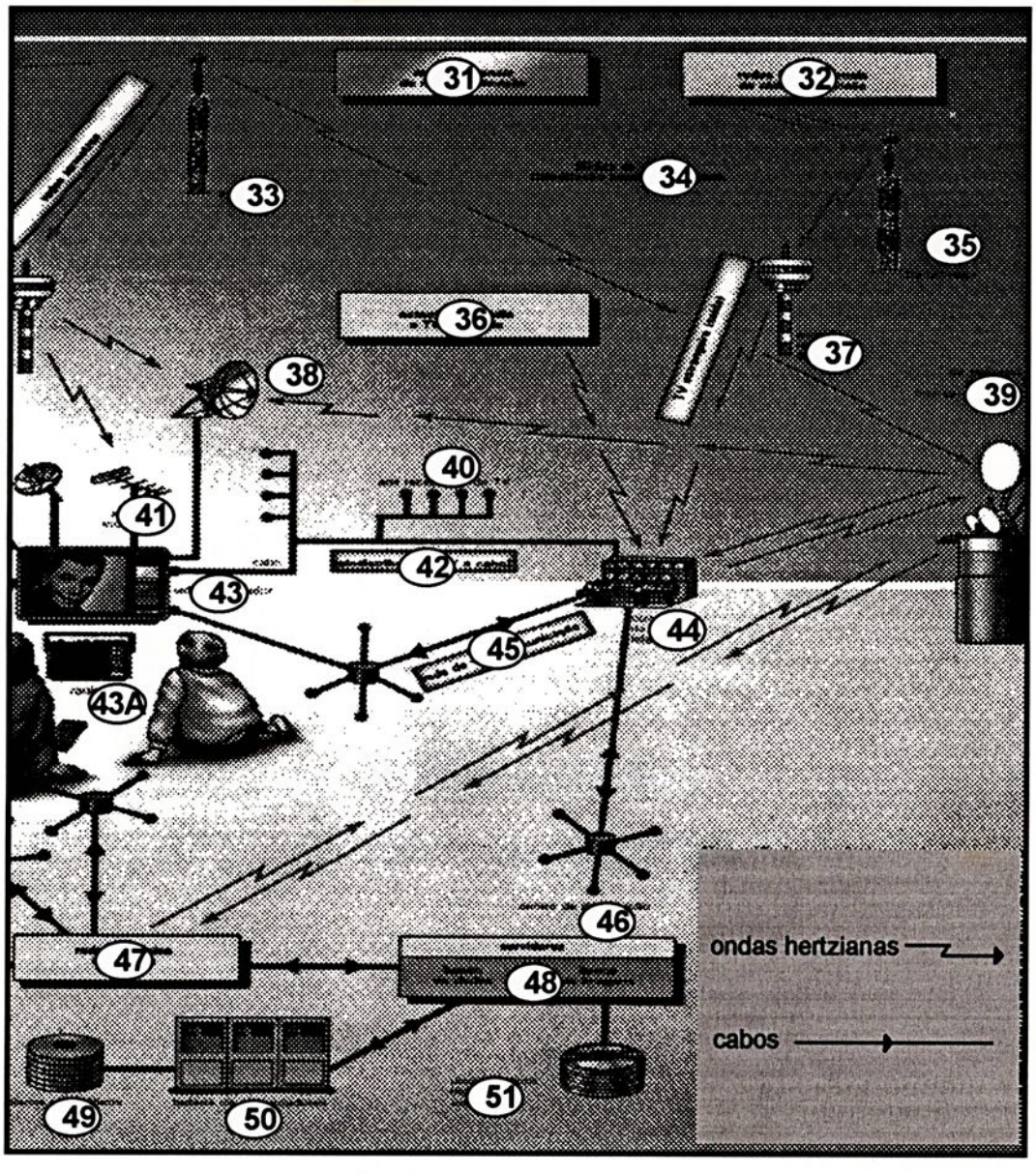


FIGURA 14 - E seus parentes(2)

31 - Redes nacionais de rádio e televisão
32 - Rede internacionais de rádio e televisão
33 - Transmissor
34 - Mídias de difusão (teledifusão ou restrita)
35 - Transmissor
36 - Estações de rádio e TV regionais
37 - Estação repetidora de sinais
38 - Antena coletiva
39 - Satélites de pequena ou média potência (tipo ECS, Intelsat, Telecom, Brasilsat)
40 - Aos receptores de TV
41 - Antena individual
42 - Teledistribuição (TV a cabo)
43 - Videocomutador
43A - O rádio
44 - Comando da rede de teledifusão
45 - Rede de Videocomunicação
46 - Centro de Distribuição
47 - Rede telefônica comutada
48 - Servidores: Banco de dados/Banco de Imagens
49 - Banco de dados: discos magnéticos
50 - Banco de dados: bateria de computadores
51 - Banco de imagens: discos ópticos digitais/ videodiscos

Fonte: **GRANDE** Encilopédia Larousse Cultural, 1988, v.28, p. 5743.

Segundo Capítulo
A Editoração Eletrônica

2 A editoração eletrônica

A comunicação sempre representou para o homem o seu maior instrumento de sociabilização e, portanto, humanização. Dos mais remotos tempos da humanidade, como vimos no *capítulo anterior*, até os dias de hoje, vê-se explícita tal importância e ela se vislumbra de forma marcante e clara nos procedimentos pelos quais este mesmo homem se utilizou para tornar a comunicação cada vez mais eficaz, e é justamente aí onde prevalece o papel legitimador das novas tecnologias que lhe serviram precisas.

Ressaltar tão somente este papel não será a principal finalidade dessa dissertação, mas, antes de tudo, apresentar seus

unesp

mecanismos de disseminação bem como a dimensão como as tecnologias servem de intercâmbio entre homem e máquina, criador e criatura, arte e técnicas no jornalismo especializado.

Assim, nesta relação, encontra-se a essência do trabalho informatizado que se pretende viabilizar a criação na mídia impressa, sem submeter a criatividade e, portanto, retirando o profissional da respectiva mídia da auto-alienação, concedendo a ele a ferramenta indispensável para extravasar sua imaginação que, na certa, culminará em novos comportamentos editoriais.

2.1 **Fundamentos teóricos da editoração eletrônica**

O que é *editoração eletrônica?* Muito se fez esta pergunta e muitas respostas foram dadas e, junto delas, muitas *variações* também. É bom entender por *variações* os diferentes pontos de vistas bem como a complexidade que o termo por si só se *imprimiu*. A princípio, no entanto, deve-se entender o que é *editoração* e, em seguida, o porquê *eletrônica*.

Editoração, segundo Tupã Gomes Corrêa(In, ***Editoração: conceitos, atividades, meios***, 1988:13), "*compreende o processo de seleção, padronização, multiplicação e veiculação*". Enquanto Krammer & Parker (1991:4) estabeleceram a seguinte defini-

unesp

ção:

> *"A editoração eletrônica nasceu em julho de 1985, quando a Aldus Corporation introduziu o PageMaker 1.0. Desktop Publishing (editoração eletrônica) é o uso de computadores pessoais para (1) criar palavras e imagens gráficas, (2) aplicar várias famílias e tamanhos de texto, (3) dimensionar e posicionar imagens gráficas, (4) dispor as páginas acabadas e (5) imprimi-las em uma impressora laser".*

Numa segunda definição, Parker (1991:4) aponta para a complexidade que antes era a confecção de trabalhos gráficos, ora periódicos, ora arte-finais e que agora, contudo, está facilitado, organizado numa nova esfera do trabalho: a eletrônica. E é justamente aí que reside sua característica tecnológica.

Selecionar, multiplicar ou mesmo veicular entre outras atividades resumem, de modo geral, o que venha a ser editoração, mas não encerram por completo o seu conceito; Krammer & Parker acrescentam a *tecnologia*, onde torna-se explícita a mecanização dessas atividades. A editoração e a eletrônica tornaram-se inseparáveis.

Obter impressos com uma aparência qualitativa há um tempo atrás, mais especificamente antes de 1983, consistia num processo estafante, em passos diferentes e prazos que na maioria das vezes não podiam ser cumpridos. As revisões do material impresso, então, eram caras, envolvendo diversos profissionais, e as mudanças de última hora passavam a ser impraticáveis. Como que por um passo de mágica, a editoração sofreu uma *injeção eletrôni-*

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

ca; os computadores, por meio de programas desenvolvido, conseguiram traduzir as necessidades dos editores. Ela se tornou barata e com qualidade, e mais, no próprio escritório as provas poderiam ser impressas em questão de minutos, haja vista que tendo por suporte suma impressora a laser e um aplicativo específico.

Além da preocupação em se produzir um produto com aspecto industrial, a editoração eletrônica surgiu também para agilizar os métodos de produção. Vianna (1992:32) destaca o depoimento de Pedro Pinciroli, engenheiro e Diretor Industrial de Informática da Folha de São Paulo:

> *"A informatização deveu-se, em primeiro lugar, a uma atitude de pioneirismo com relação à tecnologia, uma característica marcante da Folha. Sempre que uma nova tecnologia é lançada no mercado, e isso ocorre desde 1962, o jornal tenta implantá-la no País, antes que outros o façam. Em segundo lugar, porque tornava o jornal mais viável (do ponto de vista econômico), racionalizando tempo e agilizando a informação".*

Desta forma, vê-se novos horizontes para o porquê da editoração eletrônica, pois que além da rapidez, estética, também o motivo econômico se faz presente. Como se percebe, a editoração pelos computadores tornou não só mais viável economicamente o sistema de comunicação impresso bem como padronizaram-se estilos e a racionalização do tempo passou a ser uma realidade.

unesp

2.1.1 **Classificação dos produtos editoriais**

Mas é bom frisar, a priori, a classificação que se faz dos meios editoriais impressos, porque editoração se faz em diferentes media também, como no rádio e na tv.

Há impressos verbais, visuais e verbo-visuais conforme destaca Corrêa. Nesses impressos verbais estariam elencados *os jornais, revistas, livros e folhetos sem ilustração;* os impressos visuais, *cartazes só com ilustrações, fotografias e álbuns de figuras sem legenda, murais e quadros só com ilustrações e quadrinhos sem legenda*. Quanto aos impressos verbo-visuais, *os periódicos e revistas, livros e folhetos com ilustração; cartazes com ilustração e legenda, fotografias e álguns de figuras com legenda, murais e quadros com ilustração e legenda, quadrinhos com legenda, calendários e, por último, gráficos e/ou mapas - geográficos inclusive.*

A partir da organização dos diferentes padrões editoriais, passa-se a ser mais fácil a localização das publicações especializadas neste contexto. Portanto, um jornal para um público específico estaria enquadrado como um impresso verbo-visual (vide figura 15), da mesma forma uma revista especializada, *objetos de estudo deste trabalho dissertativo*, ou mesmo um livro.

Nessa ordem classificatória, é importante destacar as





FIGURA 15 - Exemplo ilustrativo de impresso verbo-visual

Fonte: CORRÊA, Tupã Gomes. ***Editoração: conceitos, atividades, meios***, 1988, p. 36.

caracterizações editoriais. Quando publica um jornal, o editor não reflete sobre as condições em que seu ofício irá se realizar. Deste modo, *não lhe passará pela cabeça* que a editoração possa ser comercial e industrial ou artesanal e institucional/privada (figura 16). Todas essas definições auxiliam na compreensão do trabalho editorial; nas finalidades que a editoração pretende legitimar.

Uma publicação específica e/ou especializada tem uma editoração artesanal, em conseqüência de seu número reduzido de exemplares, por exemplo, e não implica em lucro, mas está relegada ao *produto pelo conteúdo*, fato oposto quando caracterizada como comercial industrial ou de serviço. Por detrás desses conceitos, que são nada mais nada menos do que reflexos das necessidades sociais, está implícito uma exigência: *a estética do menor esforço*.

Seja lá qual for o tipo de publicação, os editores têm uma preocupação constante que é a excelência gráfica, ressaltada no princípio desse capítulo, seguida de rapidez e custo. Três itens imprescindíveis para viabilizar quaisquer projetos editoriais.

Em se tratando da imprensa especializada, pode-se perceber a constante busca da melhoria na impressão - o que a Grande Imprensa deixa a desejar. Talvez seja nesse aspecto o ponto forte para atrair o seu público. Então, sua editoração necessita de um planejamento detalhado. Perguntas como: *Que informação, a*

unesp

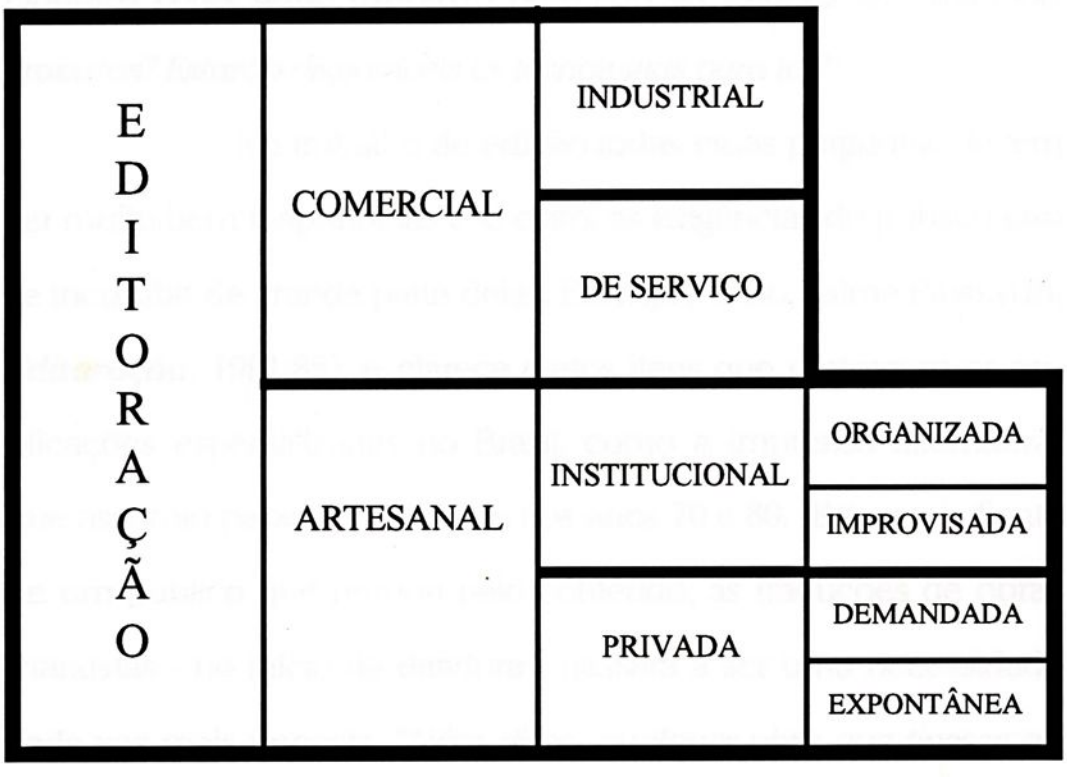


FIGURA 16 - Quadro de classificação editorial

Fonte: CORRÊA, Tupã Gomes.***op.cit.***, 1988, p. 42.

ser divulgada, será exigida pelo leitor? Qual o tamanho (dimensão) e número de páginas será resquisitado? Qual a região (área) a ser abrangida? Como será sua circulação (diária, semanal, mensal etc)? Quantas cores serão usadas? Como vão ser tatadas as fotos e/ou gravuras? Estarão disponíveis as tecnologias para tal?[1]

No trabalho de edição todas essas perguntas devem ser muito bem respondidas e, é claro, as exigências do público irão se incumbir de grande parte delas. Exemplo disso, Jaime Pinsky(In, ***Editoração***, 1991:85), esclarece certos itens que nortearam as publicações especializadas no Brasil, como a imprensa alternativa, que assumiu papel de destaque nos anos 70 e 80. Estava-se diante de um público que primou pelo conteúdo; as traduções de obras marxistas - no início da ditadura - passara a ser uma necessidade cada vez mais imposta. "*Além disso, qualquer obra que tivesse algum cunho de contestação era profundamente consumido*", enfatiza Pinsky.

Acrescido à cultura de resistência, outros itens explicam melhor a base dessas publicações *artesanais institucionais organizadas*, como as edições infanto-juvenis e as obras *dirigidas* a um determinado segmento, o universitário.

Não se pretende aqui esgotar tais classificações, mas compreender os critérios em que se organizam. Portanto, será pos-

1. HUGHES, Kenneth L. ***Desktop Publishing handbook***, p.8-9.

unesp

sível entender a editoração enquanto processo editorial e não como uma causa isolada.

Das facilidades ressaltadas em se conseguir o máximo da editoração eletrônica e a custos baixos, surge, como conseqüência, uma quantidade expressiva de publicações de mesa *(desktop publishing)*, assim chamadas - pois passaram a ser produzidos em mesas de escritórios, com as avançadas impressoras à laser. Oriundos desses pequenos *bureau* - palavra de origem francesa que denota pequena repartição - , as *desktop publishings*[2] *ou newsletters* inundaram empresas, instituições etc. e os programas *(softwares)* evoluíram (e evoluem) com uma rapidez impressionante. (vide figuras 17 e 18)

Apesar de se destacar, com mais ênfase, até agora as transformações ocasionadas pela editoração eletrônica na apresentação do material publicado, faz-se também necessário relatar os avanços na produção textual, *enquanto correção de palavras, disposição gráfico-editorial e demais peculiaridades*.

---

2. Expressão criada por Paul Brainerd, presidente da Aldus Corporation, proprietária da marca PageMaker in,KRAMER, Douglas & PARKER, Roger. ***Aldus pagemaker 4.0***, p.22-3.

unesp

Título da publicação: *COMPANY REVIEW* (capa)

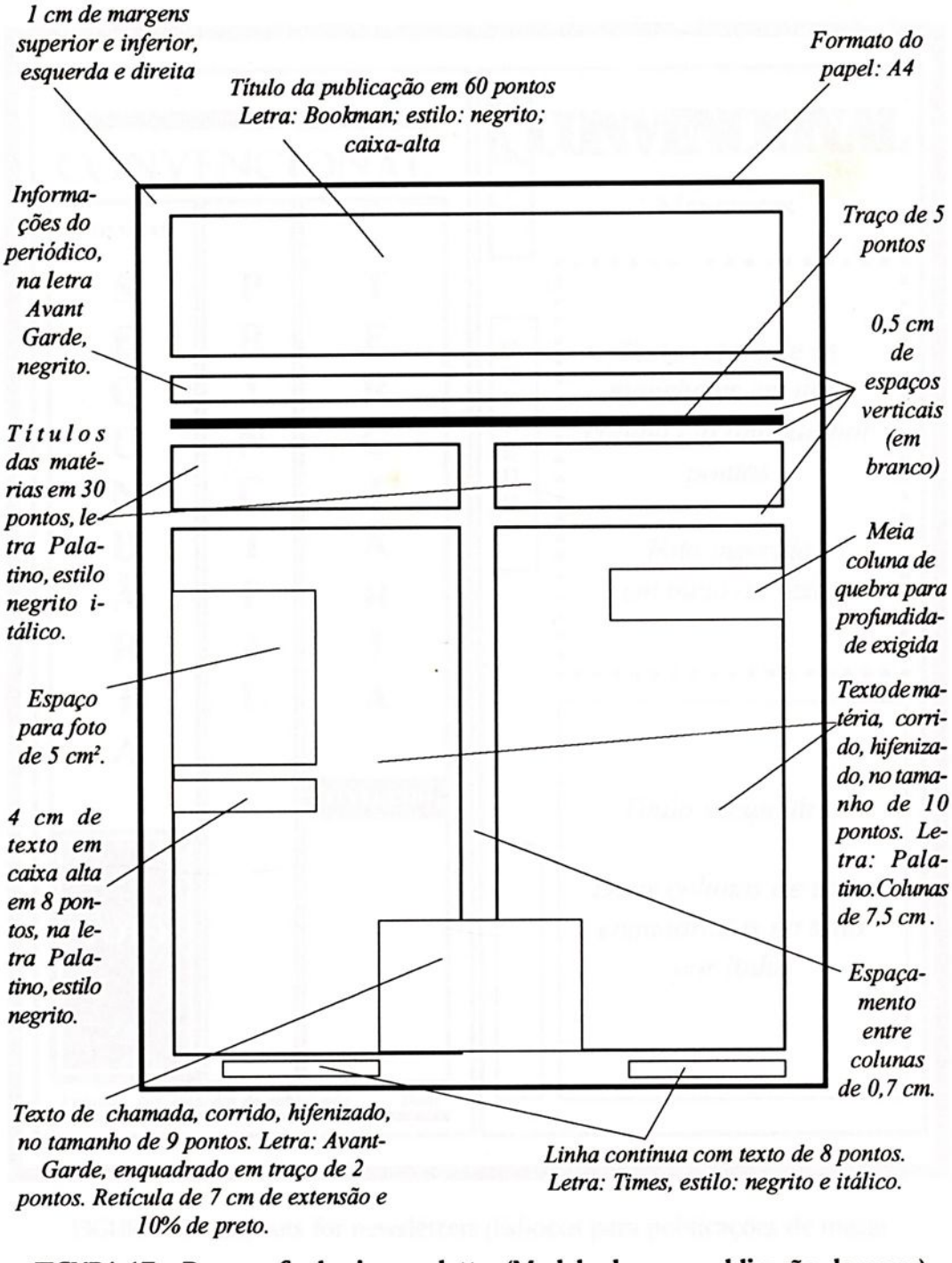


FIGURA 17 - Dummy for basic newsletter (Modelo de uma publicação de mesa)

Fonte: HUGHES, Kenneth L. ***op.cit.***, p.11.



FIGURA 18 - Layouts for newsletters (Esboços para publicações de mesa)

Fonte: HUGHES, Kenneth L. ***op.cit.***, p.18.

2.2 Seleção

A editoração de textos

Quando se fala em Grande Imprensa, constata-se que a editoração eletrônica está hoje em todas as redações do país. Esta é uma realidade que há um tempo não passava de projetos. Mas a modernização chegou de forma rápida e foi *invadindo* as redações dos jornais e atualmente se disseminou a todos os veículos impressos.

Informatizar uma redação implica em vários fatores que vão desde a aquisição dos equipamentos necessários até o treinamento de pessoal. Em se tratando desse último fator, verifica-se que existe uma carência de profissionais que se dediquem a este tipo de atividade, tanto no campo da operacionalização dos *softwares* quando na criação de novos aplicativos.

Partindo do princípio de que toda redação informatizada necessita de *hardwares (equipamentos)* e *softwares (programas)* específicos, deve-se entender, portanto, que a editoração numa redação tem por princípio a digitação dos textos das matérias no computador (input), o que recebeu a denominação *copy-desk* e,

unesp

em seguida, esta quantidade de textos será trabalhada no tocante a definições de tipos, fontes, tamanhos, estilos, parágrafos, entrelinhamento, alinhamento etc.

É justamente a partir dessas definições primárias que se convencionou para o texto, a chamada seleção, que iremos determinar a pré-diagramação da página do periódico.

A pré-diagramação, portanto, passa a ser feita com mais rigor e eficácia através da tela do computador, porque visualiza-se de forma completa e semi-acabada os estilos que há de se escolher e o seu futuro efeito. A importância dessa facilidade no estudo de página é primordial para o editor porque ele irá predeterminar os efeitos assim como poderá trabalhá-los em inúmeros esquemas, evitando o desperdício de tempo e, portanto, dinheiro.

Não apenas os recursos para a pré-diagramação ou *layout* o computador melhorou, mas também a edição dos textos foi melhorada e ampliada. Estão disponíveis no mercado de *softwares*, aplicativos de última geração que tornam possível a correção de texto em diferentes idiomas. Mas é bem entendido que esta correção ainda está relegada ao sentido denotativo da palavra, pois a sintaxe permanece em projeto, disponível apenas a organizações de pesquisa informacional.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

2.3 Padronização

O processo de edição

Como a editoração é um processo que se realiza em quatro etapas, o processo de edição ou *padronização* acompanha também um sub-divisão parecida: a digitação das matérias, a configuração do texto (corpo, estilo etc) e a edição das palavras (varredura por aplicativo específico).

Um software muito usado para edição de texto tem sido o PageMaker versão 4.0, contudo, encontram-se disponíveis também o PageMaker versões 5.0, e 6.0, para o Windows 95. E nesse mesmo programa, acessado através do Windows, ao se utilizar o *Edit Story (Editor de Texto)* - vide figura 19 -, onde são digitadas as matérias para posterior edição.

Após a digitação, inicia-se a segunda etapa, que compreende a disposição do texto na página do jornal ou revista, seguindo o boneco proposto pela seleção do material. Ocorre aí o que definimos como *diagramação*: são dispostas as colunas determinadas na página, os corpos dos títulos, os entretítulos, olhos etc. Estas definições são possibilitadas numa outra seção do aplicativo denominada *Edit Layout (Edição de Página)* - vide figura 20.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

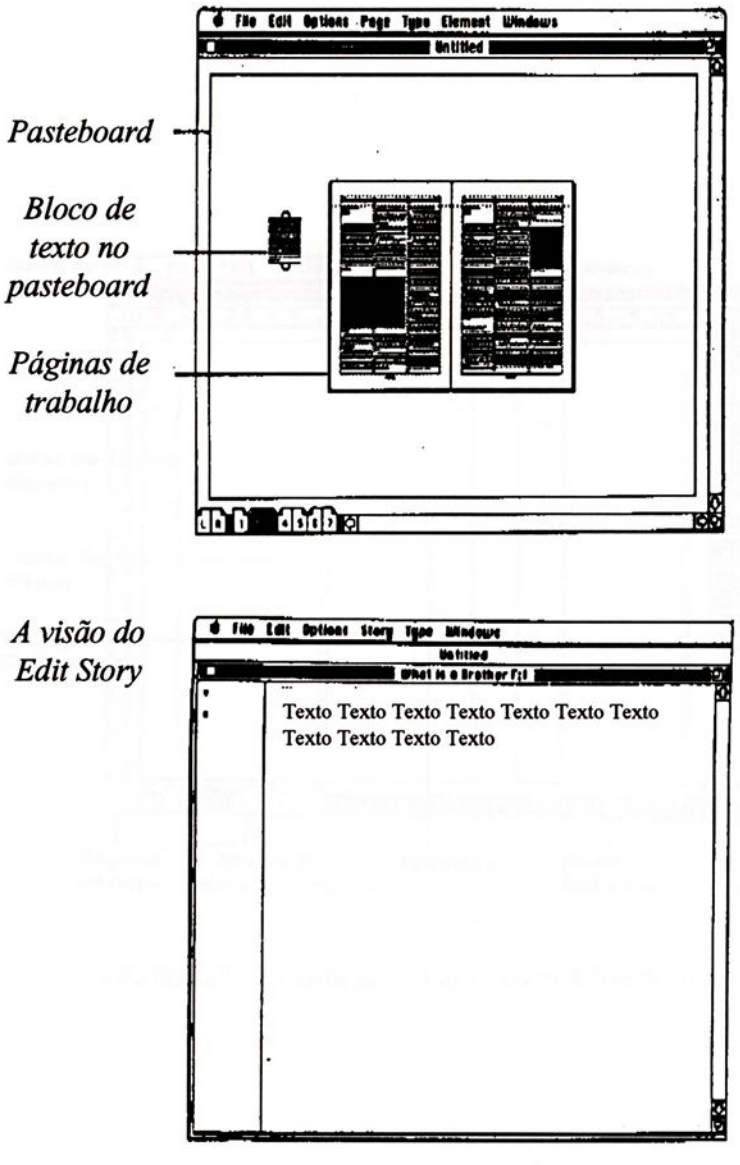


FIGURA 19 - O aplicativo PageMaker 4.0 (editor de texto)

Fonte: KRAMER, Douglas & PARKER, Roger.***Aldus pagemaker 4.0***, p.39-40.

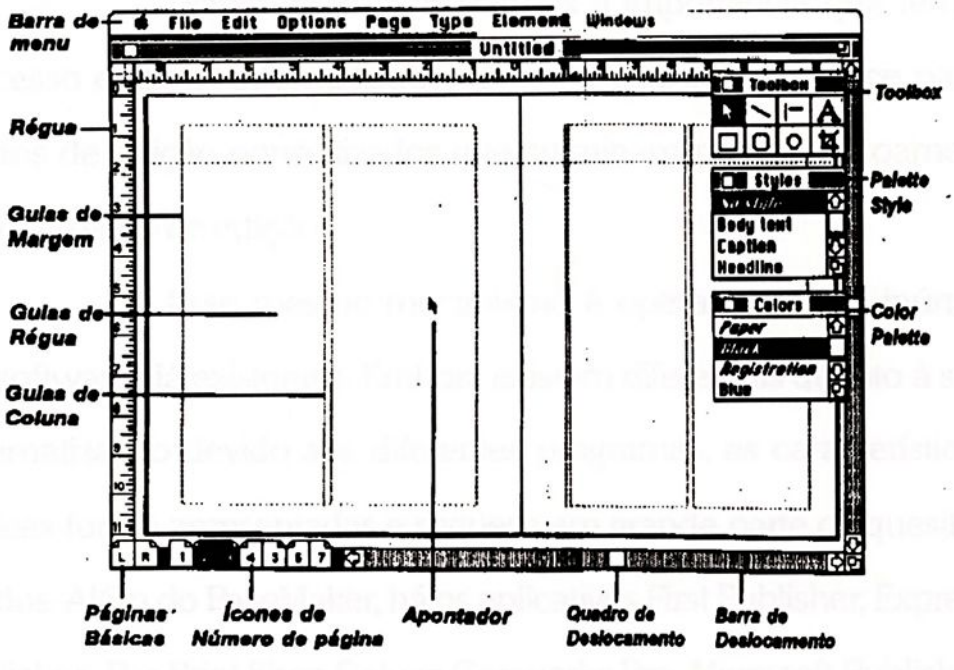


FIGURA 20 - O aplicativo PageMaker 4.0 (editor de layout)

Fonte: KRAMER, Douglas & PARKER, Roger. ***op.cit.***, p.38.

No próximo passo, faz-se a correção de palavras - ortografia -, o que aliás é muito importante, pois o software detecta todas as palavras grafadas incorretamente, inclusive aquelas que não percebemos. Daí advir sua maior serventia, porque quem trabalha numa empresa jornalística sabe muito bem quão valor tem evitar os erros na edição!

Diante disso, percebemos a importância que tem o processo editorial informatizado, uma vez que se estabelece parâmetros de edição normatizados que culminam no aperfeiçoamento do trabalho de edição.

Esse mesmo mecanismo é operacional em inúmeros softwares já existentes. Embora existam diferenças quanto à sua sistematização devido aos diferentes programas, as características básicas foram apresentadas e seguem em grande parte os quesitos citados. Além do PageMaker, há os aplicativos First Publisher, Express Publisher, The Print Shop Deluxe,Geoworks Pro, Microsoft Publisher, Framemaker, Quark Xpress, Ventura Publisher, Word, Carta Certa entre outros.

2.4 **Multiplicação**

Os aspectos estéticos da editoração

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

É inegável as vantagens visuais que os softwares e hardwares proporcionam à edição das *Desktop Publishings*. Após o surgimento desses instrumentos, podemos considerá-los a pedra angular do desenvolvimento que se verifica hoje. Antes da editoração eletrônica e depois dela se vislumbram duas etapas bem definidas da produção editorial.

Quanto à riqueza estética, podemos alcunhá-la *uma etapa de transformação sem precedentes*. A informática revolucionou a concepção de produção plástica na editoração: as impressoras à laser, em consonância com as off-set's avançadas, aposentaram as linotipos e/ou tipos móveis. Além de condicionarem uma resolução garantida bem superior aos avanços desenvolvidos por Gutenberg, também agilizaram em demasia sua produção assim como legitimaram um padrão de alta qualidade. Isto, aliás, explica a característica das novas tecnologias, conforme atestam Juan Menor Senra & Alejando Perales Albert (1988:78-81): *em menor espaço, a maior quantidade de informação em maior agilidade e qualidade*.

O New York Times, por exemplo, armazena todas as edições em moderno sistema de microfilmagem. Luiz Beltrão (1992:43), quando visitou o famoso jornal, ficou admirado com seu arquivo:

"O emprego do microfilme se está generalizando nos paí-

> *ses mais adiantados cultural e tecnicamente: nos Estados Unidos, tivemos a oportunidade de visitar o arquivo do New York Times, onde as coleções volumosas e devoradoras de espaço das edições daquele famoso órgão da imprensa mundial estão concentradas em poucos metros de caixas de aço".*

Mas não somente no arquivamento que este benefício das tecnologias, em reduzir espaço, está presente. Também na disponibilidade de uma gama de recursos gráficos, antes alocados em outros departamentos físicos, necessitando da mão-de-obra de diversos profissionais (atualmente dispensados). Hoje, encontram-se concentrados num único equipamento, através de dois ou três softwares.

Ainda sobre esta capacidade incrível dos computadores em armazenar com velocidade, Neil Postman (1996:143) faz referência à origem da escrita:

> *"Como a imprensa criou novas formas de literatura ao substituir o manuscrito feito à mão, é possível que a escritura eletrônica venha a fazer o mesmo. Todavia, até agora a tecnologia de computação funciona mais como um novo transporte do que como um novo meio de comunicação substantiva. Ela move a informação - em grande quantidade, rapidamente, e sobretudo relacionada a cálculos. Em verdade, o computador torna possível a realização do sonho de Descartes sobre a matematização do mundo. Os computadores tornam fácil converter os fatos em estatística, e transformar problemas em equações".*

Após a edição textual, - *excluindo-se estilos de jorna-*

lismo etc. - um outro passo importante na producão, cujo auxílio recebido da editoração eletrônica se faz manifesto, é a definição do material impresso: a resolução das letras e traços.

Em relação à nitidez da edição a ser *multiplicada*, é na resolução dos pontos que a padronização poderá ser co-denominada *profissional*. Trata-se, no entanto, de se exaltar o produto final, subjugado por critérios de *pontos por polegadas* que, em inglês, se convencionou DPI - *Dots Per square Inch*. (figuras 21 e 22)

Sendo este o critério, as empresas que produzem impressoras resolvem por investir no aumento do DPI, apontando para isso as vantagens da obtenção dos seus produtos. Dos 100 DPI's iniciais, hoje estão acessíveis as impressoras de até 3000 DPI's, as fotocompositoras, por exemplo.

O mercado da informática oferece diferentes impressoras à laser, de alta resolução e variados preços. As impressoras mais acessíveis são as de *300 dpi's que correspondem a 90 mil pontos impressos por polegada ao quadrado; 400 dpi's, 160 mil pontos; 600 dpi's, 360 mil; 1200 x 600 dpi's, 720 mil; 900 dpi's, 810 mil pontos, e 1200 dpi's, 1.440 mil pontos*. Quanto às fotocompositoras, que atingem até 3 mil dpi's, são as impressoras de cunho industrial.

Prosseguindo ainda o caminho da resolução, o trabalho editorial também necessitará da visualização da arte final com definição. Nessa etapa, entra o papel do *monitor*. Será ele o respon-

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

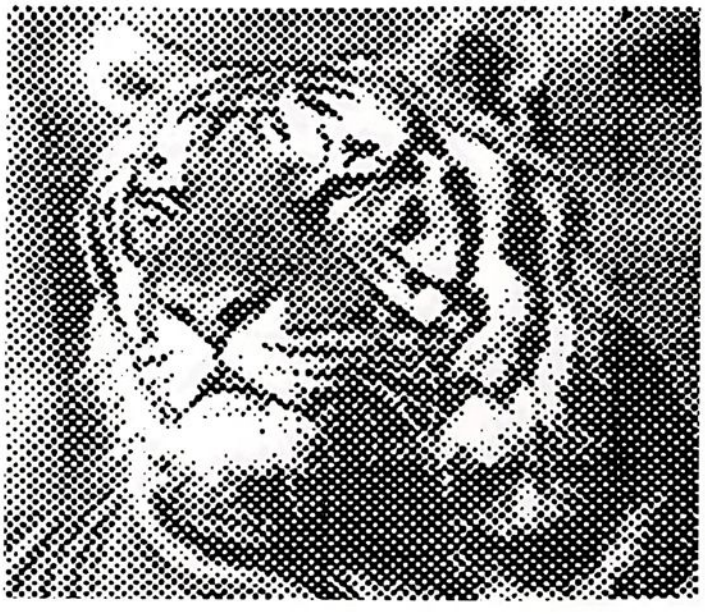


FIGURA 21 - Foto com 300 DPI's

Fonte: KRAMER, Douglas & PARKER, Roger. ***op.cit.***, p.122.



FIGURA 22 - Foto com 3.000 DPI's

Fonte: KRAMER, Douglas & PARKER, Roger. ***op.cit.***, p.123.

sável pela manipulação dos dados antes do comando de impressão para a seriação da arte na laser.

Assim, o que irá se visualizar na tela terá que ser necessariamente o produto final, como se destacou até agora. Daí a resolução da imagem na tela deve ser orientada pela quantia de *pixels* - do inglês ***picture elements(elementos da imagem),*** que representa a menor unidade da imagem em tela de computador e/ou tv. *Quanto maior o número de pixels, portanto, maior a resolução na tela*[3].

2.4.1 A resolução como meta de aprimoramento estético.

Por que a resolução seria assim importante? Os recursos plásticos que as telas dos computadores apresentam na multiplicação das páginas e layouts, necessitam para a sua concretização final de uma ótima impressão, porque está implícito nesse resultado uma mensagem estética.

Moles (1990) apontou para a presença de uma *mensagem estética informacional*. Quando se produz um trabalho no computador, o usuário se preocupa com os resultados da máquina. Nesse raciocínio, - em se tratando da produção gráfica - ele irá

3. Cf. HUGHES, Kenneth. ***op.cit.***, p.99.

trabalhar, por exemplo, as várias flutuações de um mesmo signo tipográfico na padronização. A essas variações, ou seu conjunto, que Moles atribui para uma *quantidade de informação estética*, e que culminará num prazer estético, tanto na tela, - porque aí está o testemunho abstrato desse prazer - quanto na impressão (multiplicação) - sua prova concreta.

Desde a criação de fontes, estilos de parágrafos e diagramações arrojadas, os recursos estéticos da editoração eletrônica são imprescindíveis para a co-existência de uma harmonia entre texto e imagem, porque o periódico impresso também é imagem, conforme visto no item 2.1.1, e necessita de ser trabalhado como tal.

Antes de ir à impressão gráfica, etapa posterior à padronização eletrônica, a resolução das matrizes (negativos ou positivos) para queima da chapa, deve passar por um aprimoramento, conseguido através do aumento de DPI- *conforme destacado no item 2.4.* Então, a aquisição de um hardware e de um software condizentes poderá torná-lo possível, apontando para uma necessidade de infra-estrutura tecnológica. Fato que será melhor abordado no capítulo 3.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

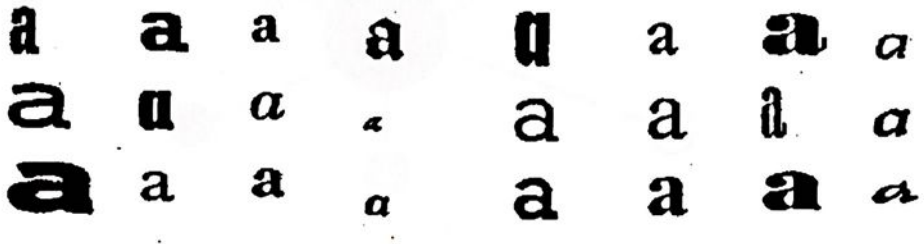


FIGURA 23 - Variações semânticas de um mesmo signo tipográfico sem modificação do valor semântico: letra "A".

Fonte: MOLES, Abraham. ***Arte e computador***, p.31.

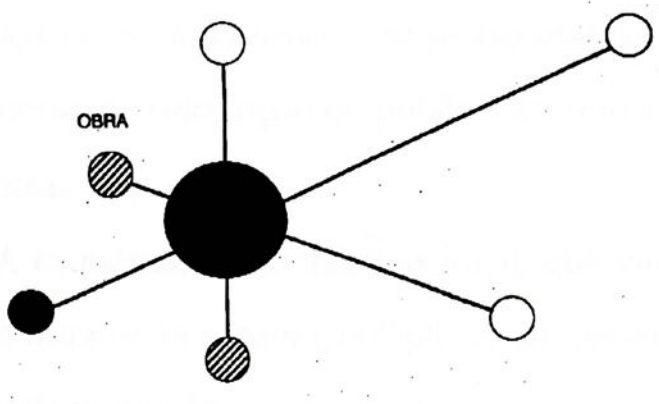


FIGURA 24 - Uma estética quantitativa tende a encerrar a mensagem numa série de medidas e dimensões a partir de fatores de oposição. É o que simbolicamente exprime a figura acima onde as dimensões, independentes umas das outras, podem ser de natureza muito diversa: complexidade semântica ou estética, qualidade gráfica, grau de esquematização e de abstração. O fim de uma tal estética é de definir o melhor possível todo o conjunto das decisões.

Fonte: MOLES, Abraham. ***op.cit.***, p.35.

2.5 Veiculação

Imprensa Especializada

Seguidos os estágios editoriais vistos até agora - *seleção, padronização e multiplicação* - faz-se necessário esclarecer também o processo de *veiculação* ou publicação, que toda produção editorial passa.

A esquematização informacional, que vai da digitação (seleção) à impressão a laser (multiplicação), pressupõe o suporte eletrônico da produção.

Quanto à edição do veículo informativo, seja lá qual for, poderá não se concluir na impressão à laser, mas prosseguirá, ou seja, a arte-final será encaminhada à positivação (acetato) ou negativação (fotolito) para posterior impressão off-set, onde será *multiplicado* também na quantia desejada. Tanto a laser como off-set o sistema será o mesmo,- dependendo da opção do usário - apenas o recurso tecnológico virá a se alterar. E, a partir daí, o material impresso estará pronto para a veiculação, encerrando-se a editoração. Em todo esse processo, a resolução tem papel fundamental, quer na *arte-final*, quer na impressão *off-set*.

Quanto maior o DPI, maior a resolução e, desta for-

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

ma, a quantidade será primada, pois ao ser levada a arte-final já positivada para a impressão off-set, a queima da chapa seguirá a quantidade de pontos impressa. Portanto, menor quantia de pontos da imagem.

Com a editoração eletrônica, a confecção de veículos informativos se tornou familiarizado. Máquinas potentes trouxeram ao alcance do grande número de pessoas que participam no movimento de informatização da sociedade e para as quais se criou *a Informática Familiar, a pequena informática do estúdio de publicidade, de arquitetura ou de design*[4].

Nessa dinâmica, as *desktop publishings* veiculam-se nas mais diferentes comunidades. A forma de distribuição, via correio ou via encarte, disseminou-se com grande rapidez.

Aproveitando-se dessas facilidades todas, presidentes de associações acessam os seus equipamentos e editam os seus periódicos. Exemplos como a *Folha Calçadista*, do Centro Técnico de Couro, Calçados e Afins(CTCCA) de Novo Hamburgo; a *Folha da Medicina*, da Associação Paulista de Medicina, regional Jaú; e o *Cereja: Momento Agrícola*, da empresa Cereja Cereais Jaú Ltda.(figuras 25, 26 e 27)

Há, evidentemente, uma vastidão de títulos. Estes são apenas alguns que serão tomados como referência, e que refletem

4. Cf. MOLES, Abraham. ***op. cit.***, p.215-6.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18



Folha Calçadista

dezembro de 1993 a março de 1994 * Um jornal a serviço do setor * Ano 3 * nº 14 * Filiado ao CTCCA - NH-Sinos(RS) *

Edição Internacional

Calçados Los Angeles comemora aniversário de fundação.

Criada em 3 de novembro de 1981, a Calçados Los Angeles Indústria e Comércio Ltda. se estabeleceu na cidade. Inicialmente, segundo Paulo Eduardo Polonioto, "quatro sócios deram este passo primeiro". A partir daí, muita coisa aconteceu e a empresa se tornou fortalecida e respeitada no setor a que vem se dedicando. Aproveite, então, para saber mais sobre esta trajetória, lendo a entrevista que Polonioto nos concedeu nas páginas 6 e 7-Seção Indústria (Especial).

Um relato sobre Calçados JR

página 5 - seção fábrica de calçados I

Primeira feira do calçado está programada para março em Jaú.

Realizar uma feira de calçados é tarefa que envolve inúmeros profissionais. A *Folha Calçadista* informa o período de realização na página 9 - eventos e cursos.

FIGURA 25 - Imagem digitalizada da "Folha Calçadista"

Fonte: **CTCCA** - Centro Técnico de Couro, Calçados & Afins.



Folha da Medicina

*Ano V * nº 18 * janeiro a fevereiro de 1997 * Filiado à Secão Regional de Jaú da Associação Paulista de Medicina *

PAGINA 7

Na Seção "AGENDA" acompanhe o dia-a-dia dos eventos da APM-Jaú:

Jantar do Dia dos Médicos

Para comemorar o dia especial dos médicos, a Associação Paulista de Medicina de Jaú (APM-Jaú) promoveu um jantar no Jahu Club de Campo. Estiveram presentes colegas de Jaú e de região. Inteire-se sobre o evento na página 7.

Momento de confraternização de classe.

Seção Artigo Especial:

*AmputaçãoXReimplante

Nesta edição, o tema destacado é o reimplante. Enfocando os benefícios desse procedimento, o médico *Milton Cury Filho** descreve as etapas da cirurgia e os cuidos que se deve ter. Assim, Cury Filho ressalta que *"o que normalmente se deve fazer estando ante de uma Amputação? O primeiro cuidado é fazer um curativo comprimindo o coto da amputação. A seguir, o membro amputado deve ser embrulhado com um pano limpo e colocado num saco plástico fechado".*

Para saber mais sobre a cirurgia, leia o artigo na *página 4 e: Artigo Especial.*

Santa Casa de Jaú prepara-se para un 97 promissor.

Leia artigo dos médicos da Santa Casa de Jaú, *Celso Middele** e *Maria Stuti Arnell de Oliveira**, Coordenadora Administrativa, que explicam porque *"tudo indica que o ano de 1997 será melhor na Santa Casa de Jaú, que iniciou a partir de um período de reorganização de seus departamentos"*. Para detalhes sobre o projeto do Hospital, leia-os na página 3-Saúde da Comunidade.

SAÚDE DA COMUNDADE

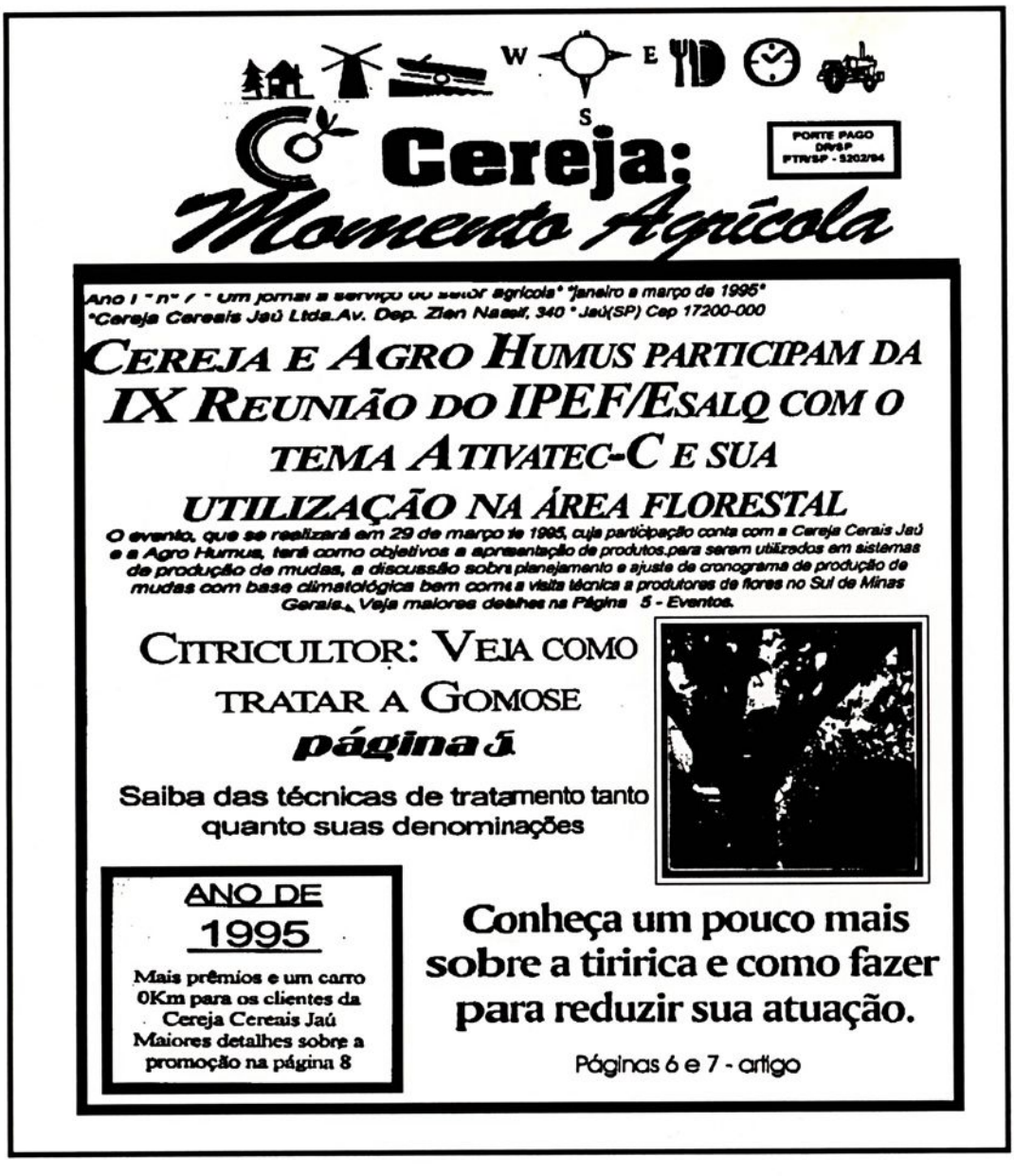
Saúde da Comunidade traz nessa edição dois temas de destaque: OSTEOPOROSE X ATIVIDADE FISICA e LOMBALGIAS.

Os médicos *Silvio Fernando Alonso* e *Raul Bauab Filho* comentam sobre Osteoporose, frisando que *"uma maneira segura para melhorar a qualidade de massa óssea na juventude, e assim evitar a doença, é a prática de atividade física esportiva regular"*. Areespeito de Lombalgias, escreve *Romeu Sancinetti Júnior* *"o sucesso do tratamento se baseia no diagnóstico exato e, para isso, além do exame clínico, dispomos de meios auxiliares de diagnóstico"* (vide figura abaixo).

páginas 3 e 6 - Saúde da Comunidade

FIGURA 26 - Imagem digitalizada da "Folha da Medicina"

Fonte: **APM** - Associação Paulista de Medicina de Jaú(SP)



Cereja: Momento Agrícola

PORTE PAGO DR/SP PTR/SP - 5202/94

Ano I - nº 7 - Um jornal a serviço do setor agrícola - janeiro a março de 1995
Cereja Cereais Jaú Ltda. Av. Dep. Zien Nassif, 340 - Jaú(SP) Cep 17200-000

CEREJA E AGRO HUMUS PARTICIPAM DA IX REUNIÃO DO IPEF/ESALQ COM O TEMA ATIVATEC-C E SUA UTILIZAÇÃO NA ÁREA FLORESTAL

O evento, que se realizará em 29 de março de 1995, cuja participação conta com a Cereja Cereais Jaú e a Agro Humus, terá como objetivos a apresentação de produtos para serem utilizados em sistemas de produção de mudas, a discussão sobre planejamento e ajuste de cronograma de produção de mudas com base climatológica bem como a visita técnica a produtores de flores no Sul de Minas Gerais. Veja maiores detalhes na Página 5 - Eventos.

CITRICULTOR: VEJA COMO TRATAR A GOMOSE

página 3

Saiba das técnicas de tratamento tanto quanto suas denominações

ANO DE 1995

Mais prêmios e um carro 0Km para os clientes da Cereja Cereais Jaú
Maiores detalhes sobre a promoção na página 8

Conheça um pouco mais sobre a tiririca e como fazer para reduzir sua atuação.

Páginas 6 e 7 - artigo

FIGURA 27 - Imagem digitalizada do "Cereja: Momento Agrícola"

Fonte: **CEREJA Cereais Jaú Ltda.**

os frutos da informatização social, onde a editoração eletrônica assumiu (e assume) sua função. *(vide figura 28)*

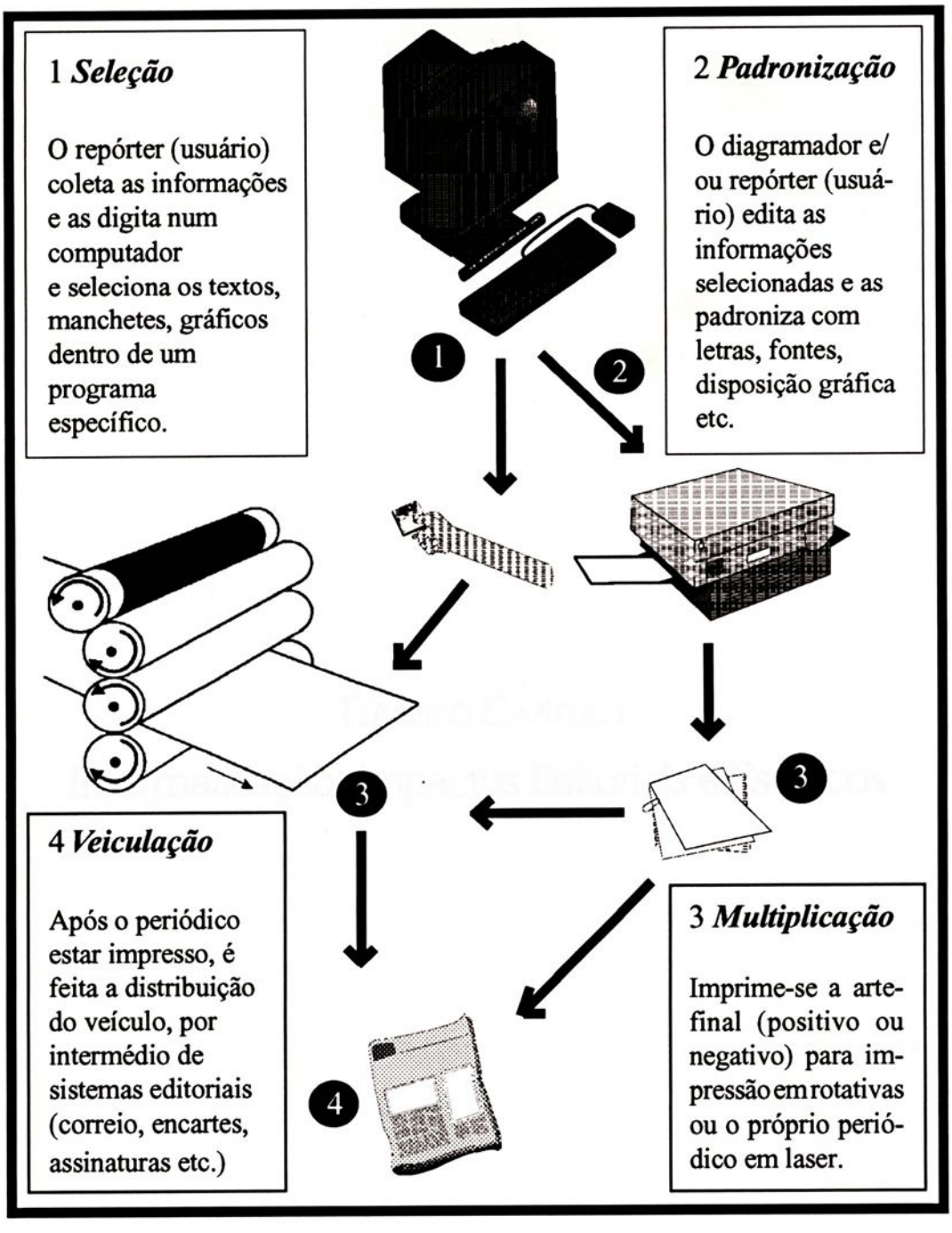


FIGURA 28 - Esquema básico da Editoração Eletrônica

Terceiro Capítulo
Informatização: Impactos Editoriais e Estéticos

unesp

3 Informatização: Impactos Editoriais e Estéticos

Após a abordagem teórica da editoração eletrônica, este capítulo apresentará a execução do trabalho informacional da mídia impressa, questionando as estruturas estéticas oriundas com as novas tecnologias.

A produção editorial vem sofrendo alterações significativas com os avanços tecnológicos e parte dessas mudanças está se refletindo tanto em seu *objeto* (o público) quanto no seu *sujeito* (o profissional). Essa metamorfose toda tem implicado em resultados todavia satisfatórios, ou até mesmo surpreendentes, mas, em contrapartida, aspectos que merecem reflexão - senão *preocupantes*

unesp

- fazem-se sentir cada vez mais, como o desemprego, a perda da privacidade etc.

A partir desse instante, pode-se perceber com mais clareza a complexidade estrutural tecnológica embutida na evolução dos meios informativos. Pois, tais mudanças não residem tão-somente nos veículos de comunicação, mas, claro, na sociedade humana pós-industrial. E, na certa, seus meios de disseminação informativa espelham esta etapa histórica. Contudo, não se tem como intuito dissertar apenas as causas dessa nova realidade, mas suas conseqüências. Talvez, *impactos*.

Quando os computadores chegaram nas redações, muitos profissionais resistiram, sendo que alguns ainda hoje resistem. Há diversas razões para essa rejeição e uma delas talvez tenha sido a dificuldade em se conhecer a lógica da *máquina*, ou inclusive, sua aparente frieza... Parece que, com isso, induziu-se o surgimento de uma *casta* de outros conhecedores ou *experts* em computadores; uma elite do conhecimento informacional. Desde então, de uma forma abrangente, o social se apresenta dividido em duas categorias de profissional: *aqueles que conhecem o conjunto de sinais do PC e os que não conhecem*(Schaff,1985). A esses primeiros, a glória, ou o poder; e quanto aos demais, o *novos* analfabetos de uma sociedade, agora, informática.

Os recursos para a realização do trabalho ampliaram-

unesp

se de sobremaneira; facilidades pululam nos aplicativos para atingir objetivos antes impraticáveis. Agora, provavelmente, caminha-se para outras fronteiras: a *criação* se tornou o auge, a necessidade, a matéria prima que vai diferenciar os media, ou torná-los mais atraentes. Não se trata mais do conhecimento informacional; o profissional de mídia impressa - seja ele o repórter, o diagramador, o fotógrafo etc. - defronta-se com a criatividade.

Manusear corretamente os softwares não representa criar. Por outra lado, não se quer dizer que a criatividade *não* esteve presente antes dessa revolução informacional, conquanto impõe-se, neste átimo, como ponto de diferenciação. Todos - ou a grande maioria - dos editores detêm os meios de produção eletrônicos eficazes, cujos resultados qualitativos equiparam-se.

Discute-se a estética das artes gráficas, mais especificamente, a diagramação, mas os periódicos tendem a encontrar mais uma outra saída para a superação do comum: *a estética dos textos*. Então, nas redações vem se trabalhando dia após dia a qualidade textual. Porventura, a crescente rapidez imposta pelas estruturas informacionais, condicionou a redução do excesso de texto, ou a pasteurização do jornalismo, que será abordado mais adiante. Enfim, estas são algumas das conseqüências - entre tantas outras - que serão retratadas a seguir.

unesp

3.1 Mídia Impressa e Criatividade: uma parceria com o computador?

Não se pretende aprofundar a questão *tecnologia-criação,* mas alguns aspectos concernentes à diagramação eletrônica. Moles, que discute a arte e o computador, propôs a decodificação da relação homem-máquina como *atitudes*.

Diante do computador, o ser humano redesenha o mundo externo. O ofício do diagramador, por exemplo, organiza-se por meio de etapas. Numa primeira instância, a estética quantitativa da máquina se assume como crítica da natureza e a explora, apresentando uma caracterização estatística, por *pixels*, na tela e depois por *DPIs*, na impressão; em seguida, numa *segunda atitude*, o equipamento verifica as relações de ordem e formas imperceptíveis no tempo ou no espaço humanos, para depois, através de uma estética aplicada, reduzir esta realidade num mundo cibernético, efetuando a simulação dos processos de criação (*terceira atitude*). Assim, a tecnologia servirá como instrumento (*quarta atitude*) condicionando um campo de possibilidades: a arte permutacional (*quinta atitude*).

Como identificar, portanto, a esfera da criação no trabalho de artes gráficas? Analisando as premissas apontadas por

Moles, verifica-se que os computadores servem para a produção enquanto técnica, mas a produção artística pela máquina deve ser repensada.

O conhecimento dos softwares e sua manipulação, antes destacados, não sugerem a criação, mas abrem suas possibilidades em atitudes. Na mídia impressa, muitas estruturas de *diagramação concluída* são facilmente fornecidas por diferentes empresas de softwares. Programas e mais programas favorecem a uma geração de estilos de diagramação, gráficos, desenhos entre outros clichês prontos para o consumo. (vide figura 29)

Basta o editor comprar um desses aplicativos e terá, em mãos, uma gama de *desktops* prontas e demais ferramentas. Tais recursos não representam necessariamente aspectos negativos das tecnologias, mas devem ser objetos de reflexão, pois podem representar condicionantes como o comodismo em se produzir novos estilos de diagramação, a repetição de formato de páginas e clichagem.

Estes condicionantes já são percebidos na atual imprensa, como em grandes jornais do país, e vêm sendo utilizados com grande freqüência. Ocorre até grande proximidade de estilos entre diagramações de diferentes periódicos, tornando-os parecidos na disposição de texto, fotos etc.(figuras 30-2), além de utilização de mesmas fontes e dimensões (figuras 31 e 32). É claro que

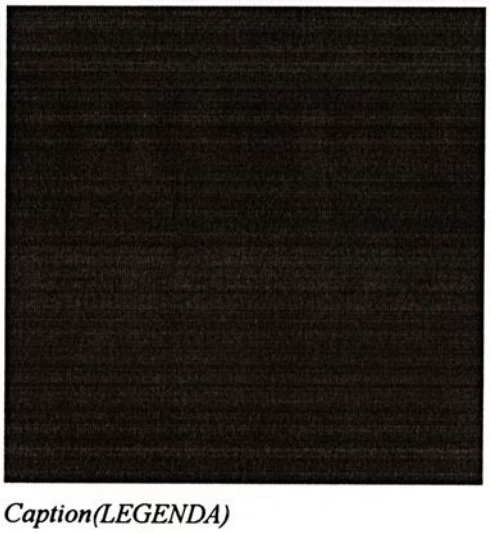
cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

TITLE(*TÍTULO*)

Header(Manchetes) Header

HEAD(*MANCHETE*)

In se perpetuo Tempus as revolubile gyro Iam revocat Zephyros, vere tepente, novos. Induiturque brev Tellus reparata iuventam, Iamque soluta gelu dulce virescit humus. Fallor? an et nobis redeunt in carmina vires, Ingeniumque mihi munere veris adest? Munere veris adest, iterumque vigescit ab illo (Quis putet?) atque aliquod iam sibi poscit opus. Castalis ante osculos, bifidumque cacumen oberrat, Et mihi Pyrenen somnia nocte ferunt. Concitaquq arcano fervent mihi pectora motu, Et furor, et sonitus me sacer intus agit. Delius



Caption(LEGENDA)



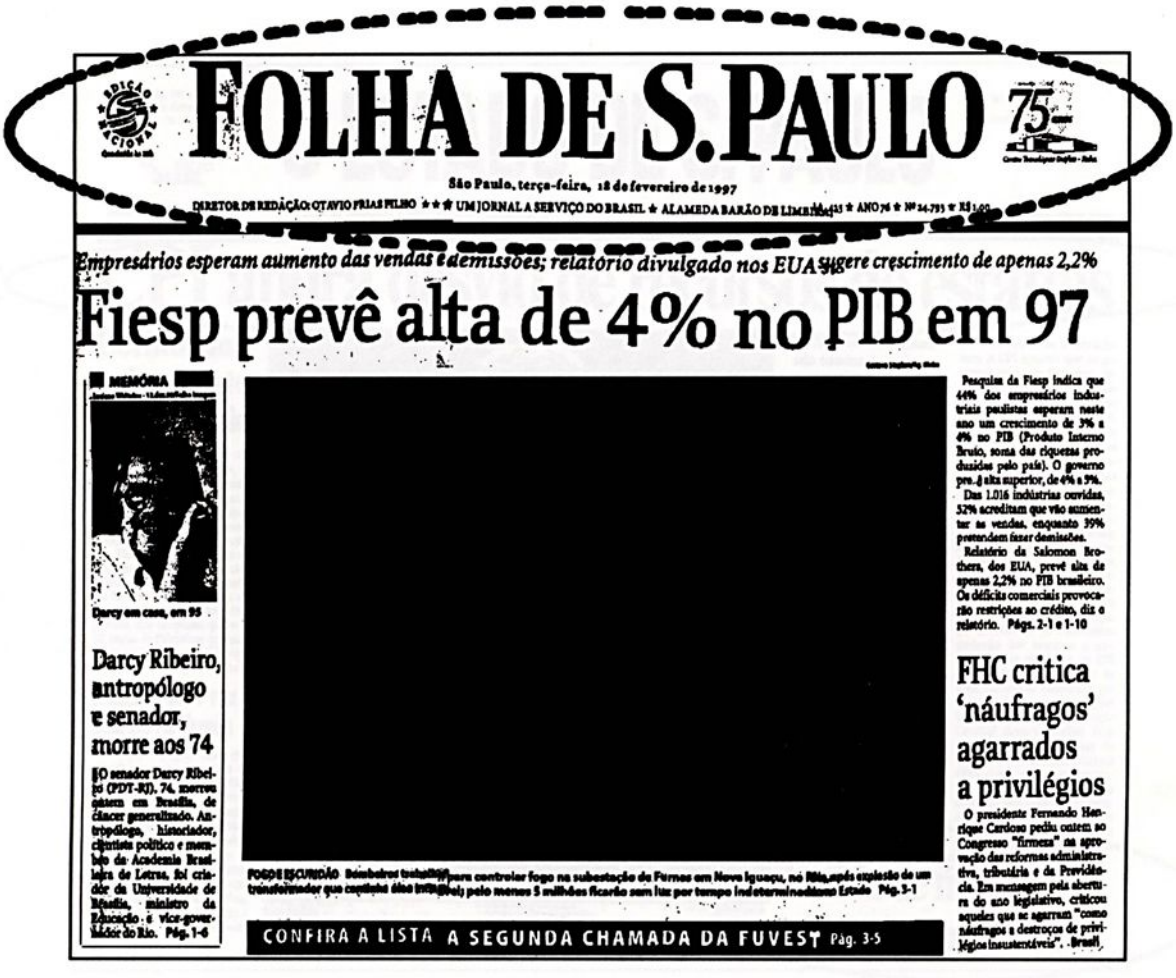
Caption(Legenda)

HEAD(*MANCHETE*)

Table of Contents(CHAMADA) . 0
Table of Contents 0
Table of Contents 0
Table of Contents 0
Table of Contents 0
Table of Contents 0
Table of Contents 0
Table of Contents 0
Table of Contents 0
Table of Contents 0

FIGURA 29 - Modelo de jornal pronto disponível em software

Fonte: **Aldus Corporation®, WordPerfec® e Ventura Publisher®.**



FOLHA DE S.PAULO

75

São Paulo, terça-feira, 18 de fevereiro de 1997

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL ★ ALAMEDA BARÃO DE LIMEIRA, 425 ★ ANO 76 ★ Nº 24.793 ★ R$ 1,60

Empresários esperam aumento das vendas e demissões; relatório divulgado nos EUA sugere crescimento de apenas 2,2%

Fiesp prevê alta de 4% no PIB em 97

MEMÓRIA

Darcy em casa, em 95

Darcy Ribeiro, antropólogo e senador, morre aos 74

O senador Darcy Ribeiro (PDT-RJ), 74, morreu ontem em Brasília, de câncer generalizado. Antropólogo, historiador, ciclista político e membro da Academia Brasileira de Letras, foi criador da Universidade de Brasília, ministro da Educação e vice-governador do Rio. Pág. 1-6

Pesquisa da Fiesp indica que 44% dos empresários industriais paulistas esperam neste ano um crescimento de 3% a 4% no PIB (Produto Interno Bruto, soma das riquezas produzidas pelo país). O governo prevê alta superior, de 4% a 5%.

Das 1.016 indústrias ouvidas, 52% acreditam que vão aumentar as vendas, enquanto 39% pretendem fazer demissões.

Relatório da Salomon Brothers, dos EUA, prevê alta de apenas 2,2% no PIB brasileiro. Os déficits comerciais provocarão restrições ao crédito, diz o relatório. Págs. 2-1 e 1-10

FHC critica 'náufragos' agarrados a privilégios

O presidente Fernando Henrique Cardoso pediu ontem ao Congresso "firmeza" na aprovação das reformas administrativa, tributária e da Previdência. Em mensagem pela abertura do ano legislativo, criticou aqueles que se agarram "como náufragos a destroços de privilégios insustentáveis". Brasil

FOGO E ESCURIDÃO Bombeiros trabalham para controlar fogo na subestação de Furnas em Nova Iguaçu, no Rio, após explosão de um transformador que continha óleo inflamável; pelo menos 5 milhões ficarão sem luz por tempo indeterminado no Estado Pág. 3-1

CONFIRA A LISTA A SEGUNDA CHAMADA DA FUVEST Pág. 3-5

FIGURA 30 - Folha de S.Paulo(S.Paulo-SP)- *detalhe*:
Disposição de cabeçalho (títulos etc.) assinalada aparece repetida nos demais veículos.



SP, RJ, MG, PR e SC: R$ 1,00
Demais Estados: ver tabela na página A4

EDIÇÃO BRASIL

O ESTADO DE S. PAULO

RUY MESQUITA
Diretor-responsável

Julio Mesquita (1891-1927) Julio de Mesquita Filho (1927-1969) ANO 118 SEGUNDA-FEIRA Nº 37.749 Francisco Mesquita (1927-1969) Julio de Mesquita Neto (1969-1996)

CPI apura desvio de recursos de estatais

Corinthians cede empate ao São Paulo

São Paulo e Corinthians empataram por 2 gols, ontem, no Morumbi, num clássico emocionante. Com um gol de França aos 46 minutos do segundo tempo, o São Paulo manteve a liderança do Grupo 2 do Paulistão. Tôlão marcou dois. Nas arquibancadas, estiveram 31.444 pagantes. Milhares de torcedores ficaram fora. Em campo, calor acima de 30 graus durante a partida, que terminou quase às 13 horas. O Palmeiras goleou o Juventus por 5 a 1, no Parque Antártica. Páginas IV, 13 e 88

Zagalo não viu sua nova dupla

O técnico Zagalo disse que não viu os jogos de ontem de Ronaldinho, pela TV, e Romário, no Rio, depois de ter confirmado os dois no ataque da seleção contra a Polônia, quarta-feira, em Goiânia. Os convocados apresentam-se hoje, no Rio. O time provável: Carlos Germano; Cafu, Aldair, Célber e Roberto Carlos; Mauro Silva, Doriva, Leonardo e Giovanni; Romário e Ronaldinho. Página 14

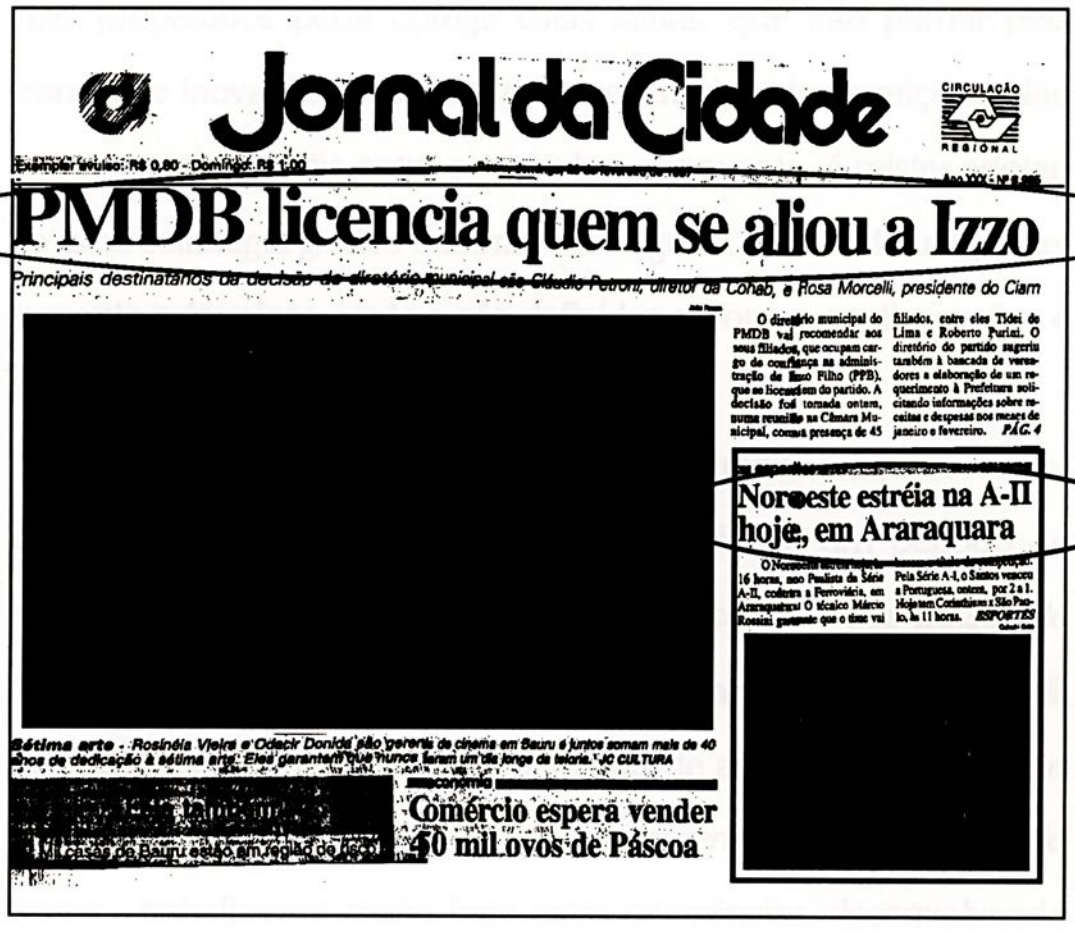
Gol de Tôlão, após Marcelinho, o segundo de seus dois gols: o São Paulo empatou no fim

Débentures de estatais são usadas por alguns governadores para fazer caixa e pagar obras

No rastro das fraudes com pagamento fictício de dívidas judiciais de Estados e municípios, a Comissão Parlamentar de Inquérito dos Títulos Públicos levanta suspeita sobre outro tipo de irregularidade: alguns governadores estão emitindo debêntures de empresas estatais, com pagamento de corretagens superiores à média do mercado, e desviando esses recursos para saldar despesas correntes e financiar seus programas de governo. As debêntures, títulos de crédito emitidos por empresas não financeiras com prazo pré-fixado para resgate, dão aos compradores o direito de converter em ações o valor investido. Na opinião do senador Vilson Kleinübing (PFL-SC), integrante da CPI, isso coloca sob risco de privatização indireta as estatais emitentes. Já foi apurado que grandes bancos intermediam a [illegible] as debêntures a investidores internacionais. A CPI apurou que os governos de Santa Catarina, Minas Gerais e Paraná fizeram emissões de debêntures de suas empresas de energia elétrica, Celesc, Cemig e Copel. A suspeita é de que os valores obtidos tenham sido desviados da área de atuação dessas estatais para outras finalidades, até mesmo para pagamento de salários do funcionalismo. Segundo Kleinübing, essas operações têm sido feitas com taxas de corretagem, pagas aos bancos contratados, de até 7%, quando as empresas privadas pagam de 3% a 4% em operações desse tipo. As evidências já recolhidas poderão dar margem à ampliação dos objetivos da CPI dos títulos ou à criação de uma Comissão específica para investigar as negociações com debêntures. O Banco Central deverá receber hoje um ofício do presidente da CPI, senador Bernardo Cabral (PFL-AM), com a determinação de que sejam suspensas as operações com títulos estaduais e municipais emitidos para pagamento de dívidas judiciais vencidas. Página [illegible]

Dívida de municípios e Estados subiu 28%

FIGURA 31 - O Estado de S.Paulo(S.Paulo-SP) - *detalhe*.
Títulos assinalados estão com a mesmas fontes e dimensões usadas pelo Jornal da Cidade (figura 32)



Jornal da Cidade

CIRCULAÇÃO REGIONAL

Exemplar avulso: R$ 0,80 - Domingo: R$ 1,00

PMDB licencia quem se aliou a Izzo

Principais destinatários da decisão do diretório municipal são Cláudio Petroni, diretor da Cohab, e Rosa Morcelli, presidente do Ciam

O diretório municipal do PMDB vai recomendar aos seus filiados, que ocupam cargo de confiança na administração de Izzo Filho (PPB), que se licenciem do partido. A decisão foi tomada ontem, numa reunião na Câmara Municipal, contou presença de 45 filiados, entre eles Tidei de Lima e Roberto Puriati. O diretório do partido sugeriu também à bancada de vereadores a elaboração de um requerimento à Prefeitura solicitando informações sobre receitas e despesas nos meses de janeiro e fevereiro. PÁG. 4

Sétima arte - Rosinéia Vieira e Odacir Donida são parentes de cinema em Bauru e juntos somam mais de 40 anos de dedicação à sétima arte. Eles garantem que nunca farão um 'tiu longe da telona.' JC CULTURA

Noroeste estréia na A-II hoje, em Araraquara

O Noroeste inicia hoje, às 16 horas, seu Paulista da Série A-II, contra a Ferroviária, em Araraquara. O técnico Márcio Rossini garante que o time vai

Pela Série A-I, o Santos venceu a Portuguesa, ontem, por 2 a 1. Hoje tem Corinthians x São Paulo, às 11 horas. ESPORTES

Comércio espera vender 50 mil ovos de Páscoa

Mil casais de Bauru estão em região de risco

FIGURA 32 - Jornal da Cidade(Bauru-SP)- *detalhe.*
Títulos assinalados estão com as mesmas fontes e dimensões usadas pelo O Estado de S.Paulo (figura 31)

não se deva culpar a máquina por estes indícios, mas faz-se necessário ressaltar estas ocorrências.

Assim, a criação nas artes gráficas necessita de intenso acompanhamento do editor de arte, ou uma equipe de profissionais preparados pode corrigir estas falhas, que irão primar pela constante inovação, evitando-se, por exemplo, tais repetições. Não basta a concorrência entre os veículos, conquanto, é mister adotar-se uma estratégia gráfico-editorial, conseguida através de um planejamento minucioso, onde serão definidas as fontes, as dimensões e estilos específicos.

De uma forma abrangente, acredita-se que estas facetas da produção eletrônica ocorrem devido a um período de adaptação a essas novas tecnologias. *Fato comum aos países de terceiro mundo* (Regina Elena Crespo Gualda, in, ***Comunicação & política***, 1984). Em contrapartida, jornais de alguns países - *onde a implantação de novas tecnologias na imprensa esteve à frente da nossa* - trabalharam muito bem estas ocorrências, desenvolvendo rapidamente estilos de diagramação arrojados, procurando com afinco uma identidade particularizada como podem ser constatadas nas figuras de número 33 a 43. Contudo, isso não quer dizer que os veículos informativos dos países em desenvolvimento não tenham esta identidade, mas faz-se necessário a observação constante dessas premissas.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18



TERÇA

Diário de Notícias

FUNDADO EM 1864

PREÇO (VA INCLUÍDO) CONTINENTE 120$ MADEIRA 150$ AÇORES 170$. DIRECTOR: MÁRIO BETTENCOURT RESENDES ANO 132.º N.º 46 319 TERÇA-FEIRA, 16 DE JANEIRO DE 1996

O adeus aos soldados

PÁGINA 15

▶ MÁRIO SOARES entregue o estandarte nacional ao comandante da Brigada Aerotransportada Independente que parte para a Bósnia

PRESIDENCIAIS 96

Derrota de Cavaco Silva agita hostes do PSD

■ *Distritais do PSD questionam Nogueira sobre antecipação do Congresso*

■ *Mário Soares disponível para facilitar transição de poderes no Palácio de Belém*

■ *A vitória e a derrota observadas pelo DN em quatro sedes de campanha*

PÁGINAS 2 A 11

Governo vai pagar dívida às farmácias

PÁGINA 23

Acordo à vista na concertação

PÁGINA 40

NEGÓCIOS

Redução do IVA no turismo aumentaria receitas

Espaço Internet: www.dn.pt:8080

1996 ANO DO CARTEIRO

CORREIOS

FIGURA 33 - Primeira página do Diário de Notícias (Portugal)



FIGURA 34 - Primeira página de O Independente (Portugal)



http://www.usatoday.com THE NATION'S NEWSPAPER

EX-ATHLETES SCORE BIG WINS AT THE POLLS 1C

OLYMPIC MILER RYUN GRABS SEAT IN KANSAS

MAGIC STILL FIT 6 YEARS WITH HIV

▶ NBA REPORT, 1,3,8C

USA TODAY

NO. 1 IN THE USA . . . FIRST IN DAILY READERS

AFFIRMATIVE ACTION BAN PASSES IN CALIFORNIA

2 STATES OK MEDICAL USE FOR MARIJUANA, 22A

TELTSIN DOING WELL AFTER 5 BYPASSES, U.S. DOCTOR SAYS, 24A

Clinton breezes into second term; Republicans keep power in Senate

NORTH CAROLINA: Helms wins rematch vs. Dem challenger Gantt

NEW HAMPSHIRE: Smith wins; Shaheen is first female governor

MASSACHUSETTS: Kerry wins marquee matchup with Weld

SOUTH CAROLINA: GOP Sen. Strom Thurmond, 93, returns

NEW JERSEY: Dem Torricelli wins bruising battle with Zimmer

ELECTION '96

▶ Presidential race by state, 4A
▶ House, Senate results, 5,14,16A
▶ Governors, state, local races, 22A
▶ White House staffing changes? 6A
▶ The mood of the voters, 17A, 18A
▶ Clinton's economic challenges, 1B
▶ Full index of election coverage, 2A

LATEST RESULTS ON LINE http://www.usatoday.com

WEDNESDAY, NOVEMBER 6, 1996

NEWSLINE

A QUICK READ ON THE NEWS

WALL STREET

GOP heads for control of House

By Susan Page
USA TODAY

President Clinton rolled to re-election Tuesday, crushing Republican Bob Dole in an electoral-vote landslide and becoming the first Democrat since Franklin Roosevelt to win a second term.

But Republicans retained control of the Senate and seemed poised to hold the House, though with a smaller majority.

The bottom line: Two more years of divided government.

The tally shortly after midnight ET, with 84% of the vote:

▶ Clinton/Gore - 50%.
▶ Dole/Kemp - 42%.
▶ Perot/Choate - 8%.

Clinton held 270 electoral votes, well over the 270 needed for victory.

Clinton, at 50 the youngest president ever to win re-election, spoke of the future before a cheering crowd at a victory celebration on the steps of Little Rock's Old State House.

"Just four years from now, we will enter a new century of great challenge and unlimited possibility," he declared early today. "Now we ve

FIGURA 35 - Detalhe da primeira página do USA Today (Estados Unidos)



CORRIERE DELLA SERA

Per un giorno le due superpotenze con il fiato sospeso: il leader Usa quasi certo di un secondo mandato, il capo del Cremlino presto al lavoro

Clinton in vantaggio. Eltsin ce l'ha fatta

Battaglia aperta fra democratici e repubblicani per il controllo del Congresso americano
A Mosca intervento al cuore del presidente russo. I chirurghi: «Un completo successo»

DESTINI INCROCIATI

di STEFANO CINGOLANI

L'ATTESA

Lidle Rock fa festa in barba all'ultimo scandalo

LA SFIDA

Così il Don Giovanni scrisse l'inferno Commendatore

Russia in ansia per undici ore, poi Boris riapre gli occhi

Con il «Corriere»

Oggi in regalo Le guide delle città

Domani «Sette» e «Tv Sette»

FIGURA 36 - Deatalhe da primeira página do Correire Della Sera (Itália)



"All the News That's Fit to Print"

The New York Times

Late Edition
New York: Today, mostly cloudy, a sprinkle in spots. High 58. Tonight, a shower possible. Low 47. Tomorrow, becoming sunny. High 61. Yesterday, high 55, low 37. Details, page B12.

VOL. CXLVI . . No. 50,602 NEW YORK, TUESDAY, NOVEMBER 5, 1996 75 CENTS

Pakistan's Premier Bhutto Is Put Under House Arrest

Government Dismissed on Corruption Charges

By JOHN F. BURNS

ISLAMABAD, Pakistan, Tuesday, Nov. 5 — Pakistan's President dismissed Prime Minister Benazir Bhutto as Pakistan's head of government early today, justifying the action with a proclamation that depicted her administration as incompetent, corrupt and defiant of constitutional restraints on executive power.

Ms. Bhutto's husband, Asif Ali Zardari, who has been widely accused of enriching himself from kickbacks on Government contracts, was reported to have been arrested while trying to flee the country.

After months of warnings, President Farooq Leghari, apparently fearing violent resistance by Ms. Bhutto's supporters, dismissed the Government in a midnight coup. As the proclamation was being read over the state radio, troops surrounded many key installations here in Islamabad, the capital, including Ms. Bhutto's official residence, the Prime Minister's office and the state television headquarters. But at dawn, the only shooting appeared to be by opponents of Ms. Bhutto firing into the air in celebration.

"I am satisfied that a situation has arisen in which the government of the federation cannot be carried on in accordance with the provisions of the Constitution, and an appeal to the electorate is considered necessary," Mr. Leghari said in his proclamation.

He called for new elections in February 1997, but that deadline appeared doubtful in view of the prosecutions that are expected to follow the wide-ranging allegations against Ms. Bhutto, her husband and other members of her Government.

Mr. Leghari, a personal ally of Ms. Bhutto who turned against her, acted after hearing several pointed warnings in recent weeks that he would use his presidential power to dismiss the Government if it did not take actions to curb corruption and interference with the judiciary and rein firm control of the country's plunging economy. The country has been weighed down by excessive Government spending and a mountain of nearly $30 billion that has been absorbing more than 40 percent of government revenues in taxes.

In what turned out to be last-minute attempt to save her Government, Ms. Bhutto dropped down as Finance Minister last week and designated Sardar Aseff Ahmed Ali, a respected economic manager, her confidant to head [illegible] Government for the country's economic problems.

In his proclamation, Mr. Leghari charged that Ms. Bhutto and her

Continued on Page A 10, Column 1

Benazir Bhutto had faced mounting charges of corruption and economic mismanagement.

HOARSE BUT GRITTY CANDIDATES WIND UP THEIR 'LAST' CAMPAIGNS

The rivals carried their campaigns past the midnight hour. In daylight, Bob Dole was in Houston and Bill Clinton appeared in Cleveland.

Indonesian Magnate and Clinton Talked Policy, White House Says

By STEPHEN LABATON

WASHINGTON, Nov. 4 — James T. Riady, an Indonesian billionaire with a financial stake in American policy toward Asia, discussed trade policy with President Clinton and perhaps other aides in some of the visits and quoted Mr. McCarry that they were for "outreach to the Asian-American community."

Mr. McCarry said the review had determined that Mr. Riady had discussed Asian trade policy passively

DOLE IS TENACIOUS

His Voice Gives Out, but Not His Spirit, at the End of a Marathon

CLINTON BUOYANT

With a Record to Cite as Well as Plans, He Seeks to Carry On

FIGURA 37 - Detalhe de primeira página do The New York Times (Estados Unidos)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18



Le Monde

CINQUANTE ET UNIÈME ANNÉE – N° 15889 – 7 F

MARDI 24 JANVIER 1995

FONDATEUR : HUBERT BEUVE-MÉRY – DIRECTEUR : JEAN-MARIE COLOMBANI

■ Le cinquantenaire de la libération d'Auschwitz

La commémoration de la libération d'Auschwitz, il y a cinquante ans, par l'armée rouge soviétique, jeudi 26 et vendredi 27 janvier, par des cérémonies devant les vestiges du camp. Alors que l'Allemagne cherche à aborder de façon moins crispée ce chapitre de son passé, des divergences sont apparues en Pologne entre les institutions juives et le président Lech Walesa. p. 5

■ Nouvelles menaces du GIA algérien

Un commerçant français a été tué, dimanche 22 janvier, en plein centre d'Alger. Le Groupe islamique armé a renouvelé ses menaces contre la France et lancé un ultimatum contre les journalistes locaux. p. 3

■ La messe d'adieu de Mgr Gaillot

Plus de vingt mille personnes se sont rassemblées à Evreux, dimanche 22 janvier, pour assister à la messe d'adieu de l'évêque révoqué par Rome. Celui-ci était entouré de quatre évêques français. p. 10

Le processus de paix avec les Palestiniens est fortement critiqué en Israël

Après l'attentat de Netanya, M. Rabin envisage l'isolement des territoires occupés

EN PANNE depuis de longs mois, le processus de négociation avec les Palestiniens est de plus en plus fortement remis en cause en Israël, après l'attentat suicide à l'explosif qui a été commis, dimanche 22 janvier, à Netanya, au nord de Tel Aviv, et revendiqué par le Djihad islamique, l'une des organisations extrémistes palestiniennes hostiles aux accords conclus entre Yasser Arafat et Itzhak Rabin. Dix-neuf personnes ont été tuées et une soixantaine d'autres blessées dans cet attentat. La plupart des victimes étaient des militaires de retour de permission qui attendaient un transport.

Pour la première fois, le président de l'Etat, Ezer Weizmann, s'est déclaré en faveur d'une suspension des négociations. Son attitude ne peut que renforcer le camp, sans cesse plus nombreux, de ceux qui, en Israël – à droite et maintenant à gauche –, réclament des dispositions draconiennes à l'encontre des Palestiniens, sans distinctions, et l'arrêt du processus en cours. Itzhak Rabin, le premier ministre, a décidé le « bouclage » de la Cisjordanie et du territoire de Gaza, et laissé entendre qu'il envisageait à l'avenir une « séparation totale » entre Israël et ces territoires. Mais il n'a pas voulu suspendre les pourparlers avec l'Autorité palestinienne. Cependant, le gouvernement a décidé de préserver l'intégralité des colonies israéliennes autour de Jérusalem-Est. Décision qui ne peut que compliquer davantage des discussions déjà difficiles et accroître l'inquiétude des Palestiniens, de moins en moins réservés à l'égard des visées israéliennes.

Lire pages 2 et 15

Les opposants à l'IVG dans la campagne présidentielle

SIMONE VEIL aurait-elle été un peu trop hâtive en déclarant, il y a quelques jours dans *Le Monde* daté 17 janvier, qu'en France [illegible] d'interdire les interruptions volontaires de grossesse est devenue à-bas un débat politique majeur.

[illegible] la Constitution [illegible]

Une montée en charge de la loi réglementant l'interruption volontaire de grossesse serait non seulement catastrophique [illegible]. Tout indique en effet qu'elle n'a aucun [illegible]

M. Barre jette les bases d'une éventuelle candidature à l'Elysée

RAYMOND BARRE a indiqué, dimanche 22 janvier, qu'il se donne un mois pour décider s'il sera ou non candidat à la présidence de la République. Alors que les centristes du CDS, qui étaient ses principaux partisans il y a sept ans, ont pris parti officiellement pour Edouard Balladur, l'ancien premier ministre se donne le temps d'observer l'évolution de la campagne et les orientations défendues par le chef du gouvernement. Il a critiqué en dernier en soulignant la nécessité de réformer vigoureusement et de décisions courageuses pour lutter contre le chômage et assurer le financement de la protection sociale.

Pour M. Barre, l'Europe, la réforme, l'impartialité de l'Etat, sont les trois impératifs que doit se fixer, aujourd'hui, un candidat à la magistrature suprême. Il condamne donc à ne pas enclore de tes défendre lui-même. Circonstance, il déplore l'état du Parti socialiste, qui semble incapable de remplir son rôle de « parti de gouvernement » dans cette campagne. M. Barre se fait fort, lui, à la différence de Jacques Delors, de trouver à droite, au centre et, même, à gauche les composantes d'une majorité qui se formerait autour de lui

FIGURA 38 - Detalhe da primeira página do Le Monde (França)



WORLD. Proche-Orient
Un chasseur US tire sur une batterie irakienne
Pour la deuxième fois en 48 heures, un F-16 américain a tiré un missile contre une batterie antiaérienne en Irak. Page 9

POLITICS. En Géorgie
Gingrich tente de sauver sa peau
Selon les sondages, le «speaker» de la Chambre des représentants est l'homme politique le plus impopulaire des Etats-Unis. Lâché par plusieurs élus républicains, il tente de sauver son siège en Géorgie. Page 10

YOU. Mode
L'air du temps à New York
La folie des vêtements d'occasion et du recyclage a gagné l'East Village. Pour s'y rendre, on peut se faire transporter en Pouya, hybride de pousse-pousse et de tricycle. Page 17

SPORTS. Boxe
Las Vegas compte les coups
La boxe est devenu un autre moyen d'attirer les foules vers les casinos avant de les conduire vers les machines à sous. Page 24

Eureka
Des matheux à Wall Street
Mathématiciens et physiciens sont de plus en plus nombreux à renoncer à des carrières universitaires pour mettre leurs compétences au service de la Bourse. Page 28
Petet

Libération

Un jour dans la vie de l'Amérique

Rubrique par rubrique, «Libération» réalisé aux Etats-Unis

A la veille de l'élection présidentielle, l'équipe de «Libération» a traité toute l'actualité telle qu'on la voit des Etats-Unis. Des laboratoires de la Silicon Valley aux quartiers sinistrés de Detroit, des rues branchées du Village new-yorkais aux studios du rock chrétien à Nashville, une radiographie multicolore de l'Amérique conquérante et déchirée.

MARDI 5 NOVEMBRE 1996 DEUXIEME EDITION NUMERO 4909

M 01205 - 1165 - 7,00 F

FIGURA 39 - Primeira página do Libération (França)



the new Spider...
....could be yours
see page 8 for details

Lees' last hours
What led the environmentalist to Madagascar's jungle page 21

Finance & law
Bar Council chief interviewed
Professional jobs pages 27-31

30p

THE INDEPENDENT

Wednesday 11 January 1995

Howard sacks Parkhurst governor

BY HEATHER MILLS

The governor of Parkhurst prison, John Marriott, was yesterday effectively sacked by Michael Howard, the Home Secretary, following last week's escape by three dangerous prisoners.

Six of his staff, including a senior-ranking governor, are also being removed from their duties pending disciplinary hearings that will follow the findings of the Prison Service inquiry into the affair. One of the six is Colin Jones, whose discovery of the three prisoners, led to their re-capture at the weekend.

But Mr Howard was immediately accused by Opposition leaders, prison service staff, and prison reform groups of making a scapegoat for Tory failure to ensure the public's protection.

Jack Straw, the shadow Home Secretary, said that Mr Howard had persistently failed to act on a series of warnings about security lapses at the prison. "You compounded your failure to act on these warnings by a pattern of evasion and of misinformation," he said.

Mr Straw added: "Your failure properly to direct and manage the Prison Service and to keep dangerous criminals under lock and key represents a failure of one of the most basic duties of any government to protect the safety and the security [of the public]."

He said that Mr Howard's conduct of his office "is now characterised by consistent evasion of responsibility, extended only by your readiness to scapegoat others".

But Mr Howard fended off calls for his resignation, heading instead a round of management and individual sacks.

He said the inquiry, by Richard Tilt, the new Prison Service director of security, had now uncovered "very grave failures of rules which can be held to have caused in any way the breakout from Parkhurst". It had shown serious failures – including failing to check prisoners, ordering security cutbacks the wrong way, and the deployment of inexperienced staff to crucial areas.

He said Mr Marriott was being removed from his duties immediately, and would not be allowed to run another prison. Mr Marriott is presently regarded as one of the country's most experienced governors.

Six other staff, including a governor who should have been on duty on the fateful night and was not, have also been temporarily transferred from the prison to duties at other jails.

Mr Howard was forced to make the statement to the Commons only three weeks after he admitted a devastating litany of Prison Service failings which led to the Whitemoor debacle. Although he promised greater security in Britain's jails, riots at Everthorpe, the suicide of the alleged serial killer Frederick West and the Parkhurst escape have led to claims that his prison policy has led to a crisis in the jails. Nor a prohibition sentence to raise back the law and order initiatives, – of which prisons are a key part – Mr Howard seems increasingly accident prone.

Nevertheless, backbenchers and John Major yesterday rallied round. Downing Street sources said the Prime Minister had "absolute confidence" in the Home Secretary.

In a close Parliamentary chat on issuing prisons and would resign, Mr Howard in turn gave his support to Derek Lewis, the director-general of the Prison Service. Gerald Kaufman, the Labour MP yesterday suggested Mr Lewis was a man who "no fish and chip shop or whelk stall would accept behind its counter".

Yesterday, the Prison Governor's Association said: "We feel this is a premature and vindictive action, designed to pillory the governor of Parkhurst who has consistently called for improved security measures." In a clear reference to Mr Howard and Mr Lewis, governors said there was an "appalling misdirection from ministers to accept their responsibility".

The Parkhurst Prison Officers' Association secretary, Noel Mason, said the governor had not been given adequate Home Office financial support for proper security measures.

Mr Mason added: "They have gone for heads, including my members. We have said all along they would go for us and they have done."

Rise and fall, page 2
Inside Parliament, page 8
Leading article, page 17

£7m Cole takes goals to Manchester

Blair hits back at Clause IV rebels

BY DONALD MACINTYRE AND DARREN CLEMENT

Tony Blair, the Labour leader, last night responded to the increasingly public left-wing opposition to a new Clause IV by challenging the party to make up its mind that it was not a "preservation society".

In a fighting passage in a speech to businessmen last night, Mr Blair was making about the MPs who had attempted to overshadow his visit to Brussels and Nantes [illegible] amid signs of disarray among the MEPs who opposed an amendment to a [illegible] advertisement in yesterday's Guardian.

At the same time, the modernisers and hard-left campaigns against the change – aimed at persuading unions and constituencies to stand by the Clause – was launched at a news conference attended by Tom Sawyer, the veteran MP for Chesterfield and Jim Mortimer, the former general secretary of the Labour Party. Left-wing opponents are expected [illegible] the newspaper. He was joined by two other colleagues.

In Westminster even some MPs strongly supportive of the leadership acknowledged varying degrees of opposition within their constituency parties while the Labour leadership took heart with a pre-Christmas poll of constituency parties carried out by Tribune that suggested 68 out of 82 parties were opposed to change.

In the trade unions, the right believes that where the "chiefs are down [illegible] Nalgo [illegible]

FIGURA 40 - Detalhe da primeira página do The Independent (Inglaterra)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18



FIGURA 41 - Primeira página do ABC (Espanha)

EL MUNDO
DEL SIGLO VEINTIUNO
AÑO VII NUMERO 1.894 PRECIO: 110 PTS. CON MAGAZINE: 250 PTS. MADRID, SABADO 28 DE DE ENERO DE 1995

Dios, al que quiere hacer en el combate de la vida, le convierte en personalidad independiente. (Ibsen)

CON EL RESPALDO DE LA JUNTA DE FISCALES POR 13 VOTOS CONTRA TRES

El fiscal general desoye a González y renuncia a querellarse contra Alcaraz

Alega que 'el espacio de la libertad de expresión se amplía cuando se trata de un representante del pueblo' y que 'los límites de la crítica admisible son más amplios respecto al Gobierno que a un particular o a un político' — 500 dirigentes de IU repiten por escrito que consideran que González es el señor X de los GAL

MADRID.— El fiscal general del Estado, Carlos Granados, renunció ayer, desoyendo la instancia de Felipe González, a presentar una querella contra Felipe Alcaraz, diputado de Izquierda Unida que identificó en unas declaraciones al presidente del Gobierno con la «X» de los GAL.

Granados tomó esta decisión con el respaldo de 13 de los 16 miembros de la Junta de Fiscales.

Entre los argumentos de la Fiscalía se encuentran el de que «el espacio de la libertad de expresión se amplía cuando se trata de un representante del pueblo». Además, la Fiscalía recuerda que «los límites de la crítica admisible son más amplios respecto al Gobierno que a un particular o a un político».

La decisión del fiscal general se conoció sólo unas horas después de que IU presentara en la Fiscalía las firmas de 500 dirigentes y cargos públicos de la federación que, asumiendo las declaraciones del diputado sevillano, consideran que González es la «X» de los GAL.

Tras conocer la decisión de Granados, IU hizo público un comunicado felicitándose por el mismo y recordando al Gobierno que «él no puede ni se debe judicializar la vida política».

Pág. 7



UNO DE CADA MIL ESPAÑOLES DUERME EN LA CALLE

Cuarenta mil españoles carecen de un hogar en el que vivir, según un informe de Cáritas presentado con motivo del Día de los Sin Techo, que se celebra hoy. Una jornada dedicada a los «nuevos pobres», como los dos jóvenes de la fotografía, cuyo único techo no es otro que el de una estación de Metro de Madrid. Son los frutos más tremendos, el sufrimiento que la sociedad del bienestar ha destinado para referirlos a sus desheredados.

Pág. 24

Fuerte contestación en HB de Navarra contra el asesinato de Gregorio Ordóñez

- Numerosos concejales, entre ellos los cuatro del Ayuntamiento de Pamplona, critican el atentado y lo consideran un error político
- El Gobierno remite al fiscal general los documentos de KAS en los que se propone matar periodistas

PAMPLONA.— Los cuatro concejales de HB en Pamplona, el Comité Local y los cuadros de la coalición radical de la localidad navarra de Barañáin, así como un concejal de Burlada, expresaron ayer su rechazo al asesinato de Gregorio Ordóñez, hecho que calificaron de «error político».

Paralelamente, Carlos Granados, fiscal general del Estado, ordenó ayer al fiscal jefe del Tribunal Superior de Justicia del País Vasco que incoe diligencias por las amenazas contra los periodistas contenidas en el documento de la Koordinadora Abertzale Sozialista (KAS), revelado el pasado jueves por el diario *El Correo Español-Act.*

Pág. 12

EN EL MUNDO

8/El Gobierno mantiene a García Candau, a pesar de las críticas de Belloch y dirigentes socialistas
Rubalcaba defiende la continuidad del actual equipo directivo de RTVE

17/Crece la tensión entre Ecuador y Perú tras enfrentamientos de ambos ejércitos en la frontera

45/El Gobierno corrige los Presupuestos Generales del Estado en 550.000 millones de pesetas

LA ESFERA

25 años sin Bertrand Russell

CINELANDIA

Fernán Gómez: 'No tengo ni idea de cómo es el público español'

López Riaño quiere extenderlo a toda España

La Generalitat estudia dar heroína gratis a los drogadictos crónicos

BARCELONA.— La Generalitat de Cataluña estudia dispensar heroína a los toxicómanos crónicos que no respondan a otros tratamientos de desintoxicación.

Esta experiencia se pionera en España, y se apoya en un programa similar que se aplica actualmente en Suiza y Gran Bretaña.

El delegado del Plan Nacional sobre Drogas, Carlos López Riaño, expresó ayer en Barcelona su apoyo y pidió que experiencias como ésta se trasladen a todo el país.

Pág. 22

Las ventas se han multiplicado por 10 esta semana

Los consumidores acaparan aceite ante el temor a una fuerte subida

MADRID.— La secretaria general de Alimentación, Regina Revilla, ha desatado el pánico entre los consumidores al vaticinar una subida espectacular del precio del aceite de oliva.

Ayer, a última hora de la tarde, Regina Revilla corrigió sus palabras y llamó a la calma, asegurando que «los precios no van a aumentar más».

Entre tanto, los mayores hipermercados se han visto totalmente desbordados por una demanda sin precedentes de aceite de oliva.

Pág. 48

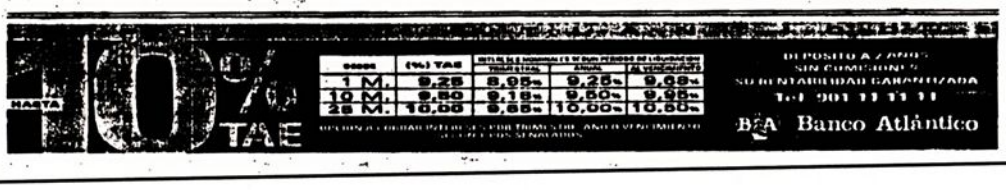


FIGURA 42 - Primeira página do El Mundo (Espanha)



LITERATUR: *Bruno Steigers kunstvoller «Pollock»-Roman* ▶Seite 24

SPIELZEUG: *Recycling-Kunst aus Madagaskar* ▶Seite 36

LNN

LUZERNER NEUSTE NACHRICHTEN

UNABHÄNGIGE SCHWEIZER TAGESZEITUNG

AZ 6000 LUZERN 2, ABONNEMENTE/ANZEIGEN 041 - 39 12 12, REDAKTION 041 - 39 15 15 — FREITAG, 24. DEZEMBER 1993 / NR. 298 / FR. 1.80

REGEN SCHNEE 3°/2°

WETTER SEITE 12

AUSLAND

Krieg in Bosnien trotz Weihnachten

An die vereinbarte Waffenruhe für die Weihnachtstage halten sich die Kriegsscharen in Bosnien nicht. Die Uno hat gestern 150 eingeschlagene Geschosse in der Serajevo gezählt. Die «Friedensverhandlungen» in Brüssel sind ohne Einigung zu Ende gegangen.

▶ Seite 3

SCHWEIZ

Acht Milliarden Franken fehlen der Bundeskasse

In der Bundeskasse klafft Ende Jahr voraussichtlich ein Loch in der Höhe von acht Milliarden Franken.

Grüne Weihnachten

Die Natur könnte noch so winterlich weiss aussehen, Weihnachten gleicht einem grünen Fleck im grauen Dezember, durch den Menschen, ameisengleich, gripig im Kopf und am Herzen, nervöser als in andern Monaten hetzen.

Wenn der 24. Dezember naht, erscheint grünes Licht am Ende des Tunnels. Weihnachten wird zur Oase der Einkehr. Das Grün als Symbol von Leben und Wachstum ist in diesen Tagen unfehlbar am Platz – so wie auf dem Bild der Luzerner Künstlerin Irene Wyller: Weihnachten ist so kurz und muss so lang wieder wirken.

Wir wünschen unseren Leserinnen und Lesern frohe und besinnliche Tage.

▶ Seite 2

FIGURA 43 - Detalhe da primeira página do Luzerner Neuste Nachrichten (Suíça)

No que se refere às artes impressas, não há dúvidas quanto às possibilidades expressivas que os computadores proporcionaram às artes impressas. Dentro desse paradigma, Michael Heim(1993, In, ***The metaphysics of virtual reality***), especialista em realidade virtual, atentou para o processo de materialização da arte por intermédio da informação, destacando que o profissional de comunicação vive constantemente em busca de informação. Tudo se acessa rápida e instantaneamente nesta nova era, gerando a maior quantia de dados com o menor significado possível:

> *"We expect access to everything now, instantly and simultaneously. We suffer from a logic of total management in which everything must be at our disposal. Eventually, our madness cost us. There is a law of diminishing returns the more information accessed, the less significance is possible. We must not lose our appreciation for the expressive possibilities for our language in the service of thinking".*[1]

Essa quantidade expressa de informação pode fundir-se em desinformação, o que Walter Benjamin(1978) chamava de *entropia*, reduzindo em si um prazer estético. Portanto, com um planejamento de execução dessas possibilidades, através de um projeto editorial, irá se tornar realidade a anulação desse efeito.

Quanto à esfera editorial, as *desktop publishings* -

---

1. **N.T.** *"Nós esperamos acessar tudo agora, de forma imediata e simultânea. Sofremos com uma lógica da 'completa maniputalação', na qual tudo necessita estar a nossa disposição. Finalmente, nossa loucura nos custa... Há uma lei da diminuição do retorno, onde a maior informação acessada representa o menor significado possível. Não devemos perder nossa apreciação pelas possibilidades expressivas de nossa linguagem a serviço do pensar"*

reestudadas na sua elaboração - apresentam os clichês existentes nessas produções. Deve-se entender o computador- conforme exposto até agora - como um parceiro, que fornece novas ferramentas para tornar completa a produção artística, através de experiências estéticas cada vez mais pujantes.

Para realizar um estudo dos avanços da informática, diferentes aspectos da produção da mídia impressa através dos equipamentos devem ser considerados e revistos. John Cohen(1971, In, ***Creativity, art and technology***, p. 25), aponta o preconceito na criação por intermédio da tecnologia:

> *"There is, certainly, in respect to creativity, no natural opposition between technology and the arts, for it is sheer prejudice to suppose that technology is routine, prosaic and pedestrian, while all fecundity of invention belongs to the arts, a prejudice which can only be sustained by begging the question of issue "*[2]

Afora esta proposição, o trabalho informatizado atravessa outras barreiras. Portanto, o que seria o trabalho informatizado? O computador passará da figura de um servo para a de um mestre? *Deve-se, assim, destacar a inteligência da máquina (artificial) não como um exercício pela Filosofia mas um projeto de engenharia para a Filosofia* (Donald Michie, ***Computer - servant or master***, p. 191, 1971). Usufruir das potencialidades tecnológicas da

---

2. **N.T.** *"Não há, certamente, em relação à criatividade, uma oposição natural entre tecnologia e arte, pois é puro preconceito supor que a tecnologia é rotineira, chata e desinteressante, enquanto toda fecundidade da invenção pertence às artes; um preconceito que só pode se sustentar simplesmente aceitando-se a questão."*

máquina não corresponde entregar-se a um *ostracismo criativo* e sim representa um leque de alternativas para atingir um *objetivo criativo*.

Ao se atentar para essas considerações, o trabalho informatizado terá na execução uma nova abrangência.

3.2 **Infra-estrutura tecnológica**

Para dar apoio às atividades das duas esferas da produção - a arte e a máquina, houve a necessidade, evidente, do que se convenciona chamar de *infra-estrutura tecnológica*. Ela, no entanto, explica o surgimento da produção especializada e de criação gráfica com rapidez e qualidade. Considerando-se os avanços na operacionalização gráfico-editorial, faz-se necessário apresentar as máquinas que são empregadas nesta atividade.

Inicialmente, o usuário dos serviços de editoração eletrônica necessita compreender as nomenclaturas técnicas dos computadores. Um computador, de última geração, possui um processador Pentium®, que corresponde a uma placa altamente complexa, onde se realizam cálculos binários, envolvendo bytes, com uma rapidez incrível. Um byte representa um conjunto de 8 bits, ou seja, 8 unidades binárias ("0" e "1") de informação.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Para auxiliar na leitura da capacidade de processamento, as unidades de byte possuem simplificações na leitura. Assim, 1 byte, 8 bits; 1 Kbyte, 1.000 bytes; 1 Mbytes, 1.000.000 bytes; 1 Gbyte, 1.000.000.000 bytes; 1 Tbyte, 1.000.000.000.000 bytes = 1.000 Gbytes.

Diante disso, os softwares de editoração eletrônica, que agregam uma quantidade expressiva de dados, necessitam de máxima velocidade possível no processamento desses bytes de informações. Esses programas possuem unidades tanto gráficas como de cálculos, razão pela qual seus dados ocupam a extensa memória de armazenamento: um disco rígido, chamado de *winchester*.

Seguido da placa principal, estes aplicativos exigem também memória, a denominada *Randomic Acess Memory(RAM)*, ou seja, memória de acesso temporária, para acessar a winchester. Todo esse sistema assemelha-se a um toca-discos laser, cuja música será a execução dos programas específicos.

Coadjuvando a memória RAM, que dará agilidade nessa operação de decodificação dos dados, o computador conta também com a memória permanente, definida como *Read Only Memory(ROM)*. Nesta última, estão codificadas as instruções necessárias à inicialização do sistema, que não se alteram e não desaparecem mesmo quando o microcomputador é desligado.



Para que as informações do sistema cheguem até à winchester, outros pequenos discos efetuam essa transferência, o que se convencionou chamá-los de disquetes, cujas capacidades de bytes variam. O mercado de informática ofereceu há um tempo discos de 5 1/4, com a capacidade de 360 Kbytes e 1.2 Mbytes; depois, mais tarde, de 3 1/2, 720 Kbytes e 1.44 Mbytes; atualmente, utilizam-se os *compacts discs*(cd) que oferecem grande potencialidade, cerca de 640 Mbytes.

Assim, o ideal para o processamento dos aplicativos gráficos é um microcomputador com placa Pentium®, memória RAM de 8 a 16 Mbytes, winchester de 1.2 Gbytes ou superior, processador de 133 MHertz, um monitor colorido de 256 cores com placa de 1 Mbytes, cd-rom, unidades de disquetes de 1.2 e 1.44 Mbytes etc. Essas são algumas das configurações, consideradas mais importantes, para o melhor acesso às informações gráficas dos softwares.

Quando da aquisição de um equipamento semelhante, geralmente os vendedores orientam quanto às especificações técnicas ideais para tal serviço. Mas, o processamento dos dados não basta para a conclusão da editoração eletrônica; ela se completa nos periféricos: impressoras e digitalizadores de imagens.

Uma impressora muito usada vem sendo a laser, com capacidade de até 1 mil dpi's; quanto ao digitalizador de imagem,

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

chamado de *scanner* (do inglês, *scan = investigar, capturar*), trata-se de um periférico que traduz a leitura ótica de fotos, gráficos, em bytes.

Tais periféricos trabalham com dpi's de entrada e saída. Algumas lasers têm saída de impressão de até 1 mil dpi's, certos scanners contam com 600 dpi's ou mais de entrada. Nessa relação, é possível compreender a importância da resolução quanto às capacidades técnicas.

Além dos hardwares, diversos softwares devem ser adquiridos para efetivar a editoração eletrônica. Para a diagramação e montagem final, o PageMaker 5.0® ou superior - *conforme se abordou no capítulo 2* - é amplamente utilizado; em relação ao scanner, há diversos programas específicos, dentre os quais o Photoshop® e muitos outros. Já as impressoras são gerenciadas pelos softwares citados, não necessitando de um programa exato.

3.3 Comportamentos Editoriais e Estéticos da Editoração Eletrônica

Uma vez montado o bureau, o profissional de comunicação estará diante de uma mini-editora. Poderá produzir seus impressos, seus jornais, enfim, utilizar dos recursos editoriais. Nessa

relação, novos comportamentos se constatam. Graças às facilidades do manuseio dos equipamentos, uma linguagem específica surge com expressões que mesclam o português e o inglês técnico. Assim, ao se imprimir fala-se *dar um print*, ao se produzir um jornal associativo ou uma arte-gráfica, diz-se *fazer DTP*(DeskTop Publishing). Há outras frases peculiares que, no entanto, reproduzem a fusão *idiomática*.

Além das expressões, percebe-se estruturas de diagramação concernentes. A adoção, por exemplo, do papel A4 (21 cm X 29,7 cm) na produção da maioria dos jornais; em alguns casos adota-se o tablóide (27,94 cm X 43,18).

Na exploração dos formatos, os bureaus procuram montar as artes, em vez de imprimi-las como um todo, ou seja, as impressoras lasers, em sua maioria, não imprimem em formato maior que A4 ou Legal (21,59 cm x 35,56 cm). Portanto, o que exceder essas dimensões, necessitará passar pelo past-up, uma montagem manual.

Diante dessas considerações, os bureaus produzem uma seriada produção de *newsletters* adequadas aos formatos A4, Letter, Legal, ou ainda A3 (29,7 x 42 cm); muitas vezes utiliza-se o Tablóide (27,94 cm x 43,18 cm). Assim, as pequenas publicações especializadas são acondicionadas nesses formatos e o que extravasar tais dimensões passará pelo crivo da edição.

unesp

Por se evitar a todo custo a edição manual, os editores dessas publicações procuram forçar essa *tendência*. Com isso, nota-se uma estética preconcebida, resultado de *uma estética do menor esforço*. Ou ainda, trabalhar apenas a área de impressão disponível.

Também a falta de equipamentos ou acessórios faz com que essa estética seja reduzida na sua qualidade, sem, contudo, obstruir a criação. Às vezes, por memória RAM escassa do micro, o editor procura reduzir as fontes das letras, que ocupam muitos bytes; elimina gráficos ou fotos, que são as vedetes na utilização excessiva de RAM e winchester. Enfim, a edição do periódico se implementará, mas dependerá dos recursos disponíveis, que, na maioria das vezes, sofre esses paradigmas.

3.4 O modo de produção editorial e estético

Masuda(1982:85) realizou estudos comparativos dos resultados das tecnologias de informação nas sociedades e, em especial, a japonesa. Estes estudos demonstram os impactos que a revolução informativa geraram no meio social. Dos diversos confrontos entre tecnologia e sociedade, *conforme atesta a figura 44*, na esfera da produção, um primeiro aspecto seria um aumento nas

unesp

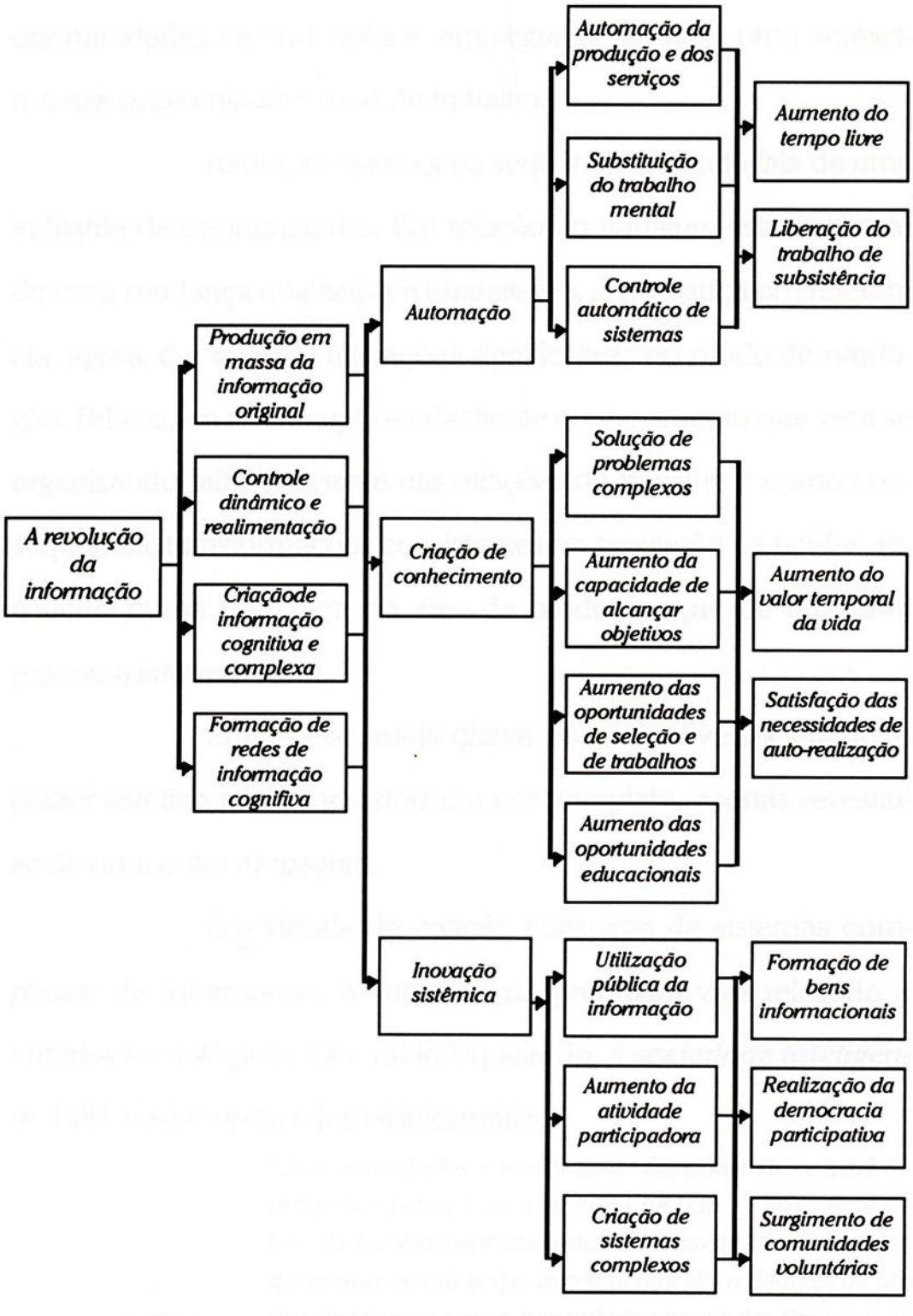


FIGURA 44 - A Revolução da Informação e seu Impacto Social

Fonte: MASUDA, Yoneji. ***A sociedade da informação***, 1982, p. 80.

oportunidades de educação e, em seguida, também uma acréscimo das oportunidades, mas no trabalho.

Assim, nessa mesma seqüência, Masuda fala de uma indústria de oportunidades. Em relação ao trabalho, está-se diante de uma mudança qualitativa e quantitativa. A mudança em referência, agora, é o fato das alterações significativas no modo de produção. Fala-se em automação e criação de conhecimento que vem se organizando principalmente nas relações de trabalho e como conseqüência, transformações consistentes na execução de tarefas, refletindo numa mudança no eixo de produção que de *artesanal* passou a *informacional*.

Embora se esteja diante de uma nova sociedade, o prazer estético não se transformou por completo, apenas revestiu-se de uma outra roupagem.

Em virtude da criação constante de sistemas complexos de informação, o substrato da produção vive relegado a critérios tecnológicos. Ethevaldo Siqueira(In, ***A sociedade inteligente***, 1987:169) ressalta o jornal informático:

> *"Bancos de dados e terminais de fac-símile (telecópia) interligam o jornal com o resto do mundo. O texto final do jornal é também armazenado em computador e pode chegar à casa de um grupo experimental de assinantes de um tipo de telenewspaper, transmitido através dos fios telefônicos, e que pode ser transferido para folhas de papel em copiadoras especiais ou simplesmente ser projetado no vídeo do televisor doméstico".*

Mais adiante, numa análise dessa sociedade, vislumbra-se um novo espaço, ou seja, o *Cyberespaço*, que compreende a junção de informática e telecomunicação: a telemática. Os periódicos, ou as newsletters, continuarão sendo produzidos nas telas dos computadores, por meio de softwares e hardwares avançados, mas não necessitarão - e já não estão necessitando - da impressora laser/fotocompositora etc., conquanto, serão enviados via Internet, para acesso às mais diferentes comunidades. *Esse espaço virtualizado efetuou pela primeira vez a junção entre massividade e interatividade*[3].

Tal mudança no espaço não representa a extinção ou troca de uma mídia por outra. Acredita-se que um novo público na certa se formará para acessar as newsletters ou qualquer outro produto por intermédio do *Cyberespaço*, contudo, verifica-se que a a mídia impressa continuará oferecendo os seus préstimos por muito tempo. Seria o mesmo que comparar a relação tv - cinema, meios que co-existem, formando públicos distintos de geração a geração. A mídia impressa não seria uma exceção nesse processo, e sim uma nova etapa do desenvolvimento dos media.

---

3. Cf. CARDOSO, Cláudio. "Vínculo e compromisso social no Cyberespaço". In: ***Comunicação &política***, n.s., v.3, n.1, p.77 jan.-abr.1996.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

3.5 *Liberdade Informática e Novos Direitos*

A Editoração Eletrônica vem dando passos cada vez mais rápidos, cuja atualização - ou *up-to-date* - vem sendo na mesma proporção dificultada. Os bureaus sempre estão atrasados nas versões dos softwares e hardwares etc., no entanto, a produção de impressos prossegue. Seus horizontes e sua linha mestra, que é a de levar à execução plena das potencialidades editoriais a custos mais baixos, estão se transformando.

As facilidades ressaltadas em itens anteriores apontam para outras polêmicas. A liberdade, proposta pela informática, estaria invadindo direitos? Se todos podem acessar os equipamentos e produzir jornais, qual a necessidade de um profissional qualificado para tal? Assim, deve-se pensar as potencialidades da informatização enquanto respeito às leis vigentes.

Quanto aos direitos, Maria Rosa Amorós(In, *Telos*, ***Liberdad informatica y nuevos derechos***, 129-37:1993) destaca o direito de acesso e de retificação presentes na liberdade informática, mas, por outro lado, aponta a possível ameaça à privacidade. Pode-se com os recursos disponíveis manipular informações e condicionar o acesso à gama de informações por meio de códigos. Diante disso, a necessidade crescente de leis normativas se impõe. Países altamente informatizados já despontam com normas inédi-

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

tas a fim de equilibrar os direitos e deveres. A sociedade informática está se deparando com novos horizontes, cujas regras se apresentam incógnitas. O futuro nos dirá.

3.6 *Jornalismo, Ética e Qualidade*

O jornalismo especializado representa hoje uma etapa importante na formação profissional do jornalista. Especializar-se, num sentido mais amplo, representa aprofundar-se num determinado assunto; trabalhá-lo com afinco, então, é outra faceta para atingir o segmento alvo. É evidente que para chegar a isso, o comunicador necessita passar por uma fase de aprendizado. Surge aí a figura da editoração eletrônica dos pequenos bureaus, que redireciona o profissional a um determinado público. A partir desse primeiro contato, o jornalista estará capacitado para chegar à especialização da Grande Imprensa.

É bem verdade que parte dessa preparação advém da formação acadêmica, mas na prática, o conhecimento das deficiências dos cursos, fazem-se sentir. Talvez por essa carência informativa, o profissional de comunicação se vê forçado muitas vezes a fazer *marketing* das empresas com as quais trabalha. E quando chega à Grande Imprensa, então, defronta-se com toda uma tecno-

unesp

logia que legitima o quadro, denominado por Di Franco (1995), como *MacDonaldização do Jornalismo*.

Contando com técnicas avançadas de dados, a Imprensa percebe a carência de conteúdo de suas matérias; somente os recursos tecnológicos não bastam. Teme-se, no entanto, a crescente implantação de tecnologias ultra-avançadas, substituindo uma gama imensa de profissionais de comunicação, desde diagramadores, fotógrafos, repórteres etc. Para onde as novas tecnologias estariam levando a nossa sociedade? Até que ponto o corpo social suportaria a substituição do homem pela máquina? Crê-se na criação de empregos diferenciados com as novas tecnologias, como atesta Masuda, mas é mister rever a dimensão exitente entre crença e realidade.

unesp

Conclusão

Editoração Eletrônica:
Tecnologia com responsabilidade social

unesp

4 CONCLUSÃO

Editoração Eletrônica: Tecnologia com responsabilidade social

A **Editoração Eletrônica** foi analisada sobre diferentes aspectos durante este trabalho dissertativo, desde sua origem aos seus impactos na sociedade de hoje.

No primeiro capítulo, "***Aspectos do desenvolvimento da comunicação***", contextualizou-se os *media*, resgatando os primórdios da comunicação. Para tanto, uma trajetória que alavancou os veículos informativos desde a Idade da Pedra à Sociedade da Informação. Aí esteve presente o processo evolutivo da comunica-

unesp

ção humana e, por assim dizer, as etapas da produção informativa. Assim, vislumbrou-se os novos estilos dessa produção, onde a espacialização sofreu transformações. Agora, o espaço possui uma nova práxis e a Editoração Eletrônica é parte dessa interação.

Em seguida, no segundo capítulo, "***A Editoração Eletrônica***", os produtos informativos especializados da editoração encontraram na eletrônica um meio para sua evolução sem precedentes, gerando facilidades jamais imaginadas, que condicionou em grande parte a *criatividade*, possibilitará um aumento no *desemprego* etc, conforme foram apontados no terceiro capítulo, "***Informatização: Impactos Editoriais e Estéticos***". Em contrapartida, tais impactos também têm resultados satifatórios, como a melhoria da qualidade da produção e, como conseqüência, a ampliação do tempo de lazer.

Investigando-se a produção em série dos jornais e revistas, configurou-se rápida a função desse novo mecanismo de disseminação informativa, que é a da *estética do menor esforço numa escala de tempo reduzida*. Conclui-se, então, que é mister propor novos estilos de diagramação, de acordo com as *figuras 17 e 18*, bem como, de forma mais abrangente, a reorganização da esfera do trabalho por meio de um projeto participativo, onde criatividade e instrumentos eletrônicos avancem para novos horizontes, conquanto, a tecnologia esteja sempre a favor do social.



5 BIBLIOGRAFIA

ADEUS a Gutenberg?: a editoração diante das novas tecnologias. São Paulo: ECA/USP,1983.

ALBERT, P. & TERROU, F. **História da imprensa.** Trad. Edison Darci Heldt. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BASTOS, Lília da Rocha et al. **Manual para a elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses, dissertações e monografias.** 4 ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995.

BAUDRILLARD, Jean. "A xerox e o infinito". In: BAUDRILLARD, Jean. **A transparência do mal: ensaio sobre os fenômenos extremos**. Trad. de Estela dos Santos Abreu. Campinas: Papirus, 1990.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo.** 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Com-Arte, 1992.

BENJAMIN, Walter. "A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica". In: LIMA, C.L. **Teoria da cultura de massa.** Rio de

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Janeiro: Paz e Terra, 1978.

BORDIEU, Pierre. "O mercado de bens simbólicos". In: BORDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, Cap. 3.

BUENO, W. da Costa. **Jornalismo científico no Brasil: os compromissos de uma prática dependente**. São Paulo, 1984. (Tese-Escola de Comunicações e Artes da USP).

BUSCH, David. **PC/MS Dos 4.0 para usuário de discos rígidos**. Trad. Júlio Botelho. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. Ed., 1990.

CANCLINI, Nestor. **A produção simbólica e teoria e metodologia em sociologia de arte.** Trad. Glória Rodrigues. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1979.

CARBONCINI, Anna (org.) **A virada do século.** São Paulo: Paz e Terra/Unesp, Secretaria de Estado da Cultura, 1987.

CAMPBELL, Joseph c/MOYERS, Bill. **O poder do mito**. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

CASSIRER, Ernest. **Linguagem e mito**. Trad. J. Guinsburg e Miriam Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 1972.

CERVO, Amado Luiz & BERVIAN, P. A. **Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários.** São Paulo: McGraw-Hill do Brasil,1983.

COHEN, John. "Creativity, technology and art". In: REICHARDT, Jasia et al. **Cibernetic, art and ideas.** London: Studio Vista, 1971.

CORRÊA, Tupã Gomes. **Editoração: conceitos, atividades, meios.** São Paulo: EDINAC, 1988.

DI Franco, Carlos Alberto. "Macdonaldização do jornalismo". In: DI Franco, Carlos Alberto. **Jornalismo, ética e qualidade.** Petrópolis: Vozes, 1995.

ENCICLOPÉDIA Tecnológica Planetarium. São Paulo: Editora Abril, v. 4, 1976.

FADUL Anamaria(org.). **Novas tecnologias de comunicação: impactos políticos, culturais e sócioeconômicos**. São

Paulo: Summus, Intercom, 1986.

GAMA, Ruy. **A tecnologia e o trabalho na história**. São Paulo: Nobel, Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

GIOVANNINI, Giovanni (coord.). **Evolução na comunicação: do sílex ao silício**. Ensaios de Barbara Giovannini et al., trad. Wilma Freitas Ronald de Carvalho, rev. tec. André Luiz Lázaro, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

GRANDE Enciclopéida Larousse Cultural. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.

HAJE, Bahiji. **O processo gráfico: da redação à impressão.** Bauru: Universidade de Bauru, 1987.

HEIM, Michael. **The metaphysics of virtual reality.** Oxford: Oxford University Press,1993.

HOLTZMAN, Steven. **Digital Mantras - the language of abstract**

and virtual words. Cambridge: The Massachusetts Institute of Technology, USA, 1994.

HUGHES, Kenneth L. **Desktop publishing handbook - for users of DOS-based PCs.** Texas: Wordware Publishing, Inc., 1994.

LEWELL, John. **Aplicaciones graficas del ordenador.** Madrid: Helmann Blume, 1986.

MARCONDES FILHO, Ciro. **A linguagem da sedução: a conquista das consciências pela fantasia.** São Paulo: Perspectiva, 1988.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão: a vida pelo vídeo.** São Paulo: Moderna, 1988.

MASUDA, Yoneji. **A sociedade da informação como sociedade pós-industrial**. Trad. Kival Charles Weber e Angela Melim. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1982.

MCLUHAN, Marshall. "A imagem, o som e a fúria". In: ROSEMBERG, Bernard & WHITE, David Manning(org). **Cultura de massa: as artes populares nos Estados Unidos**. Trad. de Otávio M. Cajado. São Paulo: Cultrix, 1973.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

MICHIE, Donald. "Computer - servant or master". In: REICHARDT, Jasia et alli. **Cibernetic, art and ideas.** London: Studio Vista, 1971.

MOLES, Abraham. **Computador e arte.** Trad. Pedro Barbosa. Colab. Elisabeth Rohmer. 375. ed. rev. aum. Lisboa: Afrontamento Ed., 1992.

NOLL, A. Michael. "The digital computer as a creative medium". In: **Cibernetic, art and ideas.** London: Studio Vista, 1971.

NORMAS para publicações da Unesp. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, v. 4, 1994.

PARKER, Geoffrey. **Atlas da história do mundo.** 4 ed. São Paulo: Folha de São Paulo/Times Books, 4 ed., 1995.

PARKER, Roger C. **Editoração eletrônica: wordperfect 5.0 & 5.1.** Trad. Daniel Vieira, Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos

unesp

Ed., 1991.

PARKER, Roger C. & KRAMER, Douglas. **Aldus pagemaker 4.0 para as versões windows e macintosh.** Trad. Daniel Vieira. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Ed., 1991.

PINSKY, Jaime. **Editoração.** São Paulo: SESC/ECA-USP, 1991.

PROCTER, Paul (editor). **International dictionary of english: guides you to the meaning.** Cambridge, United Kingdon: Cambridge University Press, 1995.

RIBEIRO, José Cláudio. **Sempre alerta: condições e contradições do trabalho jornalístico.** 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RIBEIRO, José Hamilton (coord. e editor). **Que é isso, computador?** São Paulo: Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo, 1982.

SCHAFF, Adam. **A sociedade informática**. Trad. Carlos Eduardo Jordão Machado e Luis Arturo Obojes. São Paulo: Unesp-Brasiliense, 1985.

unesp

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de lingüística geral.** São Paulo: Cultrix, 1972.

SIQUEIRA, Ethevaldo. **A sociedade inteligente**. São Paulo: Bandeirantes, 1987.

SOARES, Murilo A. **História da comunicação.** Bauru: FAAC/ Unesp, 1987.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O mundo dos jornalistas.** São Paulo: Summus, 1993.

WISNICK, José Miguel et al. **A virada do século**. São Paulo: Paz e Terra-Unesp, Secretaria de Estado da Cultura, 1987.

VIANNA, Ruth Penha Alves. **Informatização da imprensa brasileira**. São Paulo: Loyola, 1992.

YOUSSEF, Antonio Nicolau & FERNANDEZ, Vicente Paz. **Informática e sociedade.** 1 ed. São Paulo: Ática, 1985.

ARTIGOS DE JORNAIS E REVISTAS.

A PINTURA dos magos das cavernas. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 8 dez.1996.

ALCADE, Jesús. **Multivisión: el espetáculo audiovisual.** *Telos*, Barcelona: Fundesco, v. 23, p.13-23, set. nov. 1990.

AMORÓS, Maria Rosa Abad. **Liberdad informatica y nuevos derechos.** *Telos*, Barcelona: Fundesco, v. 33, p.129-37, mar. mai. 1993.

CARDOSO, Cláudio. **Vínculo e compromisso social no cyberespaço.** *Comunicação & Política*, Rio de Janeiro, 3(1):76-93, 1996.

CARLOS, Cássio Starling & BEIGUELMAN, Giselle. **Toda a memória do mundo.** *Folha de São Paulo*, São Paulo, 17 nov. 1996.

FURTADO, Celso. **Os desafios da globalização.** *Folha de São Paulo*, São Paulo, 1º dez. 1996.

GONÇALVES, Marcos Augusto. **2096.** *Folha de São Paulo*, São Pau-

lo, 31 jul.1996.

GUALDA, Regina Elena Crespo. **Transferência de tecnologia e de pendência.** *Comunicação & Política*, Rio de Janeiro, 2(3-4):91-105,1984.

HOMEM de Cro-Magnon era mais religioso do que artista. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 8 dez.1996.

JACOB, Jean Paul. **Máquina emotiva caça origem do homem.** *Folha de São Paulo*, São Paulo, 8 jan.1997.

KERCKHOVE, Derrick de. **Implicaciones psicológicas de las realidades virtuales.** *Telos*, Barcelona: Fundesco, v. 16, dez. nov. 1988-9.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** *Comunicação & Política*, Rio de Janeiro, 3(1):214-15, 1996.

MACEDO, Lino de. **O computador e a inteligência.** *Folha de São Paulo*, São Paulo, 4 ago. 1996.

MONT, Carmen Gómez. **Las NTI como objetos técnicos y simbólicos - hacia una nueva interpretación de las comunicación organizacional.** *Telos*, Barcelona: Fundesco, v. 24, p.43-53, dez. 1990 e fev. 1991.

MORENO, Júlio (coord.) **Da cidade de pedra à cidade virtual: contribuição para o debate sobre o futuro do nosso habitat.** Trad. Beth Saad, São Paulo: Agência Estado, 1996.

POSTMAN, Neil. **A ideologia das máquinas.** *Comunicação & Política*, Rio de Janeiro, 3(1):134-145, 1996.

SABATEL, Gil B. **O cérebro enlatado?** *Cidade Nova*, São Paulo, 7: 18-20, jul. 1988.

SANCHEZ-BIOSCA, Vicente. **Postmodernidad y relato el trayecto electrónico.** *Telos*, Barcelona: Fundesco, v. 16, 1988-9.

SENRA, Juan Menor & ALBERT, Alejando Perales. **Mito y discurso tecnológico.** *Telos*, Barcelona: Fundesco, v. 19, set. nov. 1989.

SEVCENKO, Nicolau. **McLuhan assombra o rei.** *Folha de São*

Paulo, São Paulo, 23 fev. 1997.

SHIMIZU, Heitor & SETTI, Ricardo Balbachevsky. **Aqui se fabrica o futuro.** *Superinteressante*, São Paulo, v. 3, mar. 1996.

SILVA, José Luiz. **Gutenberg busca 'democracia'.** *Folha de São Paulo*, São Paulo, 17 nov. 1996.

VARGAS, Milton. **A imagem tetraédrica da tecnologia.** *Folha de São Paulo*, São Paulo, 7 jul.1996.

JORNAIS E REVISTAS.

AMARAL, Domingos et. al. (editor). **O independente.** Lisboa, ano 7, 5 jan. 1996.

BRITO, João Carlos de (editor) **Publish - arte e tecnologia de design, editoração e impressão.** Rio de Janeiro, n. 27, nov. dez. 1996.

BÜHLMANN, Karl (editor) **Luzerner neuste nachrichtein.**

Lucerna, n. 298, 24 dez. 1993.

CEREJA Momento Agrícola. Jaú: Cereja Cerais,1996.

FERENCZI, Thomas et al. (editor) **Le monde.** Paris, ano 51, n. 15.550, 24 jan. 1995.

FOLHA da Medicina. Jaú: Associação Paulista de Medicina,1996.

FOLHA Calçadista. Jaú: RedeFolha,1996.

JULY, Serge. (editor) **Liberation.** 2 ed. Paris, n. 4809, 5 nov. 96.

LEONARDO - JOURNAL OF THE INTERNATIONAL SOCIETY FOR THE ARTS SCIENCES AND TECHNOLOGY. Oxford: Pergamon Press, 24(5):585-90, 1991.

MAZZARELLA, David (editor) **USA today.** Arlington (VA), n. 38,vol. 15, 6 nov. 1996.

MIELI, Paolo (editor) **Corriere della sera.** Milão, vol. 3, 6 nov. 1996.

MILLS, Heather (editor). **The independent.** Londes, n. 2.568, 11

jan. 1995.

SAAVEDRA, Ricardo de. (editor) **Diário de notícias.** Lisboa, ano 132, 16 jan. 1996.

SALAS, Alfonso de. (editor) **El mundo.** Madri, n. 1904, ano 7, n 1904, 28 jan. 1996.

SULZBERGER, Arthur Ochs. (editor) **The new york times.** New York, vol. 147, n.50.602, 5 nov. 1996.

TENA, Guilhermo Lucas de. (editor) **ABC.** Madri, 5 jan. 1995.


0810000590